

Semanário
Director:
António Dias Lourenço

Avante!

Ano 53 - Série VII - N.º 595
23 de Maio de 1985
Preço: 40\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

Álvaro Cunhal no comício em Baleizão:

«A coligação
politicamente
já não existe.
Existe apenas
formalmente
a ver se impede
que o Governo
caia»

Págs. 1,2,3 e 4/Semana



Pelas ruas de Baleizão, após a romagem à campa de Catarina e a caminho do comício

O elemento determinante do fracasso deste governo na sua acção antinacional e antidemocrática reside na luta popular e na luta das forças democráticas. É a continuada e persistente resistência à destruição de Abril por parte dos trabalhadores e do povo o que barra o caminho a esta política, o que a conduziu ao fracasso, o que hoje abala os seus autores.

A direita não se divide por si, a coligação não se esboroa por si, o governo não cairá por si.

Editorial

PRÓXIMO DOMINGO NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

Conferência Nacional do PCP sobre o Poder Local e as eleições autárquicas

É já no próximo domingo que se realiza a Conferência Nacional do PCP sobre Poder Local e as Eleições Autárquicas. Mais de mil delegados e milhares de convidados participarão nos trabalhos que têm início logo de manhã, às 9 e 30 horas, no Pavilhão dos Desportos. Vindos de todo o País, onde muitos deles têm responsabilidades no trabalho desenvolvido pela APU nas autarquias, os delegados já participaram em intenso trabalho preparatório e procederam à análise de um documento-síntese, apreciação que continuará no plenário de domingo, durante o qual muitas intervenções contribuirão para o balanço da importante actividade da APU. Prevê-se, na sessão de abertura, o discurso do camarada Carlos Costa. A encerrar os trabalhos, tomará a palavra o camarada Álvaro Cunhal

Págs. 10 e 11/Semana



Sábado em Lisboa

Desfile da Juventude

Os jovens de Lisboa e Setúbal desfilam este sábado das Picoas ao Rossio, em Lisboa, para exigirem que o Ano Internacional da Juventude seja um impulso para a resolução dos seus problemas mais prementes. Promovido por cerca de 200 estruturas juvenis, o desfile de 25 de Maio, que decorrerá sob o lema «Paz, Participação, Desenvolvimento — Agir para Mudar» fará de Lisboa a capital da juventude, naquele que vai ser um desfile que a comissão promotora promete diferente

MULHER TRABALHADORA

«As mulheres trabalhadoras defrontam-se hoje em dia com gravíssimos problemas: nunca como hoje se verificou uma ofensiva tão ampla e generalizada contra os trabalhadores e as suas organizações que atinge particularmente as mulheres, de tal forma se pretendem pôr em causa os direitos e benefícios conquistados. (...)

«Por esta situação são evidentemente responsáveis os sucessivos governos que têm levado a cabo uma política antioperária, de recuperação capitalista e actualmente até de subversão do regime.

«As mulheres trabalhadoras, tal como participaram e contribuíram directamente para os progressos verificados, também participaram e participam na luta que tem vindo a ser travada em defesa desses progressos, e a sua combatividade, firmeza e resistência são indispensáveis para uma alteração da situação actual.»

Da Carta Reivindicativa e de Acção Sindical aprovada na II Conferência Sindical da Mulher Trabalhadora realizada no passado fim-de-semana — Pág. 8/Semana



Frente ao Ministério do Trabalho, na Praça de Londres, durante a concentração de quinta-feira passada

Sindicatos mobilizam para o próximo dia 4

- Previstas paralisações nos transportes
- Greve nacional dos professores anunciada para amanhã

Págs. 7 e 8/Semana

Zangam-se os compadres

Numa coisa o congresso do PPD/PSD realizado no passado fim-de-semana patenteou indesmentível coerência e adequação às circunstâncias: a escolha do local.

As fotografias divulgadas pela imprensa ou as imagens da TV que mostram os srs. Salgueiro ou Cavaco e Silva, Machete ou Ângelo Correia circulando entre anúncios de sala de bingo, de roleta ou «chemin de fer» são de profundíssimo significado. Difícilmente o parceiro da coligação agonizante poderia ter encontrado local mais indicado para as suas atribuições de jogo político do que... um casino!

Como sempre acontece entre jogadores — ademais jogadores freneticamente ambiciosos — tanta aposta, tanta batota, tanto golpe acaba com tudo zangado e um deprimido espectáculo incompatível com uma concepção séria, responsável e digna da política.

Seja, como for, é uma evidência que os resultados da verdadeira refrega travada na Figueira da Foz têm importância.

Qualquer cidadão, por pouco advertido em matéria de governação e política, reconhecerá com facilidade que é inteiramente incapaz de governar um país um partido que começa por não se saber governar a si próprio.

Havia no congresso do PSD/PPD nada mais nada menos do que dezassete moções que, para o partido também instalado no Poder em Portugal, propunham outras tantas orientações e linhas de actuação! Não se trata de uma exaltada demonstração de funcionamento democrático: é um evidente caos, uma total desorientação, uma triste exibição de um amontoado de ganâncias, tentando cada uma puxar um partido para onde mais convém aos interesses próprios.

As declarações, as afirmações, os desabaços, as recriminações que os congressistas e dirigentes não se poupavam a fazer acerca uns dos outros e da situação em geral são o lamentável retrato da confusão, da incompetência, da desorientação e — fundamentalmente — do total alheamento face aos interesses reais do País e do povo.

A coligação PS/PSD que sustenta o actual Governo perderá já qualquer legitimidade para governar.

Em rigor, pode mesmo dizer-se que jamais a teve. A sua constituição após as eleições impostas pela luta popular que apeou do Poder o

governo «AD» constituiu um total falsear do significado dos resultados eleitorais, os quais representam uma firme recusa da desastrosa política seguida pelo PSD e pelo CDS coligados e derrotados, recusa que foi liminarmente traída pelo PS ao estender a mão ao mais importante dos derrotados para de novo o levar ao Poder.

Passando a coligação aos actos, a mais elementar legitimidade democrática esvaiu-se nos meandros de uma política não só ferozmente antipopular como descarada e brutalmente ilegal e contrária à Constituição.

As alterações na direcção — e na própria orientação política — do PPD verificadas na Figueira da Foz acrescentam mais um a todos os anteriores motivos que requerem a demissão do Executivo.

Tal como já sucedera aquando da demissão de Mota Pinto e da sua substituição por Rui Machete — na liderança partidária e no Governo —, o apêar deste último e sua renição por Cavaco e Silva torna qualquer semelhança entre os partidos que constituíram a coligação e os actualmente existentes uma pura coincidência.

O PPD que há dois anos obteve resultados eleitorais que lhe permitiram assegurar com o PS a maioria parlamentar que sustenta o Executivo de Soares não é o actual PPD. Não o é quanto a dirigentes, não o é quanto a programa.

E não se diga que os homens passam, mas os partidos e as suas políticas ficam. No quadro sombrio dos partidos da direita, se são mais ou menos imutáveis os objectivos essenciais de classe, as lutas pessoais pelo poder constituem a expressão de reais divergências de objectivos e de métodos, cristalizam propostas e objectivos diversos.

Cavaco e Silva não escondeu que a sua liderança não se pautará por qualquer preocupação de continuidade relativamente ao anterior, constituirá pelo contrário uma rotura. Tal como, aliás, sucedera já com a convulsão que levava Mota Pinto a demitir-se e a ser substituído por Rui Machete.

Aparentemente, pelo menos, a substituição de um Rui Machete que advogara a estabilidade dos acordos com o PS quanto ao Governo por um Cavaco e Silva promovido pelos sectores mais críticos do PPD quanto à coligação parece revelar que sectores da direita passaram a encarar como contingentemente compensador o manterem-se no Poder com o actual Governo.

Cavaco e Silva e outros dirigentes próximos falam já da possibilidade de eleições gerais antecipadas, o PS através de Jorge Lação vem — num malabarismo pacóvio — brandir a mesma hipótese.

A tradicional metáfora dos ratos que abandonam o navio revela-se novamente adequada à política da direita portuguesa...

A evidência de que hoje em Portugal ninguém apoia o mais desastroso executivo governamental que o País conheceu desde o 25 de Abril faz evidentemente pensar muita gente, pouco disposta a afundar as suas ambições num barco prestes a sossobrar ante a ofensiva generalizada do povo português.

Conservar o Poder é hoje essencial para a direita, mas avolumam-se as contradições entre os seus diversos sectores. Se para o PS e para as ambições presidenciais de Mário Soares, manter-se em S. Bento é vital, muita gente do PPD se interroga sobre os dividendos a colher da manutenção num governo orientado nesse sentido. O PPD está de acordo com a destruição do 25 de Abril: duvida se a manutenção deste Executivo é a forma mais indicada de o conseguir. E recebe os custos que terá de pagar.

Previsivelmente — e já há declarações nesse sentido — tentará obter, em troca de um não puxar de tapete sob os pés de Mário Soares, um preço que entenda compensador. Tentará mesmo assim manter as mãos o mais livres possível para conservar margem de manobra face a uma cada vez mais inevitável realização de eleições gerais antecipadas. Pretenderá que outros tirem as brasas do lume por ele e que poucos custos tenha de pagar por um agravamento da política antipopular e anticonstitucional.

Soares, sabendo que demitido é candidato derrotado, possivelmente, pagará tudo o que lhe for exigido para se conservar em S. Bento.

Mas, no meio de tanta manobra, cabe perguntar o que tem tudo isto a ver com os interesses nacionais!

E a resposta será que tem — mas pela negativa. É impossível manter uma situação em que a gestão do País está entregue aos jogos e manobras democraticamente inaceitáveis de um bando político executor de uma acção governativa democraticamente intolerável.

Demitir o Governo, dissolver a Assembleia da República, convocar eleições gerais antecipadas é, por todos os motivos, inadiável.

A direita não é estúpida, nem é suicida. Não é na pura incompetência ou exclusiva-

mente nas atribuições das ambições pessoais e de grupo que se pode encontrar a explicação para um processo de desagregação que, tal como sucedera com a «AD», se apossou da coligação PS/PPD.

A direita possui objectivos de classe bem definidos: a destruição do regime democrático criado pelo 25 de Abril, que violentamente procurou atingir com a acção do Governo de Mário Soares.

Se é verdade que as quezílias internas abalam hoje este instrumento privilegiado de acção antidemocrática e antipopular, é óbvio concluir que assim é porque ele começa a deixar de o ser.

E o que interessa saber é por que razões se verifica tal mudança.

Tivesse o Governo PS/PSD tido condições para integralmente aplicar o seu programa de destruição do regime democrático (as «reformas estruturais» de que falam soaristas e «sociais-democratas...») e certamente não haveria no seio da coligação razões para contestar ou fazer perigar um útil e eficaz instrumento para obtenção de comuns objectivos.

Sucedeu que não é por falta de comum vontade de os atingir que os parceiros se desentendem: foi e é sim porque se avolumam as dúvidas sobre as condições de, com este Governo, os concretizar.

Ora se todos o queriam, não é no seio da própria coligação que há que encontrar as razões para que o não tenham podido — mas sim fora dela.

O elemento determinante do fracasso deste Governo na sua acção antinacional e antidemocrática reside na luta popular e na luta das forças democráticas. É a continuada e persistente resistência, à destruição de Abril, por parte dos trabalhadores e do povo o que barra o caminho a esta política, o que a conduziu ao fracasso, o que hoje abala os seus autores.

A direita não se divide por si, a coligação não se esboroa por si, o Governo não cairá por si.

Tal como, ao longo destes anos duros de mobilização e combate, a luta tem dado frutos, impedindo o trabalho de destruição do Governo, é nessa luta que é necessário encontrar os factores que empurram a coligação para uma divisão que a enfraquece e a faz aproximar-se da derrota e do fim.

A luta — a vida o demonstra — compensa! A luta, portanto, continua. Dela, e só dela, sairá um novo governo e uma nova política que o País precisa e o povo exige.

Resumo

15 Quarta-feira



George Shultz

A Docapesca tem armazenadas 300 toneladas de pescada congelada capturada em águas chilenas há já três anos. O embaixador angolano em Portugal entrega as suas credenciais. Em prejuízo da EDP, gestores desta empresa planeiam a constituição de um consórcio contrário à EDP. Segundo um estudo da Inter, no mês de Abril enquanto o Governo teve hora e meia nos noticiários da RTP, a central sindical apenas teve 43 segundos... Na Assembleia da República, o PS e o PSD decidem adiar uma vez mais a discussão da lei dos municípios. Na África do Sul, o ANC vai realizar brevemente a sua primeira conferência nacional de há 16 anos, anuncia o seu secretário-geral. No encontro com André Gromyko, George Shultz não mostrou vontade de os Estados Unidos negociarem as matérias relacionadas com o desarmamento, afirma a Tass. O conselho económico da Organização dos Estados Americanos condena o embargo dos Estados Unidos à Nicarágua.



Rui Machete

Conférence Sindical

16 Quinta-feira

Na Assembleia da República, a maioria impõe, na sua proposta de projecto-lei, os contratos a prazo para as rendas de casa. Em Lisboa e no Porto, os trabalhadores das autarquias defendem o Poder Local democrático. Nas duas principais cidades do País, milhares de trabalhadores desceram à rua, integrando-se em numerosas concentrações que culminaram a semana de luta contra o pacote laboral. Choque de combóios em Campolide: 110 feridos, dos quais apenas sete ficaram internados. Com o apoio da Câmara do Seixal, inicia-se o 6.º Encontro de Teatro na Escola, que decorre na Amora. Num documento divulgado na ONU, a União Soviética salienta que o fim da corrida aos armamentos é «a única saída sensata». O ditador salvadoreño é recebido na Casa Branca por Reagan. O governo brasileiro anuncia que dará todo o seu apoio ao Grupo de Contadora. Os Estados Unidos reafirmam a sua recusa da criação de um Estado palestiano.

Em Balaizão, durante o comício que assinalou o 31.º aniversário de Catarina Eufémia, Álvaro Cunhal salienta que a coligação já não tem existência política. No término do congresso do PSD as coisas ficaram assim: Cavaco é presidente e Salgueiro tem maioria... Para Eanes, a sua próxima visita à China abrirá novas vias de cooperação. Segundo um estudo do INE, o comércio externo afrouxou no primeiro trimestre. Terminam na Guarda as primeiras jornadas da imprensa regional luso-espanhola. Na NATO, cresce a oposição ao projecto da «guerra das estrelas». Na sessão da Primavera da Assembleia da NATO, os

deputados europeus condenam o embargo norte-americano à Nicarágua. Gorbachev reafirma que a União Soviética continua à espera da resposta à moratória sobre «euromisséis». Os combates intensificam-se em Beirute. A polícia sul-africana volta a assassinar.

17 Sexta-feira

Inicia-se em Almada a 2.ª Conferência Sindical da Mulher Trabalhadora. Uma primeira grande reivindicação: «não basta existirem direitos; é preciso aplicá-los».

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VÓS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soares Pereira Gomes - 1699 - Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45
DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soares Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX. Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO: Av. Santos Dumont, 57-3.º - 1000 Lisboa
DISTRIBUIÇÃO: CDL, Central Distribuidora Livreira, SARL, Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa Tel. 77 98 28/77 98 28/78 97 51
Casa de Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 - 1200 Lisboa Tel. 37 22 38
Centro Distribuidor de Évora: Alarcova de Baixo, 13 - 7000 Évora Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro: Rua 1.ª de Dezembro, 23 - 8000 Faro Tel. 24417
Delegação do Norte: Centro Distribuidor do Porto: R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto Tel. 69 39 08/69 96 15
Centro Distribuidor de Coimbra: Tenreiro da Erva, 6 - 3000 Coimbra Tel. 28394
ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º - 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 - Venda Nova 2700 Amadora. Tel. 90 00 44
PUBLICIDADE CENTRAL: Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B - 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50
Porto - Rua do Almada, 18-2.º Esq.º - 4000 Porto. Tel. 38 10 87
Composto e Impresso na Haska Portuguesa - R. Elias Garcia, 27 - Venda Nova - 2700 Amadora
Depósito legal n.º 205/85

Tragem média do mês de Abril: 45 200



Conférence Sindical

No casino da Figueira os congressistas do PSD iniciam uma disputa de três dias. As propostas governamentais da lei para a Rádio limitam o direito à informação, segundo o Conselho de Imprensa. A CGTP-IN anuncia a realização de uma jornada nacional de luta no princípio de Junho. Para a Federação dos Sindicatos de Hotelaria, o Governo pretende legalizar o trabalho internacional sobre Lisboa o Colóquio Internacional sobre Língua Portuguesa. O governo brasileiro reconhece o direito à greve. André Pita, membro do Comité Central do MPLA-PT, considera serem bastante tensas as relações entre o Governo português e o governo angolano. O ditador salvadoreño recusa a proposta da FMLN para a terceira reunião do diálogo iniciado em Outubro passado. O exército da Nicarágua derrota uma tentativa da ocupação de um porto pelos contra-revolucionários. No ataque morreram dois braços direitos de Eden Pastora...

18 Sábado

A 2.ª Conferência Sindical da Mulher Trabalhadora aprova a sua carta reivindicativa. O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa exige que seja anulado o decreto-lei que extingue a contratação plurianual e a profissionalização em exercício. A Assembleia Municipal de Évora protesta contra os ataques à Reforma Agrária. O Movimento dos Pequenos e Médios Comerciantes e Industriais advertiu: entrada para a CEE destruirá pequenas e médias empresas. No Congresso do PSD continua a caça aos votos por parte das diferentes «tendências». Nicarágua propõe a Washington o recomeço das negociações entre os dois países. O Brasil reconhece a Frente Polisário. Eleva-se a 62 o número de vítimas da explosão registada numa mina japonesa na sexta-feira. O Iraque anuncia um cessar-fogo durante o Ramadão islâmico.

19 Domingo

Em Balaizão, durante o comício que assinalou o 31.º aniversário de Catarina Eufémia, Álvaro Cunhal salienta que a coligação já não tem existência política. No término do congresso do PSD as coisas ficaram assim: Cavaco é presidente e Salgueiro tem maioria... Para Eanes, a sua próxima visita à China abrirá novas vias de cooperação. Segundo um estudo do INE, o comércio externo afrouxou no primeiro trimestre. Terminam na Guarda as primeiras jornadas da imprensa regional luso-espanhola. Na NATO, cresce a oposição ao projecto da «guerra das estrelas». Na sessão da Primavera da Assembleia da NATO, os

deputados europeus condenam o embargo norte-americano à Nicarágua. Gorbachev reafirma que a União Soviética continua à espera da resposta à moratória sobre «euromisséis». Os combates intensificam-se em Beirute. A polícia sul-africana volta a assassinar.

deputados europeus condenam o embargo norte-americano à Nicarágua. Gorbachev reafirma que a União Soviética continua à espera da resposta à moratória sobre «euromisséis». Os combates intensificam-se em Beirute. A polícia sul-africana volta a assassinar.

deputados europeus condenam o embargo norte-americano à Nicarágua. Gorbachev reafirma que a União Soviética continua à espera da resposta à moratória sobre «euromisséis». Os combates intensificam-se em Beirute. A polícia sul-africana volta a assassinar.

deputados europeus condenam o embargo norte-americano à Nicarágua. Gorbachev reafirma que a União Soviética continua à espera da resposta à moratória sobre «euromisséis». Os combates intensificam-se em Beirute. A polícia sul-africana volta a assassinar.

deputados europeus condenam o embargo norte-americano à Nicarágua. Gorbachev reafirma que a União Soviética continua à espera da resposta à moratória sobre «euromisséis». Os combates intensificam-se em Beirute. A polícia sul-africana volta a assassinar.

20 Segunda-feira

Rui Machete apresenta a sua demissão a Soares dos cargos governamentais que ocupa. Para o PCP, os resultados do Congresso do PSD confirmam «não apenas as divisões e desagregações daquele partido mas correlativamente a profunda instabilidade e o carácter completamente artificial da coligação PS/PSD». A RTP perde uma acção que desenvolveu contra o direito de resposta da CGTP-IN. Delegação do parlamento polaco: estada em Lisboa. Com 42 pavilhões, abre a Feira do Livro português. No Montijo, Octávio Pato sublinha que «é como mandatário das forças de direita, dos monopólios em restauração e dos EUA, que Mário Soares pretende ser dono e senhor do País».

Em resposta a emissões da CIA, Cuba suspende acordos de migração com os Estados Unidos. Pela primeira vez, trabalhadores estrangeiros votam em França. Comício em Moscovo mais uma reunião do CAME, sobre a aplicação das



Moscovo

decisões tomadas no decorrer da conferência económica de Junho de 1984. Para Daniel Ortega, Reagan estimula o fascismo. Tribunal racista adia julgamento de patriotas sul-africanos. O Iraque suspende as tréguas com o Irão que declarou unilateralmente. Mubarak e Hussein conferenciam no Egipto.

21 Terça-feira

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, chega a Pequim para uma visita oficial à República Popular da China. Comunidade portuguesa em França toma posição pública contra o que considera o «carácter antidemocrático e ilegal» da portaria do ministro dos Negócios Estrangeiros sobre o regulamento do processo eleitoral para o Conselho das Comunidades Portuguesas. Sindicato das Indústrias Eléctricas afirma que os salários em atraso nas empresas do sector nos distritos do Norte ascende a mais de 90 mil contos. Trabalhadores da fábrica de bicicletas Vilar (Matosinhos), de quem um dos patrões é o presidente do PS, António Macedo, prosseguem greve pelo pagamento de salários e outras prestações em atraso. Mikail Gorbachev, secretário-geral do PCUS, recebe em Moscovo Rajiv Gandhi, primeiro-ministro da Índia. Organizações sindicais espanholas anunciam uma greve geral para Junho próximo como forma de protesto contra o aumento do desemprego e a política governamental.



Desfile pelas ruas de Baleizão: milhares de pessoas na homenagem a Catarina — uma participação solidária em apoio e defesa da Reforma Agrária

Baleizão

Recordar Catarina é participar de viva voz nas lutas do presente

Recordar Catarina e o seu exemplo é participar de viva voz nas duras lutas do presente. Ninguém esquece o crime cobarde de há 31 anos, a força e a coragem de quem lutou, como Catarina, pela conquista das oito horas de trabalho. Ninguém esquece a ocupação da freguesia pelas forças policiais, que ofereciam a morte a quem saísse à rua. Ninguém esquece as lágrimas e a dor pela morte da jovem camponesa, **ninguém esquece Catarina.**

Mas, a este acto de lembrar uma lutadora, se associam as preocupações do momento, com a certeza de que continuar a luta, em especial pela Reforma Agrária e a liberdade, é a melhor maneira de homenagear a militante comunista que tombou a 19 de Maio de 1954, na terra alentejana.

Foi com esta determinação que milhares de pessoas, entre as quais o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, estiveram no último domingo na freguesia de Baleizão, na jornada evocativa do 31.º aniversário da morte de Catarina.

Iniciada com uma romagem ao cemitério da localidade, onde se encontra a campa da «militante do PCP assassinada pelos fascistas quando encabeçava a luta dos trabalhadores de Baleizão por melhores jornadas em 19 de Maio de 1954», a iniciativa do último domingo, realizada sob calor intenso que viria a culminar, já ao fim da tarde, em trovoadas, prosseguiu depois com um desfile pelas principais ruas de Baleizão, até ao largo onde se encontra o busto da camponesa comunista. Aí estava instalada a tribuna improvisada para um comício vibrante, onde a

evocação da efeméride se ligou à mobilização e ao esclarecimento, nos dias que correm deste ano de 1985, ano de grandes lutas políticas no Portugal de Abril. Das intervenções registadas no comício promovido pelo PCP damos conta nas páginas seguintes. Por aqui, fica o apontamento breve do ambiente de determinação, de confiança e de combatividade, que se respirou na freguesia alentejana.

Desfile e comício

Logo ao início da tarde, era notado o movimento de veículos — autocarros com excursões de diferentes pontos do Alentejo, e também do Norte, da Grande Lisboa, da região de Setúbal, etc., automóveis particulares, tractores com atrelados, camionetas, — a ca-

minho de Baleizão, situada a 13 quilómetros de Beja.

Ponto de concentração, como já referimos, foi em primeiro lugar o cemitério, para uma singela homenagem junto da campa de Catarina. E depois, o desfile com toda a freguesia presente e os milhares de forasteiros, entoando palavras de ordem lembrando Catarina e a Reforma Agrária, destacando-se a presença de muitos jovens, mulheres e trabalhadores, e também dos que ali viveram os acontecimentos de há 31 anos.

Finalmente, o comício, realizado junto ao Centro de Trabalho do PCP e cuja tribuna reuniu alguns dos participantes na jornada: Álvaro Cunhal, Dinis Miranda e Bernardina Sebastião, da C. Política do Partido, Francisco Miguel, José Moreira Rita e Augusto Carreto, do CC, Alexandre Frade e Maria Gertrudes, da C. Distrital, Carreira Marques, presidente da Câmara Municipal de Beja, Belchior Pereira, deputado do PCP, A. Bernardo, da C. Concelhia de Beja, Ana Francisca, da Distrital da JCP, Ana Guadalupe, da USB, Selta, da direcção do STB, Tomás Sales, pequeno agricultor, António David, comerciante, Joaquim Palma, da JF, Catarina Filho, do organismo de reformados, Maria Cândida, da direcção da Casa do Povo e José Capito, membro da direcção da UCP «Terra de Catarina», de Baleizão.

● Baleizão, 1954

«A nossa freguesia atravessava um percurso muito difícil, lutava-se pelas oito horas de trabalho. Não querendo que o povo conseguisse uma regalia, os agrários traziam pessoas de outras freguesias, menos conscientes, e deixavam-nos entregues à miséria, à fome e ao desespero. No entanto, não nos conseguimos vencer. Lutámos! E conseguimos uma das belas conquistas da história da classe operária — as oito horas de trabalho. Foi

nesta dura luta que Catarina perdeu a sua vida.»

● Baleizão, 1985

«O povo de Baleizão recebe de braços abertos todos os que se deslocam na homenagem a Catarina, porque homenagear Catarina representa estar em luta pela defesa da Reforma Agrária, pela defesa da democracia, da liberdade e da paz. Porque o nome de Catarina está intimamente ligado às lutas travadas pelo direito ao trabalho, contra o brutal aumento do custo de vida, contra o desemprego, a

fome e a miséria. Homenagear Catarina é defender as conquistas pelas quais ela deu a sua vida. É nosso dever lutarmos e exigirmos a demissão deste (des)governo PS/PSD que nada mais faz do que explorar o nosso povo e vender-nos aos falcões do imperialismo; é nosso dever lutarmos pela formação de um governo democrático (...)

■ Dois extractos da intervenção da Comissão de Freguesia de Baleizão do PCP, lida pela camarada Maria Gertrudes, no comício ali realizado na tarde do último domingo.



Negócios

O sr. Privado da Silva levantou-se pela manhã e, satisfeito, contemplou as paredes do quarto da sua nova casa. Ao número 24 da Rua do Loreto, em Lisboa.

— O Gomes Mota — pensou — foi simpático em ter-me alugado este andar por um preço em conta. Mas também foi um negócio e peras o que ele fez quando comprou isto por cinco mil contos à Tranquilidade! Também, era administrador nessa altura... Agora na TAP ainda compra algum Boeing por 20 contos...

Sorridente, o sr. Privado dirigiu-se à cozinha e, do frigorífico, extraiu um pacote de leite.

— Bom frigorífico este, reflectiu. Mas tudo o que tem vindo do Edmundo Pedro não é mau — e pelo preço...

Preparou depois um café para completar a matinal refeição enquanto rabiscava num bloco:

— Telefonar ao Nabeiro para ele me mandar mais uns pacotes de Delta. Candonga, candonga — mas ele lá se vai governando!

Depois de se ter vestido para sair («Tenho de falar ao Becas da boutique a ver se me traz mais umas camisas de Londres», recordou), sentou-se ao volante do seu Mercedes cujo ronronar discreto lhe recordou as vantagens de comprar este tipo de carros em Andorra.

Chegado ao escritório, imediatamente se lançou ao trabalho. O sr. Privado da Silva é um empresário agressivo.

— Cristina! — chamou. Ligue-me à Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau. Ver se conseguimos impingir aquelas toneladas de pescada que estes finaços dizem que não servem. Isso devidamente tratado ainda se coloca no Zaire.

Folheando um dossier, chamou de novo:

— Cristina! Não se esqueça também de ligar para a Bairrada para os homens das Caves Primavera.

«Gente empreendedora, aquela — disse para si. Ver se me engarrafam uns litros de bagaço com rótulo de tequila. A coisa resultou com o tal champagne da Crimeia, pode ser que na Junta Nacional do Vinho também não saibam traduzir rótulos em espanhol.»

Levantando-se, o sr. Privado entrou na Contabilidade.

— Oh Freitas! Tem aí o movimento da nossa conta do Fonseca & Burnay?

Computando o dossier, meditou pesaroso:

— Uma pena o Mira Fernandes ter escorregado... Também se soubesse que ele deu uma palmada de 200 000 lá no banco, não tinha negociado com ele só aquele créditozito de 15 000 contos. Mas foi uma boa medida ter feito a firma em nome do tio Prudêncio — que, coitado, já lá está...

De novo no seu gabinete, pegou no telefone da sua linha privada.

— Está? Rui? O sr. Rui Amaral não está aí no gabinete? Eu espero. Privado da Silva, sim.

«Bem se pode ligar directamente para o gabinete... Com os 50 assessores que ele lá tem, nunca se sabe quem atende» — desabafou para consigo.

— Estou. Rui? Tudo bem? Pensei encontrar-te no sábado no Bananas, mas não apareciste. Por acaso fizeste bem, que esteve uma pecegada. Mas olha, desculpa estar a telefonar-te, mas queria saber em que é que estava aquele empréstimo que tínhamos visto... Sim, aqueles 22 mil para conservação de postos de trabalho... Claro que já pus tudo na rua (tinha a maioria contratada a prazo, não ando a dormir!). Mas mantém-se o esquema do costume, não é? Pensas que para a semana a coisa está despachada? Ótimo.

E o ramerrame de negócios continuou.

— Freitas! Relativamente àquela pãpelada que tínhamos aí da conta na DOPA, julgo que é melhor alterarmos a classificação. Os rapazes foram muito jeitosos em terem feito desaparecer as fichas deles, mas não vá o diabo tecê-las, é melhor tapar esses dólares da Suíça.

«Coitado do Sousa Tavares — pensou entretanto. Queimar-se por uma porcaria de 10 000 dólares...»

— Cristina! Ligue para a Câmara por causa daquela história dos terrenos do Alto do Lumiar. E, a propósito de Câmara, encontre-me também o Mesquita Machado para saber se ele ainda está interessado no centro comercial no Castelo de Guimarães.

De novo pegou no seu telefone directo:

— Proença? Viva, há que tempos não nos encontramos! Não, já falámos depois que saíste lá da televisão... Mas olha, liguei só para dizer que te vou mandar um chequezito para a candidatura do professor. É possível que depois siga mais, mas agora não me convém: a semana passada já avancei com outro para a do Mário! Pois, foi o Campos que me telefonou.

Escutou.

— Claro, claro. É urgente tomar medidas de fundo, alterar esta trapalhada legal toda. É que assim — é impossível. Não se consegue fazer negócios.

■ RC

PCP

O Congresso do PSD e a situação política

• Nota da SIP do PCP

Na passada segunda-feira a SIP do PCP divulgou a seguinte nota:

Os resultados do Congresso do PSD, enquanto assunto da vida interna daquele partido, não suscitam naturalmente qualquer apreciação ou comentário ao PCP.

Entretanto, do ponto de vista das suas previsíveis e inevitáveis repercussões e incidências sobre a situação política nacional, o PCP julga oportuno acentuar a tal respeito:

1. Os resultados do Congresso do PSD confirmam plenamente, não apenas as divisões e desagregação daquele partido, mas correlativamente a profunda instabilidade e

o carácter completamente artificial da coligação PS-PSD.

2. O Governo PS-PSD é hoje, assim, o mero resultado de uma coligação a prazo de dois partidos que, sendo cúmplices na mesma política desastrosa e antipopular e procurando obter rapidamente a destruição de todas as conquistas democráticas alcançadas com o 25 de Abril, estão corroidos por desconfianças, suspeições, rivalidades e lutas pela hegemonia na realização da política de direita e pela conquista de todos os órgãos de soberania.

3. As sucessivas alterações de direcção e de orientação num dos partidos da coligação e os seus correspon-

dentes reflexos em frequentes alterações na composição governamental, só por si, espelham uma situação de anormal e irregular funcionamento das instituições.

4. Os resultados do Congresso do PSD fazem prever que se venham a acentuar ainda mais as pressões e reclamações para que na acção governativa e legislativa sejam agravadas as medidas e planos para liquidar os direitos dos trabalhadores e reforçar a sua exploração, sejam acelerados os projectos de destruição em curso e intensificada a ofensiva contra o regime democrático.

5. O PCP volta a chamar a atenção para que,

como é público e notório, os próprios dirigentes do PSD e do PS não escondem o seu propósito de, procurando salvar o Governo até 14 de Julho, desencadearem depois dessa data jogadas desestabilizadoras de gravíssimas consequências no plano político e institucional.

6. Absolutamente necessárias e urgentes por múltiplas razões de ordem económica, social e política, a demissão do Governo e a dissolução da AR, são também, à luz dos resultados do Congresso do PSD, medidas inteiramente indispensáveis para pôr termo a uma situação apodrecida e escandalosa que é uma ofensa ao povo português e um premeditado enxovalho à democracia portuguesa.

Comício em Baleizão

O exemplo de há 31 anos e as lutas que continuam

Há 31 anos, a esta hora...

A saudação dos comunistas de Baleizão foi lida pela camarada Maria Gertrudes, da C. de Freguesia e da C. Distrital do Partido, que sublinhou em breves palavras o significado da homenagem.

«Faz hoje 31 anos», recordou, «que Catarina foi barbaramente assassinada pelo cobarde tenente Carajola, que, ao serviço dos grandes agrários e monopólios, ao serviço do fascismo, matou uma mulher que nada mais queria do que trabalho, paz e pão.» E acrescentou: «Catarina ficou e ficará na história do nosso povo como um símbolo de justiça e de esperança.»

Recordando os dias difíceis, com a ditadura e a repressão a entrar pela porta dentro de muitas famílias de trabalhadores, a intervenção da Comissão de Freguesia do PCP destacou os momentos vividos há 31 anos a esta hora. Baleizão «enchera-se de GNR's armados até aos dentes, que ofereciam a morte a quem falasse mais alto ou a quem saísse à rua. Em todas as casas chorava-se a perda de uma boa camarada, uma amiga e uma mãe que deixara três filhos órfãos.»

Várias palavras de ordem surgiram com a intervenção lida pela camarada Maria Gertrudes. Uma, bem significativa, garantiu que «fascismo nunca mais!»

Apesar do calor intenso, o comício alarga-se e ouve com interesse palavras de homenagem a uma combatente pela liberdade e palavras de esclarecimento e de mobilização para as tarefas do momento. Nas intervenções,

nas palavras de ordem que se ouvem com firmeza, no espírito que anima toda a jornada, é notória a ligação entre o exemplo de há 31 anos e o conjunto das duas lutas que continuaram e continuam pelo direito a um futuro de liberdade e de esperança.

As consequências de uma acção destrutiva

Augusto Carreto, «antigo» dirigente da Juventude Comunista, dá a palavra a Alexandre Frade, membro da Direcção Regional do Alentejo (DORA) e da Comissão Distrital de Beja, do PCP.

Referindo-se às consequências da política governamental para a região alentejana e o distrito de Beja, resumiu assim o carácter de uma acção destrutiva que nada resolve e tudo agrava: **O Governo de Mário Soares destrói a Reforma Agrária e todas as conquistas de Abril, agrava o desemprego e não cria novos postos de trabalho, agrava o custo de vida do povo, não faz avançar os projectos fundamentais para o desenvolvimento da região e põe à disposição do imperialismo os recursos fundamentais do distrito.**

E acrescentou a dado passo: «O Governo PS/PSD é responsável pelo agravamento da situação social que se vive no nosso distrito, é responsável pelo aumento do número de desempregados, que no nosso distrito já ultrapassa os 15 mil e pelo aumento do número de jo-

vens à procura do 1.º emprego. É responsável pela fome e a miséria que já se vão instalando em muitas vilas e aldeias do nosso distrito.»

É ou não um crime?

Mais adiante, o camarada Frade declarou:

É ou não um crime contra a economia do nosso país, contra o desenvolvimento do nosso distrito que este Governo de Soares e companhia mantenham paralisadas as obras da barragem de Alqueva, tenham entregue a exploração das minas Neves-Corvo, a maior riqueza em minério de cobre da Europa, aos guliões imperialistas da «Rio Tinto Zinc», e se preparem para vender grande parte das acções da Empresa Pirites Alentejanas certamente a outro potentado imperialista? É um crime sem dúvida e toma a forma de escândalo, se tivermos em conta que nos acordos feitos em relação às minas Neves-Corvo nem tão pouco se garante que o minério será transformado no nosso país, criando para tal a metalurgia do cobre. O avanço destes grandes projectos de desenvolvimento é de há muito uma reivindicação do PCP, de outras forças democráticas e de todas as pessoas de bom senso, que se preocupam com os problemas do nosso distrito e do País (...)

Falando de uma «tarefa de grande importância que se coloca desde já aos comunistas e outros amigos da Aliança Povo Unido — a preparação das próxi-

mas eleições autárquicas, que irão decorrer em Dezembro deste ano», a intervenção da Comissão Distrital do Partido destacou já na sua parte final:

«Como sabemos, o Poder Local Democrático é uma área da nossa acção com condições muito propícias para o alargamento da unidade no nosso trabalho.

Autárquicas: iniciar desde já os contactos

Daí que é de extrema importância iniciar desde já os contactos para a integração ou para o apoio às listas da APU, alargando esses contactos, não só aos amigos que habitualmente têm estado com a APU, mas indo mais longe, contactando pessoas que, embora antes tenham integrado ou apoiado listas do PS, ou de outros partidos, são pessoas honestas e dedicadas à resolução dos problemas do povo das suas terras e estão descontentes com a vergonhosa política que este Governo tem vindo a desenvolver.

«Avançamos rapidamente na preparação das eleições autárquicas contribuí não só para melhores resultados da APU nesta batalha, como alarga desde já o nosso contacto com outras pessoas, contribuindo no imediato para uma maior unidade na luta pela demissão do Governo PS/PSD.»

O comício integrado na jornada de homenagem a Catarina Eufémia terminou com o discurso de Álvaro Cunhal, a que nos referimos noutra local.

PCP

Álvaro Cunhal em Baleizão

«O Governo tem pressa em liquidar o Portugal de Abril. O povo tem pressa em salvá-lo»

Encerrando o comício Integrado na homenagem a Catarina Eufémia realizada domingo passado em Baleizão, o camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, pronunciou um discurso em que, para além da reforma agrária, abordou igualmente outros temas da actualidade política. É desse discurso que a seguir reproduzimos alguns extractos.

Prestando homenagem a Catarina e participando nesta grandiosa concentração, afirma-se a consciência de todos nós de que a luta, a coragem, o sacrifício em defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores e pelos nossos elevados ideais não são em vão.

(...)
Este ano, hoje, aqui, participando nesta grandiosa concentração, quais são os nossos mais vivos sentimentos?

Julgo não errar, camaradas, dizendo que este ano, hoje, aqui, participando nesta grandiosa concentração, **os nossos mais vivos sentimentos são de indignação, de determinação e de confiança.**

Indignação, pela criminoso política de Soares e do seu Governo, política (tal como dos Governos no tempo de Catarina) ao serviço dos grandes capitalistas e dos agrários, de ódio aos trabalhadores, de ordem para a acção repressiva da GNR de destruição da economia, de desemprego, de fome e de miséria.

Determinação, porque, ao prestarmos homenagem a Catarina e inspirados no seu exemplo, mostramos, não apenas a nossa indignação e o nosso protesto, mas a nossa decisão de continuarmos a



luta, sem medo do inimigo, fazendo-lhe frente com coragem, avançando as nossas reclamações, defendendo palmo a palmo essa histórica conquista do povo que é a Reforma Agrária.

Confiança, porque aqui, ao prestarmos homenagem a Catarina e inspirados no seu exemplo, creio, camaradas, que, apesar da brutalidade da ofensiva da reacção, **ninguém se deixa tomar pelo desânimo, ninguém se deixa tomar pelo pessimismo.**

Se estamos aqui hoje uma vez mais, unidos nesta grandiosa concentração, é porque temos confiança em que com a luta a Reforma Agrária será defendida, porque temos confiança em que com a luta que continua o Governo irá para a rua, porque temos confiança, camaradas, em que a reacção será derrotada e Portugal de Abril vencerá.

(...)

Defender a R. Agrária e o Portugal de Abril

Com a Reforma Agrária, com a passagem da terra dos latifúndios para as mãos dos trabalhadores, com a formação das UCP's/Cooperativas, deu-se **uma alteração radical na vida económica, social, política e cultural do Alentejo.**

Realizada com trabalho insano e luta heróica, a Reforma Agrária mostrou ser uma fonte de produção abundante, de bem-estar, de liberdade e felicidade.

(...)

E de facto já teria sido destruída se não fosse a luta heróica dos trabalhadores, que daqui saudamos calorosamente e a que daqui apelamos para que continuem a luta sem desânimo, porque a Reforma Agrária pode ser defendida e será defendida.

(...)

A ofensiva contra a Reforma Agrária adquire tais proporções, tão arrogante ilegalidade, tão insultuosa prepotência, tal violência, tantas mentiras e falsificações, tal sanha de roubar e destruir, que

mais parece a actuação crimínosa de uma quadrilha de foras-da-lei do que a actuação de um Governo e de um Estado democrático.

(...)

O Governo de M. Soares não se limita a querer destruir e liquidar a Reforma Agrária.

Na sua acção inconstitucional, ilegal, subversiva e golpista — ele quer destruir e liquidar todas as grandes conquistas da revolução democrática. Ele quer destruir e liquidar Portugal de Abril.

Porquê a pressa do Governo

Pode perguntar-se, camaradas: porquê uma tão brutal, tão selvática, tão apressada ofensiva do Governo contra as conquistas democráticas do nosso povo, contra a democracia, contra o 25 de Abril?

Porque tem o Governo tão grande pressa?

Será essa pressa sinal de força do Governo PS/PSD?

Não, camaradas. **A pressa em liquidar as conquistas democráticas é sinal de fraqueza do Governo, é sinal de que o Governo PS/PSD sente que o seu fim se aproxima.**

O Governo tem tanta pressa em destruir as conquistas de

serão feitas ao imperialismo, comprometendo ainda mais a independência nacional.

(...)

É absolutamente certo que, se o Presidente da República não demite o Governo ou não dissolve a Assembleia da República, convocando eleições antecipadas, poderá ficar a partir de 14 de Julho, de braços atados ante as medidas que contra ele tomarem o Governo e a Assembleia da República.

A coligação PS/PSD — associação de sobrevivência

A coligação, politicamente, já não existe. Existe apenas formalmente, a ver se impede que o Governo caia.

(...)

E no PSD, que se passa? De há muito dá um vergonhoso espectáculo de conflitos internos, divergências, guerras, grupos, tendências, chefes que caem e chefes que sobem para depois caírem também.

Uns querem continuar no Governo a qualquer preço. Outros querem um preço mais alto. Outros acham que é altura de sair para não ir ao fundo com o PS.

Uns querem que, nas presidenciais, o PSD vote em Freitas do Amaral que é do CDS. Outros que vote em M. Soares que é do PS. Outros que vote num candidato independente. E também alguns reclamam que o PSD vote num candidato próprio do PSD.

E quanto aos chefes? Balsemão caiu e subiu Mota Pinto. Mota Pinto caiu (antes de falecer, como se sabe) e subiu Machete. Anuncia-se agora que Machete vai cair e que vai subir um dos muitos que lhe disputam o lugar de mando.

E são tantos a aparecer na disputa — é Machete, é Salgueiro, é Cavaco, é Rebelo, é Santana, é Jardim, é Amaral, é Sicrano, é Beltrano — são tantos que, por este andar, o dia virá em que são mais os chefes e candidatos a chefes que os membros do partido.

A imprensa noticia que, no Congresso do PSD que termina hoje, foram apresentadas nada menos de 17 moções de estratégia, por outros tantos dirigentes. Isto é, na Direcção do PSD propõem-se 17 orientações diversas para o partido.

Um partido que, estando no Governo, tem de apreciar no seu Congresso 17 orientações estratégicas diferentes, um partido no qual ninguém se entende e todos se guerrelam, um partido que não sabe nem o que quer, nem quem o dirige nem quem o virá a dirigir, não tem qualquer credibilidade para participar numa coligação governamental.

Para formar uma ideia acerca da legitimidade de o PSD continuar no Governo não se precisa de conhecer como vai hoje terminar o seu Congresso.

Pelo que já se conhece na preparação do Congresso do PSD, **uma conclusão se impõe: qualquer que seja o resultado do Congresso este partido não tem qualquer legitimidade para continuar no Governo.**

Quanto à coligação PS/PSD, com o PS manco e o PSD coxo já não é coligação não é nada. É um bando de políticos que se apossou do Poder e que usurpa o Poder. É um bando de políticos e politiquinhos que utiliza os bens e os dinheiros públicos em benefício próprio, das suas clientelas e dos grandes capitalistas e agrários, contra a lei, contra o povo, contra a democracia, contra o País, contra a Pátria.

De há muito se impõe a demissão deste Governo. Mas mais vale tarde que nunca. Temos plena certeza de que, sendo demitido este Governo de destruição, de fome e de miséria, a maioria esmagadora da população se sentirá aliviada de um terrível pesadelo e considerará a demissão do Governo um acto de defesa e salvação de Portugal e da democracia portuguesa.

(...)

O Governo não cairá por si

Assente no ar, o Governo aguenta-se artificialmente no Poder graças à existência formal da coligação e da maioria de deputados de que dispõe. Desaparecida a coligação o Governo vai a terra.

(...)

O PSD, como Mário Soares, farão os possíveis e os impossíveis para manter a coligação, pelo menos até 14 de Julho, como aliás já declararam alguns dos seus chefes.

Assim a coligação PS/PSD deixou de ser uma autêntica coligação governamental para se tornar uma coligação a prazo, de cúmplices, procurando sobreviver.

(...)

O Governo não cairá por si. É necessário fazê-lo cair. 

Abril porque sabe que pode ser demitido. Que para ser demitido basta uma simples decisão do Presidente da República. E que portanto lhe pode restar pouco tempo de vida.

Não é a própria força que determina a pressa e a fúria destrutiva do Governo. É a sua fraqueza. É o seu receio. É o seu medo.

O Governo apressa a sua obra de destruição para deixar o processo contra-revolucionário mais adiantado quando for forçado a largar o poder.

(...)

O Governo tem pressa em liquidar o Portugal de Abril. O povo tem pressa em salvá-lo.

(...)

A luta de massas e o funcionamento das instituições

E porque o tempo passa, porque o Governo apressa a sua obra de destruição, porque estamos já a menos de dois meses do 14 de Julho, é natural que aumente a inquietação, que aumentem as interrogações e as dúvidas.

É frequente ouvir-se dizer que, se o Presidente da República até agora não demitiu o Governo, também já o não demitirá. Também a nós constantemente perguntam: «Então? O Presidente da República demite ou não o Governo?»

Nós não sabemos naturalmente o que pensa fazer e o que fará o Presidente da República. Mas podemos, e devemos apreciar o que significará para o povo, para a democracia, para a independência nacional, a decisão do Presidente da República: demitir ou não demitir o Governo.

Se o não demite até 14 de Julho, a situação irá agravar-se ainda mais, o Governo lançará ofensivas ainda mais tenebrosas contra os trabalhadores, contra o povo, contra as conquistas de Abril e contra o regime democrático e novas e graves concessões

PCP

Inauguração em Beja

«Este magnífico CT mostra muita iniciativa e confiança no futuro»

«Este magnífico Centro de Trabalho mostra muita iniciativa e sobretudo muita confiança no futuro».

As palavras são do secretário-geral do PCP, camarada Álvaro Cunhal, e foram pronunciadas na inauguração do novo Centro de Trabalho da organização distrital de Beja, do PCP, no passado domingo, num ambiente de alegria vivido pelos militantes comunistas da capital do Baixo Alentejo e por muitos dos camaradas e amigos que naquele dia se deslocaram a Baleizão, para participar na homenagem a Catarina Eufémia, que decorreria mais tarde.

Após uma visita às instalações do CT (quintal, parte de um rés-do-chão e 1.º andar, num total de 10 divisões), o secretário-geral do PCP, em breve improviso, referiu a importância do novo Centro de Trabalho na acção e na luta dos comunistas, em íntima ligação com as realidades e as aspirações populares, com a luta do povo e dos democratas.

A curta intervenção de Álvaro Cunhal foi ouvida numa das salas do 1.º andar do CT, repleta de camaradas e amigos e na rua através da instalação sonora montada numa varanda do edifício.

«Não esmorecer!»

Falando sobre as eleições autárquicas do fim do ano, Álvaro Cunhal sublinhou o caso de Beja onde, apesar dos mais de 50 por cento de votos na APU, se tem que trabalhar com confiança para reforçar aquelas posições.

Juntamente com o secretário-geral do PCP, encontravam-se os camaradas Diniz Miranda e Bernardina Sebastião, da Comissão Política, José Moreira Rita e Ana Benedita, do CC, e António José Vitória, da Comissão Distrital e da DORA do PCP.

Pegando numa expressão ouvi-



O secretário-geral do PCP felicitou os comunistas de Beja pela inauguração do novo Centro de Trabalho

da a uma camarada presente naquela jornada festiva, Álvaro Cunhal recordou: «é necessário não esmorecer». Bem pelo contrário: é com firmeza e determinação que serão concretizados os justos objectivos da luta democrática pela liberdade, pela defesa da Reforma Agrária, pelo Poder Local democrático, pelo desenvolvimento da região e do País, pelo direito a um futuro de esperança

de felicidade para o povo português.

O novo CT da Distrital de Beja custou 5860 contos.

O resultado de uma campanha de fundos feita em 1979 e um empréstimo da caixa central do Partido (a pagar nos próximos três anos, com a campanha de fundos que entretanto arrancou) são as duas «fontes» de receita para o pagamento daquele pesado encargo financeiro.

A nova casa do Partido é contígua ao antigo CT, onde passou agora a funcionar apenas a Concelhia do PCP.

Breve visita a convite da CM

Na parte da manhã, antes da jornada de inauguração do CT, Álvaro Cunhal foi recebido na autarquia, a convite da Câmara Municipal, tendo visitado a Casa da Cultura, a piscina municipal, o Bairro da Conceição (auto-construção com apoio da CM), o parque de materiais da edilidade, o Bairro da Cooperativa «Lar para Todos» (infra-estruturas feitas pela Câmara) e ainda a estação elevatória da Pia Quebrada.

O presidente da CM de Beja, Carneira Marques, acompanhou Álvaro Cunhal nestas visitas.



Entusiasmo e confiança no futuro: notas salientes na jornada de inauguração do CT da Distrital de Beja, na qual participou Álvaro Cunhal, vivamente saudado pelos presentes

Comício em Baleizão

As eleições presidenciais

(...)

Para a vitória de um tal candidato da democracia é indispensável (como temos dito) o acordo ou o consenso verificado de todas as forças e sectores que têm de lhe assegurar o apoio e os votos necessários.

Ora até hoje não se estabeleceu tal acordo ou consenso pelo que é precipitado para já o lançamento de quaisquer candidaturas.

Além disso, é difícil neste momento prever em que situação política se irão realizar as eleições presidenciais. A situação será completamente diferente se o Governo for ou não for demitido.

Por exemplo, no que respeita a Mário Soares. Como candidato da direita que é, Mário Soares é tanto ou mais perigoso que Freitas do Amaral, além do mais porque ainda há quem nele acredite.

Mas se for demitido a situação será completamente outra. Sendo Mário Soares demitido de Primeiro-Ministro, a candidatura de Mário Soares a Belém desfaz-se como um castelo de cartas.

De certa forma se pode assim dizer que pelo que acontecer antes de 14 de Julho, a democracia pode ganhar ou perder as eleições presidenciais de Dezembro.

Esta é mais uma razão para a demissão imediata do Governo.

(...)

O PCP, com os trabalhadores indispensável à democracia

Em contraste com os outros partidos que ontem diziam uma coisa e hoje dizem outra, que faltaram à sua palavra e aos seus juramentos, o PCP é fiel ao seu Programa, ao seu ideal, à sua palavra.

Dos grandes partidos existentes, o PCP é o único em que o povo português pode acreditar.

Dos grandes partidos existentes, o PCP é o único que defende os interesses do povo e do País, é o único que dá ao povo português a absoluta certeza de que jamais faltará à sua palavra, de que, quando o povo lhe confiar o Governo, fará tudo quanto promete.

Quaisquer novos partidos democráticos que sejam criados, mesmo que venham a ter importante papel numa alternativa democrática, não alteram a seguinte realidade da situação política portuguesa: só com os trabalhadores e com o PCP os problemas nacionais poderão ser resolvidos.

Por isso não só é necessário à democracia o reforço do PCP, como é necessária à democracia a participação do PCP num futuro Governo que, dada a gravidade da situação, o PCP propõe que seja um Governo Democrático de Salvação Nacional.

(...)

Naturais de Ferreira do Zêzere

Está marcada para o próximo dia 31 (sexta-feira) uma reunião com naturais de Ferreira do Zêzere, residentes na área da Grande Lisboa. O encontro começa às 21 horas, com a participação do camarada António Maria.

Plenário de militantes das empresas da Amadora

A análise da situação política e social e a jornada de protesto e luta de 4 de Junho serão temas em destaque no plenário de militantes comunistas das empresas do concelho da Amadora, a realizar amanhã (sexta-feira), às 18 horas, na Sociedade Filarmónica da Amadora (à Venda Nova). O camarada Domingos Abrantes, da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central, também participará nos trabalhos do plenário.

«A Origem do Universo» no Vitória

António Armando da Costa será o animador da sessão desta noite (quinta-feira), no Vitória. O tema é «A Origem do Universo» (O que é? Como surgiu? Como decorreu a sua evolução? Para onde vamos?). Início da sessão: 21 horas.

Ilda Figueiredo na Póvoa

Integrando-se na divulgação das conclusões da Conferência Económica do Partido, vai realizar-se amanhã (sexta-feira), às 21 e 30 horas, na Associação Comercial da Póvoa, uma sessão sobre a via de desenvolvimento para vencer a crise, com a participação da camarada Ilda Figueiredo.

Comunistas de Faro preparam Assembleia

Os militantes comunistas de Faro estão empenhados na actividade preparatória da Assembleia da Organização Concelhia, que decorrerá no próximo dia 2 de Junho (domingo), nas instalações da Escola João de Deus. O documento principal, que está a dinamizar o debate preparatório, faz uma apreciação ao trabalho desenvolvido desde a última Assembleia e aponta um conjunto de propostas significativas para a resolução dos problemas sociais, económicos e culturais deste concelho algarvio.

Olhão: reunião de quadros

No sábado, a partir das 15 horas, vai realizar-se em Olhão, promovida pela Comissão Concelhia, uma reunião de quadros voltada para a discussão dos problemas do funcionamento das células de empresa e outras organizações nos locais de trabalho. Com esta reunião procura-se aprofundar a discussão dos problemas e traçar linhas de trabalho para vencer atrasos e dificuldades que se colocam ao funcionamento destas importantes estruturas de organização do Partido.

Reunião regular da DORP

A situação política e social será analisada na reunião regular da DORP – Direcção Regional do Porto, do PCP, marcada para o próximo dia 29 (quarta-feira), a partir das 17 horas, no Centro de Trabalho da Boavista. As tarefas que se colocam aos militantes comunistas serão igualmente temas em foco.

Alcântara: Assembleia no sábado

Reforçar o Partido, preparar a organização para as próximas batalhas eleitorais e eleger a Comissão de Freguesia do Partido – estes os objectivos fundamentais da 2.ª Assembleia da Organização do PCP da freguesia lisboeta de Alcântara, a realizar no próximo sábado, dia 25, no Centro de Trabalho local. O início da Assembleia está marcado para as 14 e 30 horas. Os comunistas de Alcântara integram a 2.ª zona da organização partidária na cidade de Lisboa. O encontro do próximo sábado concretizará uma das decisões da recente 3.ª Assembleia da 2.ª Zona.

Atenção, transmontanos!

Os comunistas naturais de Trás-os-Montes residentes na área da Grande Lisboa têm encontro com o camarada Agostinho Lopes, membro da Direcção Regional do Partido (DORT) e do Comité Central, no sábado próximo, dia 25, no Centro Vitória, na Avenida da Liberdade, 170, em Lisboa, às 10 horas da manhã.

«Rally Paper» no Barreiro

Integrado na iniciativa «Barreiro, Trabalho em Festa» – jornada popular que tentará recuperar belas tradições de confraternização barreirense –, a Comissão Concelhia do PCP vai realizar no dia 9 de Junho um «rally paper» aberto à boa disposição e ao convívio, «diferente do habitual». A inscrição para este «rally» é de 500 escudos por equipa (carro, piloto e co-piloto) e os pedidos de regulação e de informação podem ser feitos junto da organização do Partido ou para o telefone 207 38 31 – ext. 218.



Festa da Amizade-85

Aceite o convite!

Paulo de Carvalho, Sérgio Godinho, Carlos Mendes, Jorge Palma, o grupo «Rádio Macau», Brigada Vítor Jara, Maria Guinot, Banda Passagem (música brasileira) e o grupo de música cabo-verdiana «Cretcheu» são desde já nomes confirmados para os espetáculos da Festa da Amizade, ponto de encontro para milhares de pessoas no Laranjeiro, no fim-de-semana de 31 de Maio e 1 e 2 de Junho.

Considerada a maior iniciativa cultural, recreativa, desportiva e política do concelho de Almada, já com profundas tradições entre a população, a Festa da Amizade oferece um leque muito variado de actividades no seu programa de três dias. Vejamos: aldeia da juventude e dos pioneiros, café-concerto, Monte alentejano, leilão de velharias, artesanato, adegas Fado de Abril, cervejaria, centro do livro e do disco, exposição política, actividades desportivas (atletismo, xadrez, futebol, tiro ao alvo, damas, chinquinho e andebol), espetáculos musicais, colóquios, debates, exposição de artes plásticas e, entre

tudo isto, um belo espaço de animação e convívio popular em toda a Festa, que é constituída pelo entusiasmo e o trabalho dos comunistas de Almada.

Todos os espetáculos da Festa da Amizade serão apresentados por actores da Companhia de Teatro de Almada/Grupo de Campolide, estando também confirmados, além dos artistas já referidos, vários ranchos folclóricos e grupos corais.

O ingresso para os três dias do belo convívio do Laranjeiro — a «PA» (porta aberta) — custa 220 escudos e habilita a valiosos brindes. Na próxima edição do «Avante!» divulgaremos o programa completo de toda a Festa, que, recorde-se, inclui um comício com **Álvaro Cunhal**, na tarde de domingo, dia 2. Na próxima semana divulgaremos igualmente o valioso programa desportivo da Festa da Amizade, no qual se integram duas jornadas de atletismo aguardadas com muito entusiasmo: a prova «Dia Mundial da Criança» e a prova «Ano Internacional da Juventude».

PCP

Octávio Pato em Sarilhos Grandes «Para a actual coligação o País é uma espécie de coutada»

A coligação PS/PSD não é apenas uma coligação de Governo. Ambos os partidos partilham entre si as pastas dos ministérios mas também os lugares de governadores civis, as administrações dos bancos e das empresas nacionalizadas, a comunicação social e tudo o que pode significar poder ou proventos para os seus apaniguados, muitos dos quais são meros serventários que buscam benefícios com os cargos que desempenham. — recordou o camarada Octávio Pato, membro da Comissão Política e do Secretariado do CC, no comício do Partido realizado no último domingo, na freguesia de Sarilhos Grandes, concelho do Montijo.

O comício reuniu grande participação popular, tendo decorrido na Associação Musical União e Trabalho (AMUT), conhecida co-

lectividade popular daquele concelho de maioria APU.

«Para a actual coligação — prosseguiu Octávio Pato — e seus principais apaniguados, o país é uma espécie de coutada de onde cada um procura «caçar» o mais que puder à custa da crescente miséria do povo e da vassalagem do país ao estrangeiro. Daí o terem criado autênticos lobbies, ou seja, grupos de pressão nos mais variados departamentos estatais e empresas do Sector Público ou privado.»

«Apesar das contradições...»

E acrescentou: «O que para eles conta é manterem-se no poder e servir-se dele o melhor que puderem, conforme os seus próprios interesses e os das suas clientelas.

«Essas as razões por que a actual coligação se mantém e continua a manter-se, apesar das contradições existentes entre os dois partidos. É que aos conflitos partidários do PS/PSD sobrepõe-se o interesse da continuação duma política e a manutenção de um poder que, se acaba, poderá levar a acabar também com os proventos dessa mesma política e ao compadrio e nepotismo que a acompanha.

«Os grupos de dirigentes do PS e PSD sabem que é assim e, por isso, uns e outros procuram manter a coligação. Para o PSD, com a crise que o avassala, romper a coligação dar-lhe-ia a possibilidade de tentar distanciar-se das responsabilidades e dos efeitos da política do seu próprio Governo, mas as suas dificuldades e contradições são de tal monta que prefere sujeitar-se a amarrar-se à coligação,

restando como um partido subalterno do PS/M. Soares.

«Por tudo isso, o PS e o PSD, e Mário Soares em particular, esforçam-se por aguentar a coligação, custe o custar, e aguentá-la muito especialmente até à data limite em que o Presidente da República poderá dissolver a Assembleia da República (14 de Julho).

«A partir dessa data, os poderes do Presidente da República ficam diminuídos em consequência da revisão constitucional que a maioria impôs à Assembleia da República. E se já hoje essa maioria viola sistematicamente a Constituição, recorre à repressão e a ilegalidades de todo o tipo, domina a comunicação social, faz da corrupção e do compadrio uma arma de pressão ou chantagem, não é difícil prever o que poderão fazer quando tiverem as mãos mais livres (...)

VILA REAL DE ST.º ANTÓNIO

Os comunistas estão conscientes das suas responsabilidades

Foram 112 os delegados comunistas que participaram no último domingo nos trabalhos da 3.ª Assembleia da Organização Concelhia de Vila Real de Santo António, no Algarve.

A caracterização do concelho, onde o Partido e a APU contam com excelente apoio popular, um balanço do trabalho nas autarquias, a acção do Partido e as direcções fundamentais com vista ao seu reforço e dinamização, e ainda as propostas dos comunistas para a resolução dos problemas que afectam o concelho foram aspectos salientes do debate responsável proporcionado pela Assembleia, que reuniu ainda cerca de 80 convidados. Carlos Brito, presidente do Grupo Parlamentar do PCP na Assembleia da República e membro da Comissão Política do Partido, também participou na Assembleia tendo discursado no comício de encerramento (ver mais adiante).

A resolução aprovada na Assembleia, reunindo alterações propostas pelos militantes, que assim enriqueceram o texto, considerado um «precioso instrumento de trabalho», e um «guia para a acção futura», salienta responsabilidades do Partido no concelho, caracteriza a vida económica, alerta para a situação social e destaca muito justamente que «se as coisas não estão piores tal se deve também à luta intensa que os trabalhadores movem à política dos governos de direita».

para a derrota do candidato ou candidatos da reacção.

Por último, o documento aprovado «fala» do Partido, dos aspectos positivos do trabalho de organização e também das tare-

Municipal e nas Freguesias de Vila Real e Monte Gordo; reforço substancial das posições na Freguesia de Cacela, estão perfeitamente ao alcance do PCP e da APU.»

Contamos — sublinhou — para além da justeza das nossas propostas, com a prova das nossas realizações e do nosso trabalho de vários anos à frente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e da Junta de Freguesia desta vila. Este é um sólido argumento para determinar as opções de voto neste Concelho, mas é também um importante argumento com que as forças da APU de Vila Real de Santo António ajudam a nossa campanha nas outras autarquias do Algarve e de todo o país». Falando sobre a situação política

de novo a pressionar».

«As peripécias do Congresso do PSD constituem novos factores de desestabilização e de desagregação da coligação e do Governo. O grupo vencedor propagandeou um projecto que é não apenas diferente, mas oposto àquele em que assenta a presente coligação. Se até agora o Governo não funcionava com base na coligação do PS com o PSD, como passará a funcionar quando a nova direcção deste partido já anuncia rejeitar a aliança com o PS e defende abertamente a aliança com o CDS? Os sobressaltos que tudo isto representa para a candidatura presidencial do Primeiro-Ministro são outros tantos factores que interferirão com a marcha da acção governativa. Mário Soares favoreceu, como muitos indícios denotam, o lançamento da candidatura de Freitas do Amaral, mas parece que lhe está a acontecer o que aconteceu ao aprendiz de feiticeiro, desencadeou forças que já não é capaz de parar ou controlar. Passam a existir duas candidaturas da direita, pois que a de Mário Soares se tem confirmado nos últimos tempos como a candidatura do imperialismo, do patronato mais reacção e das soluções mais atentatórias dos interesses e direitos dos trabalhadores e do povo em geral. A evolução do quadro para as presidenciais, que levará ainda muitas voltas e uma reviravolta completa se houver demissão do Governo e dissolução da Assembleia, favorece tal como se apresenta agora o desenvolvimento dos mais largos consensos e a concentração dos mais fortes apoios em torno do candidato democrático capaz de derrotar os candidatos da reacção que já saíram a terreiro e outros que eventualmente se venham a apresentar».

Carlos Brito: «o Governo não governa...»

fas e esforços necessários para ultrapassar deficiências e para dinamizar frentes de trabalho.

nacional Carlos Brito insistiu «em que a prioridade da nossa acção e da nossa luta tem de continuar a ser a demissão do Governo e a dissolução da Assembleia da República. As pesadas razões que justificam e tornam imediata uma intervenção do Presidente da República todos os dias se juntam novas razões. O Governo não governa, mas organiza umas tantas conspirações contra as conquistas económicas e sociais de Abril e contra as próprias liberdades e o regime democrático. A Assembleia da República não legisla para o País, organiza uns tantos golpes contra-revolucionários legislativos como a iníqua lei do aumento das rendas de casa cuja votação está praticamente concluída e a sinistra lei da segurança interna cuja aprovação final o PS está

Objectivos fundamentais

O documento principal da Assembleia dá especial atenção às batalhas eleitorais que se aproximam, definindo a dada altura os seguintes objectivos centrais: **consolidar a maioria absoluta na Câmara Municipal, obter as maiorias absolutas nas Assembleias das Freguesias de Vila Real e Monte Gordo, reforçar as posições da APU na AF de Vila Nova de Cacela, aumentar nas legislativas a votação do PCP e dos seus aliados e manter a posição de força mais votada no concelho, contribuir nas presidenciais**

Intervenção de Carlos Brito

Carlos Brito interveio no comício de encerramento da Assembleia e abordou os principais aspectos que a tinham caracterizado. Salientou «que a primeira de todas as tarefas que se coloca aos comunistas de Vila Real de Santo António e aos seus aliados na APU é trabalhar para assegurar a recondução e a consolidação da maioria absoluta na Câmara». Afirmou «que este, como os outros grandes objectivos definidos pela Assembleia para as eleições autárquicas (maioria absoluta na Assembleia

Deputados do PCP em Gondomar

Os deputados comunistas eleitos à AR pelo círculo do Porto, António Mota e Gaspar Martins, visitaram no passado fim-de-semana o concelho de Gondomar inteirando-se de problemas e realidades locais.

O programa de três dias, muito intenso, incluiu uma visita à Quinta das Freiras e um encontro com a respectiva comissão de defesa, uma reunião com trabalhadores da CIF, com salários em atraso, e com a Comissão de Trabalhadores, encontros com as associações de estudantes e trabalhadores-estudantes da Escola Secundária de S. Cosme e um encontro na Câmara Municipal de Gondomar.

Sexta-feira à noite os deputados comunistas estiveram numa sessão de esclarecimento com a participação de dezenas de pessoas, em Baguim. A passagem daquele lugar a freguesia e a lei

das rendas de casa foram os assuntos mais discutidos.

No sábado, visitaram o Centro Revolucionário Mineiro e os bairros mineiros, em S. Pedro da Cova, onde se mantiveram em contacto com a população. Seguiu-se uma visita às zonas de Santa Ovaia e Paço, em Fânzeres e à Triana, em Rio Tinto, onde estiveram em duas prestigiadas colectividades.

Depois de um jantar-convívio no CT de Fânzeres, decorreu uma sessão de esclarecimento em Valbom, ao ar livre, já que o Governo Civil recusou a sala de uma escola.

No domingo, os deputados estiveram na zona do «Alto Concelho» onde visitaram o empreendimento da captação de água de Melres e tiveram uma reunião com a Junta de Freguesia de Medas.

Grupo de estudo na Checoslováquia

Um grupo de estudo do nosso Partido, no domínio da saúde, visitou a Checoslováquia a convite do Partido Comunista da Checoslováquia.

Os nossos camaradas foram recebidos pelo ministro da Saúde da República Socialista da Checoslováquia, tiveram encontros no Departamento Económico e no Departamento de Política Internacional do CC do PC da Checoslováquia e visitaram em Praga, Pilsen e Karlovy Vary, entre outras localidades, policlinicas, hospitais, creches, lares para a 3.ª idade, instalações terapêuticas, um instituto de medicina experimental e uma empresa de

produtos farmacêuticos.

Os encontros realizados e as visitas efectuadas permitiram conhecer a problemática da saúde numa perspectiva económica e a definição da sua política na Checoslováquia, nos seus mais diversos aspectos — cuidados primários e diferenciados, investigação, prevenção, diagnóstico, terapêutica, reabilitação, assistência na gravidez, infância, aos trabalhadores e idosos.

Esta visita realizou-se no quadro das fraternais relações de amizade, solidariedade e cooperação existentes entre o PCP e o PC Checoslováquia.

PCP

Com mais e novos motivos de interesse

Festa da Alegria vai mesmo realizar-se!

• **Vesgo sectarismo de Mesquita Machado**

A Festa da Alegria em Braga — reconhecidamente o maior acontecimento político cultural no Norte do País — vai mesmo realizar-se este ano nos dias 12, 13 e 14 de Julho, pese embora os desvarios e a actuação arbitrária e ilegal do presidente da edilidade, Mesquita Machado.

Quem o anunciou foi a Direcção Regional do Minho em comunicado produzido na segunda-feira no qual se afirma que o novo local onde se erguerá a festa — o Parque de São João da Ponte — está já assegurado e constitui um dos mais belos espaços naturais da cidade de Braga.

Recorde-se que esta transferência de local se deveu a uma decisão de Mesquita Machado, na sua oitava edição, apesar de exigir «maior esforço e novas soluções técnicas e decorativas» (todas as estruturas da Festa têm de ser edificadas dado que se trata de um recinto ao ar livre), constituirá uma iniciativa sem paralelo que provará o seu enraizamento nas «formas culturais e de convívio tradicionais da região», designadamente as festas e romarias miúdas.

Valorizada pelo enquadramento natural do novo parque, a Festa da Alegria constituirá ainda, na opinião da DORM, um grande espaço de convívio e de fraternidade, uma grande festa da cultura e da música portuguesa onde se combinarão o que há de mais rico e tradicional com o que de mais inovador e criador se produz no panorama da música popular portuguesa.

Mas a Festa será também um espaço privilegiado onde estará presente a vida, a luta e o trabalho do povo português bem como das suas tradições, espaço onde naturalmente haverá lugar para as exposições, stands de produtos, petiscos, e ainda para o debate e a abordagem dos grandes problemas da actualidade.

Uma das características da Festa deste ano será entretanto o livre acesso ao recinto, havendo apenas entradas pagas para os espectáculos que decorrerão numa das grandes tendas de circo que serão instaladas para o efeito no local.

Claro que face às redobradas despesas que este ano a Festa terá de suportar torna-se necessário multiplicar as acções de venda dos ingressos para os espectáculos, nomeadamente o IF (Ingresso na Festa/solidariedade) cujo preço é de 300 escudos e

que dará acesso a todos os espectáculos.

Repór a legalidade

A DORM informa entretanto que continuará a desenvolver todos os esforços no sentido de repor a legalidade democrática, corrigindo deste modo a decisão tomada pelo conselho de administração do PMEB e pela maioria da Câmara, fazendo para já transitar o recurso rejeitado pela Câmara para o Tribunal de Auditoria Administrativa e mantendo recurso para o Tribunal Constitucional.

Conforme declaram os comunistas bracarenses a escandalosa resolução da maioria PS/PSD/CDS na Câmara demonstra afinal o «carácter político (em ano de eleições) da atitude persecutória e ilegal assumida contra o PCP e demonstra, afinal, as acusações que há muito fazemos de que o poder absoluto da maioria PS na Câmara de Braga está a corromper o próprio carácter democrático da autarquia e está a conduzir à instalação na autarquia de um grupo que já não olha a meios para atingir os seus fins à própria custa das liberdades e dos interesses do concelho».

O caso não é para menos se pensarmos nas palavras de Mesquita Machado proferidas na última reunião da Câmara em que foi discutido e rejeitado o recurso interposto pelo PCP, ao declarar que enquanto fosse presidente da Câmara nunca o PCP tornaria a usar o parque municipal mesmo que ganhasse a questão nos tribunais. Elas valem por si ou, como sublinha a DORM, confirmam a postura de pequeno ditador cuja máscara de democrata há muito caiu.

Iniciativa respeitada

Afirmam ainda os comunistas de Braga que as características essenciais da Festa se manterão, e que esta se afirmará de novo como uma «iniciativa estimada e respeitada pelos bracarenses e pelo povo da nossa região, independentemente das suas concepções políticas».

Coimbra prepara Assembleia

O debate dos principais problemas do concelho, a definição de propostas objectivas para a sua solução, o balanço das lutas de massas e as direcções de trabalho que se impõem, actividade do Partido e o seu reforço, e ainda a eleição da nova Comissão Concelhia do PCP, contam-se entre os objectivos fundamentais da 2.ª Assembleia da Organização dos comunistas de Coimbra, que decorrerá no dia 2 de Junho, nas instalações do

Centro de Recreio Popular do Bairro Norton de Matos, na capital do Mondego.

Neste momento, prossegue a fase preparatória da Assembleia, que inclui a discussão entre os militantes comunistas do projecto de resolução política.

Santo António dos Olivais

É constituída por 15 membros

a nova Comissão de Freguesia do Partido de Santo António dos Olivais, Coimbra, eleita no último sábado, no decorrer da 2.ª Assembleia desta organização. O lançamento de uma campanha para reforçar as fileiras do Partido na freguesia e a constituição de três comissões locais são decisões importantes tomadas pelos delegados, que elegeram também o representante da organização à Conferência do Partido sobre o Poder Local.

Santarém: o reforço do PCP

Um balanço da actividade desenvolvida e um plano de objectivos para o reforço e dinamização do Partido mereceram especial atenção dos camaradas participantes na 2.ª Assembleia da organização do PCP da cidade de Santarém, efectuada no último sábado, na escola de Oliveira.

O reforço da ligação ao Partido dos militantes das diversas zonas da capital ribatejana, a dinamização das comissões locais,

do Centro de Trabalho, das células de trabalhadores comunistas das empresas e das tarefas relacionadas com fundos, imprensa partidária, quotização e recrutamento foram preocupações salientes no debate.

A luta de massas contra a política do Governo PS/PSD e as responsabilidades do Partido face às próximas eleições deste ano, com destaque para as do Poder Local, foram também te-

mas em foco na reunião dos comunistas escalabitanos.

A nova Comissão local do PCP — eleita na Assembleia — é constituída por 14 elementos.

Raimundo Cabral, da Comissão Política do Partido, encerrou os trabalhos com uma intervenção em que destacou aspectos da organização partidária e da actual situação política.

Um animado convívio pôs ponto final da jornada de sábado.

Organização regional de Leiria

1.ª Assembleia a 2 de Junho

«Com o PCP, um distrito em progresso, um Abril mais forte» — este o lema que presidirá aos trabalhos da 1.ª Assembleia da Organização Regional de Leiria, do PCP, a realizar em 2 de Junho na vila operária da Marinha Grande.

O balanço do trabalho realizado, apontando os aspectos positivos e as deficiências, a definição de propostas e perspectivas de trabalho e a eleição da Direcção Regional do Partido serão aspectos destacados do debate, que reunirá cerca de 400 delegados comunistas, eleitos nas organizações dos 16 concelhos do distrito, que abrange uma área de 3 515 quilómetros quadrados e um total de 418 mil habitantes.

Iniciada a 6 deste mês, a discussão do projecto de resolução da Assembleia tem suscitado uma intensa actividade preparatória, com reuniões e plenários, em que são também eleitos os delegados. Nesses encontros têm sido apresentadas numerosas propostas de alteração e aditamento ao texto do projecto, que assim se enriquece.

Após uma nota introdutória, o documento apresenta uma ca-

racterização socioeconómica do distrito de Leiria — região com actividade industrial, agrícola e piscatória —, falando nos capítulos seguintes, respectivamente, sobre a luta antifascista no distrito contra a exploração, pelas liberdades e a democracia; o 25 de Abril, a luta do povo e as conquistas democráticas; a política de direita, causa da degradação das condições de vida do povo; a luta popular, as organizações de massas e as principais direcções de trabalho e luta; as propostas do Partido para uma política de desenvolvimento com vista à resolução dos problemas regionais; e finalmente a vida, o funcionamento e a actividade do Partido.

Com o objectivo de divulgar à Comunicação Social a realização da Assembleia, que reunirá ainda cerca de 400 convidados, a Direcção Regional de Leiria promoveu anteontem ao fim da tarde na cidade do Lis uma conferência de Imprensa em que participaram os camaradas António Orcinha, suplente da Comissão Política do Partido, José Augusto, e Jorge Paixão, do CC, e José Inácio, da DORLEI.

Novo Centro da DORS A caminho dos 10 mil contos

Da Organização Regional de Setúbal vem a notícia: a passos seguros, a campanha para o novo Centro do Partido aproxima-se dos 10 mil contos!

Os números são animadores, tal como a movimentação de ideias e de iniciativas que a campanha está a suscitar em todos os concelhos, onde se registaram «casos» de vivo empenhamento e de imaginação na recolha de fundos.

Além de exemplos muito significativos em iniciativas centrais (caso dos mil escudos por militante, pagos em «prestações»), prosseguem as actividades de âmbito local, incluindo festas e convívios de pequena e grande envergadura.

O gráfico que hoje publicamos, embora já ligeiramente ultrapassado, dá uma ideia dos avanços conseguidos nas diferentes organizações.

Para a próxima semana daremos o devido relevo ao segundo número do boletim informativo editado pela SIP/DORS.

Da «agenda» de iniciativas para os próximos dias, refira-se a título de exemplo o plenário concelhio de fundos a realizar no antigo mercado de Alhos Ve-

dros, no dia 2 de Junho, às 15 horas, com a participação do camarada José Teodósio, membro do Comité Central e da DORS.

Recorde-se, entretanto, que grandes festas populares, como a de Almada — Festa da Amizade — se inserem na campanha em curso para o novo CT da DORS.

COMO VAI A CAMPANHA

SECTORES	EVOLUÇÃO DAS METAS EM PORCENTAGEM									
	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
ALCACER										
ALCOCHETE										
ALMADA										
BARRIEIRO										
GRÁNDOLA										
MOITA										
MONTUJO										
PALMELA										
SANTIAGO										
SEKAL										
SESIMBRA										
SETUBAL										
SINES										
SINDICAL										
JCP										
DORS										
TOTAL DISTRICTAL										

Novo CT em Vila Real

No n.º 42 da Rua António Azevedo, em Vila Real, o convívio, o entusiasmo e a festa reuniram mais de uma centena de pessoas para a inauguração do novo Centro de Trabalho do PCP na capital transmontana.

Após o hastear das bandeiras, realizou-se uma visita pormenori-

zada às instalações, seguindo-se então o convívio que registou a intervenção do camarada António Lopes, membro suplente da Comissão Política do Partido.

O novo CT tem zona de pátio, rés-do-chão, 1.º e 2.º andares, num total de 11 divisões.

«O Vitória para o Partido»

Ultrapassando com determinação as dificuldades próprias de uma campanha deste género — toda a gente sabe que não é fácil continuar a pedir dinheiro nos tempos que correm —, a recolha de fundos para a compra e obras do Vitória prossegue com as suas iniciativas e com o carinho especial dos militantes da Organização Regional de Lisboa (ORL), a que se junta a solidariedade da população do distrito.

Segundo o apuramento de 16 de Maio, a Campanha ia já nos 65 565 864\$00, de acordo com o quadro que publicamos de seguida.

Alenquer	230 442\$00
Arruda dos Vinhos	86 928\$00
Azambuja	133 555\$50
Cadaval	29 343\$00
Mafra	240 733\$00
Lourinhã	54 293\$00
Sobral	165 678\$00
Torres Vedras	414 766\$00
Amadora	2 535 394\$50
Cascais	2 006 354\$50
Carnaxide	1 316 443\$00
Oeiras	922 822\$50
Sintra	1 298 782\$00
Queluz	1 509 785\$00
Loures - Ocíd.	2 721 328\$50
Loures - Ori.	3 195 195\$50
V. F. de Xira	4 597 660\$00
C. L. L.	18 048 556\$20
Bancários	2 515 652\$00
Seguros	1 059 740\$00
Sect. Público	1 555 377\$50
Transportes	4 357 456\$00
Função Pública	1 672 866\$00
Saúde	3 030 437\$00
Informação	626 590\$00
Intelectual	3 618 317\$50
Sect. Sindical	1 101 482\$00
SIP/DORL	671 691\$00
Livraria Vitória	39 759\$50
C. T. Vitória	207 763\$00
JCP	13 000\$00
DORL	4 533 683\$50
Diversos	1 053 988\$80
TOTAIS	65 565 864\$00

Uma rifa especial...

Aproxima-se o Santo António, quadra festiva das gentes de Lisboa. E, falando da campanha do Vitória, conhecido Centro de Trabalho do PCP, mesmo no coração da cidade, aproxima-se o sorteio da rifa à venda na Organização Regional de Lisboa, contributo importante para o avanço da campanha.

Por apenas 50 «vitórias», a rifa habilita-o a um simpático automóvel (1.º prémio), a uma viagem à URSS para duas pessoas em 8 dias (2.º) e ainda a um mini-computador (3.º prémio).

Destá vez, com um «tiro» também se matam dois «coelhos». Ora vejam: ajuda-se a campanha do Vitória e fica-se habilitado a valiosos prémios. Estão convenientes?

Trabalhadores

SITUAÇÃO SOCIAL INSUSTENTÁVEL

Sindicatos mobilizam para o próximo dia 4

● Greve nacional dos professores anunciada para amanhã

Destinada a abater os ânimos e a desmobilizar as lutas, numa situação social que as faz aumentar diariamente, a preocupação do Governo é inculir a ideia de que a «paz social» é possível com ele em São Bento; que as acções de massas diminuem; e que todos os conflitos se resolvem sem recorrer ao protesto organizado, à luta consequente. Como se sabe (ou devia saber) que o contrário é que está certo, o Governo soarista **fala muito mais do que realmente diz**. Tenta evidentemente esconder não só o alcance das lutas, mas sobretudo os seus resultados e procura, por todos os meios, esconder a violência que de vários modos se faz sentir, juntamente com a coacção, sobre trabalhadores organizados e pouco atreitos à docilidade praticada pela UGT. Na semana passada, a par das acções de massas organizadas pela CGTP-IN em vários distritos com relevo para Lisboa, Porto e Setúbal, uma empresa de Gouveia, a **Transportes Gouveense**, na véspera das paralisações anunciadas para os dias 16 e 17, pagava os salários em atraso de Fevereiro a Abril e o subsídio de Natal de 1984.

O Sindicato dos Trabalhadores dos Transportes Rodoviários e Urbanos de Viseu chama muito justamente a atenção para o facto e sublinha a «importante vitória» obtida, «não obstante a gerência da empresa ter tentado por diversas formas desmobilizar os trabalhadores».

O que se passou na **Transportes Gouveense** significa que a própria disposição colectiva para a luta organizada continua a ser um factor decisivo da vitória. O exemplo de Gouveia mostra também que, embora parciais, os resultados das lutas são sempre bem-vindos e obrigam o patronato a recuar. Ninguém pode dizer ao certo, mas há elementos suficientes para conjecturar, o que seria feito de milhares e milhares de postos de trabalho nas zonas mais atacadas da indústria, se aí não se fizesse valer também a força organizada dos trabalhadores e a sua permanente capacidade

de resposta contra a onda dos salários em atraso, da repressão e das ameaças sobre o emprego. As próprias condições obtidas, individualmente, por trabalhadores que aceitam rescisões de contratos devem o melhor dos seus poucos êxitos — valha a verdade — ao movimento sindical unitário, à sua capacidade para apoiar as reivindicações, quer individuais, quer colectivas.

Metalurgia Vilar: subsídios do Governo para aumentar o desemprego

Ao perguntar «para que serviram os 36 mil contos de subsí-

dios» recebidos pela metalúrgica Vilar, de São Mamede de Infesta o Sindicato dos Metalúrgicos do Porto (SMP) afirma que a administração da empresa, de que faz parte o presidente do PS, António Macedo, não cumpriu as cláusulas para a concessão daqueles dinheiros por parte do Governo.

O SMP, em nota de anteontem, afirma que os subsídios — o primeiro, de 18 mil contos, da Secretaria de Estado do Emprego, por despacho de 1 de Setembro de 1981; e o segundo, do mesmo montante, atribuído em 1983 pelo Gabinete de Gestão do Fundo de Desemprego — «se destinavam à manutenção dos postos de trabalho e ao pagamento regular dos salários».

Embolsados os 36 mil contos, a Vilar reduziu o emprego (de 287, na altura em que recebeu o segundo subsídio há dois anos, para 175 trabalhadores: os que tem hoje).

nheiro por trabalhadores que não aderiram à greve. Os trabalhadores em luta continuam a exigir uma resposta «rápida e concreta às suas reivindicações».

Greve dos professores e concentrações

Continuava entretanto marcada para amanhã, 24, uma greve convocada pela Federação Nacional dos Professores. No respectivo pré-aviso, a FENPROF e os cinco Sindicatos filiados (Grande Lisboa, Zona Sul, Norte, Região Centro e Europa), ao divulgarem os motivos da luta, apresentaram propostas concretas ao ministro da Educação e afirmam que «a sua actual equipa dirigente, como as que a antecederam, desrespeita a negociação com os docentes e legisla impondo medidas gravosas para os educadores e



Em frente ao Ministério do Trabalho: pelos salários, pelo emprego, junto a um dos órgãos do Governo com mais pressa em atacá-los. (Pormenor da concentração do dia 16)



Transportes: um dos sectores na frente, durante a concentração de quinta-feira passada. (Praça de Londres, Lisboa)

quanto aos salários, continuavam por pagar anteontem os de Abril; os subsídios de férias e de Natal não são pagos desde 1982; e o pagamento dos salários «tem sido nestes últimos anos, extremamente irregular», revela o SMP acrescentando que raramente se cumprem «os prazos estabelecidos na lei».

Os trabalhadores da Vilar, «credores de milhares de contos», iniciaram no dia 15 uma greve que se prolongará, em princípio, até amanhã, refere o Sindicato, que sublinha a fuga aos compromissos por parte da administração, a qual, horas antes do início da luta, em reunião com representantes dos trabalhadores, na delegação do Ministério do Trabalho no Porto, adiaram apenas que «pagariam quatro mil escudos a cada trabalhador», na passada sexta-feira, «o que não veio a acontecer». Pelo contrário: a administração chamou a GNR e, segundo os delegados sindicais na Vilar, «ameaçou com a prisão os trabalhadores em luta e comportou-se de modo pouco digno», inclusive, distribuindo algum di-

para a qualidade do ensino. Direitos adquiridos são postos em causa, justas aspirações dos professores e necessidades da Escola são prejudicadas», afirma ainda a FENPROF no pré-aviso de greve que decorrerá «nos períodos lectivos compreendidos entre as zero e as 24 horas» de amanhã, abrangendo «todos os docentes do Continente e os que leccionam junto da emigração na Europa».

Estruturas intermédias da CGTP-IN, que promoveram concentrações em Lisboa na passada quinta-feira com activistas sindicais e trabalhadores das indústrias mais duramente afectadas pela política antinacional deste governo, designadamente contra o «pacote» legislativo do ministro do Trabalho (concentração na Praça de Londres), movimentam-se entretanto para a **Jornada Nacional** de 4 de Junho, que pode incluir, entre outras, uma paralisação nos transportes públicos e de mercadorias do sector privado.

No Porto, a semana de luta promovida pela CGTP-IN, que terminou com concentrações, plená-

rios, reuniões e outras formas de luta na quinta-feira passada, houve também uma concentração na parte baixa da cidade. Participa-

ram, «pela contratação, contra os salários em atraso e os despedimentos, contra o pacote laboral», dirigentes e delegados sindicais metalúrgicos, do têxtil, material eléctrico, bem como trabalhadores de empresas com salários em atraso, ou sob ameaça de despedimentos, como a Siderurgia Nacional, Jotocar, CIF, Francisco Barbosa de Castro, Vilar, S. Caetano, Ameal, Santos e Lima, UTIC, Mondex, Calandra do Bonfim, SERL e Hotel Ofir.

Na hotelaria, a Federação sindical do sector entregava um pré-aviso de greve para o próximo dia 4, enquanto que a movimentação sindical prosseguia noutros sectores, com relevo para os transportes, panificações, EPAC (ver Em Foco), administração local, e em empresas, como a TERMEC (Coimbra), Sundlete (Porto), Wandschneider (Porto), sector gráfico (Porto), TAP, Nedi (Mem Martins) e Quimigal.

Despedido no hospital

Numa situação social onde o impudor e a injustiça atingem os limites da gangrena, um trabalhador cai no hospital com três dedos decepados por uma máquina de balancé e, ainda internado, recebe ordem de despedimento. Doze dias antes de completar os três anos de casa exigidos pela gerência da **Sesnor** para passar a efectivo — sublinha o Sindicato dos Metalúrgicos do Porto — o operário metalúrgico, António Magalhães (casado, 18 contos «limpos» mensais, contratado a prazo, com um filho menor de dois anos) recebeu durante o internamento hospitalar, que se prolongou por três meses, «uma carta da Sesnor (metalúrgica de Rio Tinto) — avisando-o da rescisão do contrato». Acrescenta o Sindicato que «não há palavras que qualifiquem atitudes como esta». Por «mais duras que sejam», na verdade, as palavras não bastam para expulsar um Governo que patrocina situações deste teor. Os que accionam hoje em Portugal o gerador de miséria chamado «mercado do trabalho» não se dão, no entanto, por satisfeitos. Tencionam, como é público e se ouve na televisão, «flexibilizar» ainda mais as relações de trabalho, isto é, os despedimentos e a segurança do emprego. É com exemplos destes que se percebe até onde pode ir a «moral liberalizante» do Governo actual. Com a adopção do «pacote» Amândio de Azevedo, vice-presidente do PSD e ministro do Trabalho, pretende-se ainda mais. Tem razão o Sindicato do Porto. As palavras não bastam, é preciso lutar. Se a nova lei dos despedimentos já estivesse em vigor, António Magalhães seria despedido antes de chegar ao hospital.

QUIMIGAL Sob garrote

A Comissão de Trabalhadores da Quimigal, EP, uma das maiores empresas do País, assina juntamente com a Comissão Intersindical Central, em nome das organizações representativas (ORT's) daquela unidade da indústria química nacionalizada, uma extensa análise, referida a meados de Maio, sobre a «situação económica, financeira e social» da empresa. Afirmam as ORT's, a dado passo da sua nota à Imprensa, que «o Governo, ao mesmo tempo que exerce pressão sobre a Quimigal para que esta recorra a empréstimos externos para obtenção de divisas, não entrega as dotações de capital previstas e prometidas». O atraso no pagamento das «indenizações compensatórias do Fundo de Abastecimento» devem ter atingido, segundo as ORT's, os 10 milhões de contos em Dezembro de 1984 e crescido «posteriormente na ordem dos 500 mil contos/mês». Acusando o Governo soarista de prosseguir com a ofensiva contra a Quimigal, as ORT's afirmam que «os encargos financeiros constituem um autêntico garrote». Devem ter atingido os «17 milhões de contos em 1984, tanto como o Valor Acrescentado Bruto (riqueza criada), no mesmo ano, e praticamente o dobro dos encargos totais com os trabalhadores».

Trabalhadores

II Conferência Sindical da Mulher Trabalhadora Encontrar e aplicar decisões para acabar com a discriminação e a exploração da mulher

Nós não temos condições de vida, mas uma vida sem condições — com esta frase definiu, uma das oradoras, a situação que enfrentam, hoje, as mulheres trabalhadoras deste País, no decorrer da II Conferência Sindical da Mulher Trabalhadora, que se realizou em Almada, na sala de espectáculos da Sociedade Incrível Almadaense, nos passados dias 17 e 18. Inicialmente promovida pela CGTP-Intersindical Nacional, contou com a participação empenhada de mais de 400 delegadas, reflectindo todo um trabalho preparatório desde as reuniões no local de trabalho às assembleias distritais.

No final de um debate vivo, com a intervenção de 62 delegadas (a falta de tempo impediu que 30 delegadas pudessem intervir), onde as diferentes situações enfrentadas pelas mulheres trabalhadoras, de todo o leque profissional, foram apresentadas, a Conferência aprovou por unanimidade e aclamação a Carta Reivindicativa e de Acção Sindical, documento-base para uma futura estratégia a desenvolver na luta por uma situação

A mulher enfrentou decididamente a sua participação no mundo do trabalho e a taxa de actividade feminina que em 1970 era de 19 por cento passou para 38,6 em 1984. Isto resultou de um salto quantitativo e também qualitativo. Com efeito, muitas das profissões que anteriormente eram pertença exclusiva dos homens começam hoje a serem praticadas por mulheres, com os mesmos resultados práticos de pro-

trabalho, nas nossas relações de trabalho e na família, que houve uma grande transformação de mentalidades. O comportamento familiar é hoje muito mais saudável, de companheirismo e de respeito mútuo, há uma crescente participação, principalmente nas camadas mais jovens de divisão das tarefas familiares.

Tudo isto foi possível — acrescentou Maria do Carmo Tavares — porque os trabalhadores se empenharam decidida-

... ou ao Governo

E se as melhorias para a sociedade portuguesa estão na sua esmagadora maioria localizadas no tempo entre 1974 e 1975, já as alterações negativas só podem ser conotadas com os sucessivos governos que desde essa época dirigiram os destinos (tristes destinos) da nação.

Isso mesmo acentuou a dirigente da CGTP-IN no discurso de encerramento da Conferência, ao afirmar que a política em

da desigualdade e discriminação da mulher, de que poderemos dar como exemplo o que se passa na Segurança Social onde as pensões das mulheres são mais baixas do que as dos homens. E este será apenas um pequeno exemplo de um vasto rol que poderíamos enumerar.

Um debate participado

De Trás-os-Montes aos Açores as mulheres trouxeram para o plenário da Conferência os gran-



A Conferência foi um factor de mobilização e participação das mulheres na actividade sindical, de confiança na sua capacidade de luta e de esperança no Portugal de Abril

trabalho, dizendo bem alto que Abril não foi para esta política de salários em atraso, desemprego e fome.

Foram 62 intervenções durante o debate. Muitas outras ficaram prejudicadas por falta de tempo e não porque as mulheres que intervieram falassem de mais. Muito pelo contrário, o tempo era escasso para dizerem tudo o que se passa, tanto com as bordadeiras da Madeira, como com as operárias da Lisnave, ou as empregadas de escritório, ou ainda as professoras.

Neste momento temos um grande pedregulho na estrada que Abril abriu — disse uma das oradoras, referindo-se ao Governo, e em vez de se ficar por uma posição pessimista exortou todas as suas companheiras para «arregaçarem as mangas», contribuindo assim para que alguma coisa mude, na perspectiva de um futuro melhor, desejo que é comum a toda a população.

Na intervenção de abertura da Conferência, proferida por Odete Filipe, do Conselho Nacional da CGTP-IN, um balanço foi feito do trabalho preparatório da Conferência. Ali foi dito que as mulheres são as primeiras a conhecerem o desemprego, sendo actualmente 62,4 por cento dos desempregados. São também das últimas a encontrarem um posto de trabalho. E quando o encontram ficam sujeitas à exploração do contrato a prazo,

do trabalho clandestino e dos salários de miséria. (...) Como se não bastasse, em muitas situações, o patronato recusa-se a reconhecer à mulher trabalhadora outros direitos consagrados na lei e na contratação colectiva, como por exemplo: o direito à maternidade; à formação e promoção profissionais e ao direito a trabalho igual salário igual.

A mulher na vida sindical

Preocupação foi também, na intervenção daquela oradora, a participação da mulher na vida sindical, ao salientar que apesar de haver um aumento de mulheres dirigentes, desde o 4.º Congresso da CGTP, sendo o total de dirigentes em exercício 4218, apenas 732 são mulheres, o que equivale a uma percentagem de 17,3 por cento. Percentagem esta que não corresponde nem à posição da mulher na globalidade da população do País (52 por cento) nem à sua participação actual no mundo do trabalho (33 por cento).

E mais adiante acrescentou: Como se pode constatar, devido à dupla tarefa que actualmente a sociedade impõe às mulheres que, na maioria dos casos são trabalhadoras, mães e donas de casa, elas dificilmente têm tempo disponível para uma participação militante na vida sindical, para a

leitura ou para o estudo. Regra geral, para a mulher não existem tempos livres e quando, com grandes dificuldades, participa na vida sindical, na maioria dos casos o que encontra são incompreensões, por vezes por parte de pessoas que, nalguns casos, até são revolucionárias e estão na mesma luta, incluindo alguns companheiros que não compreendem a necessidade de dividir as tarefas domésticas e as responsabilidades familiares para permitir a igualdade de participação da mulher.

Interrogando se será com atitudes radicais ou atirando-se contra aqueles que são tão explorados como as mulheres e atribuindo-lhes todas as responsabilidades, que os problemas serão resolvidos, Odete Filipe adiantaria a resposta:

Preclamamos que os homens, que são tão explorados como nós, compreendam que só al-

cançarão a libertação e só acabarão com a exploração quando deixarem de ser violados os direitos da maioria da população, que são as mulheres. E é necessário, também, que algumas mulheres, que não compreendem que na realidade têm problemas específicos, alterem a sua atitude e participem com os restantes trabalhadores na defesa dos seus direitos.

Após a votação da Carta Reivindicativa e de Acção Sindical a Conferência aprovou diversas moções — uma de apoio à acção nacional de protesto que a CGTP-IN decidiu convocar para o dia 4 de Junho, outra em defesa da paz, uma terceira contra o tratamento feito por alguns órgãos de comunicação social e a última, uma moção de protesto e repúdio pela projectada lei das rendas de casa. Moções onde a unanimidade foi a tônica.

Terra

Domingo, em Soutosa

Jornada de luta em defesa dos baldios

Soutosa, freguesia do concelho de Moimenta da Beira, constituirá no próximo domingo, dia 26, ponto de encontro das gentes serranas do distrito de Viseu. A iniciativa parte do Secretariado dos Baldios daquele distrito e tem em vista dois grandes objectivos: por um lado, realfirmar a vontade e o empenho dos povos e compartes em defender os seus maninhos e a lei actualmente em vigor (leis 39/76 e 40/76); e, por outro, homenagear Aquilino Ribeiro por ocasião da passagem do 100.º aniversário do seu nascimento.

Num momento em que os partidos da coligação governamental e o CDS procuram a todo o custo levar por diante o seu projecto de roubo dos baldios aos povos, esta jornada de luta assume um claro significado de repúdio por tais intentos e uma inequívoca demonstração da capacidade de luta e resistência dos povos serranos.

Recorde-se que os conselhos directivos de baldios (CDB's) têm estado sujeitos a um clima de intimidação e a todo o tipo de ma-

nobras por parte quer de autarquias e celulosos, quer inclusive de governadores civis. Esta acção intimidatória tem no entanto encontrado pela frente a oposição firme dos CDB's os quais

serena e decididamente prosseguem na execução dos seus planos e obras de melhoramentos em benefício das aldeias e das populações.

Do conjunto de iniciativas que

preencherão durante todo o dia um rico e variado programa destacamos pelas 10 e 30 horas o descerramento de uma placa no busto de Aquilino alusiva à efeméride; o período de inter-

venções durante o qual usará da palavra, entre outros, um dirigente da CNA, e à tarde, depois de um almoço-convívio, um espectáculo em que actuarão vários ranchos folclóricos.

LUTAS E TAREFAS

• **Patrões recuam na «óptica»** — Segundo a Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços (FEPCEs) a acção sindical na contratação colectiva levou os patrões deste ramo do comércio a «retirarem a sua contraproposta de revisão global do clausulado» em vigor no CCT agora revisito, no que respeita à tabela salarial, com aumentos globais da ordem dos 22 por cento. Recorde-se que a contraproposta inicial do patronato não ia além dos 15 por cento e, posteriormente, a subida para os 22 implicaria a retirada de regalias e direitos consagrados nas leis do País, que o Governo pretende alterar com a recusa generalizada do movimento sindical. Ainda no sector do comércio, a FEPCEs refere as negociações de revisão do OCTV (contrato vertical) do ramo automóvel, onde também o «patronato pretende retirar direitos e regalias» em troca de aumentos salariais de 14 por cento. «Defende os seus direitos; luta por uma revisão salarial justa» — palavra de ordem da FEPCEs.

• **Eleições no SPGL** — A Mesa da Assembleia Geral do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa anunciou para o próximo dia 30 a realização de eleições para os corpos gerentes do SPGL no biénio de 1985/87. Num apelo à «participação dos professores na organização do acto eleitoral», a Mesa refere que «este acto eleitoral coincide com um momento de graves ameaças à estabilidade da vida profissional dos docentes». No mesmo dia, decorrem eleições para os corpos gerentes do SPN — Sindicato dos Professores do Norte.

• **RTP: direito de resposta 15 meses depois** — Em nota à imprensa do dia 20, a CGTP-IN, depois de se referir à recusa do direito de resposta que a RTP lhe impôs a propósito de declarações do secretário de Estado, Anselmo Rodrigues, em 29 de Fevereiro do ano findo, assinala que, após decisão do tribunal nesse sentido, «a partir de agora a RTP será inapelavelmente obrigada a transmitir a resposta da CGTP-IN» às afirmações daquele membro do Governo na TV («ofensivas, inverídicas e erróneas») há cerca de 15 meses, o que dá uma ideia da «consideração» da RTP pelos direitos dos cidadãos face à imprensa, nomeadamente o direito de resposta que — recorde-se o artigo 37.º da Constituição — deveria ser exercido em «condições de igualdade e de eficácia». Para recusar há 15 meses o direito de resposta à Central unitária, a RTP

alegara, entre outras desculpas, a existência no texto sindical de «expressões desprimorosas» para o Governo. A Inter reclama uma indemnização.

• **Reforço unitário nas eleições sindicais nos distritos da Guarda e Castelo Branco** — Entre as conclusões aprovadas num Encontro de dirigentes, delegados e activistas sindicais, na Covilhã em 4 do corrente, sublinha-se que «nas eleições sindicais realizadas nos últimos tempos, quer em Castelo Branco, quer na Guarda, há um reforço significativo da votação nas listas do movimento sindical unitário». Depois de analisar a situação laboral naqueles distritos, principalmente «a intensificação do não pagamento dos salários» e um «acentuado agravamento da repressão nas empresas», o Encontro, promovido pela Organização Regional da Beira Interior (ORBI) do PCP, afirma que «o combate permanente, firme e organizado ao divisionismo tem prestigiado o movimento sindical unitário e tem contribuído não só para o reforço em vários sectores de actividade e em empresas, mas também para um avanço notório e significativo da sindicalização em vários sectores, nomeadamente entre os trabalhadores que, reconhecendo a política de conciliação e oportunismo da UGT, fortalecem o movimento sindical unitário».

• **Profissionalização dos professores extinta: «uma monstruosidade legislativa e um embuste»** — Considerada uma «questão essencial» pelo Sindicato dos Professores da Grande Lisboa (SPGL), a profissionalização em exercício e a contratação de docentes foram recentemente alvo de um decreto-lei (150-A/85) que o mesmo Sindicato acusa de «embuste», de «monstruosidade legislativa», que «atropela os direitos e os interesses de toda a classe e de cada professor dos ensinos preparatório e secundário». A direcção do SPGL, que mantém a greve marcada para amanhã, dá forma a oito perguntas sobre aquele diploma e sublinha: «as falhas que contém, as contradições que encerra, a gravidade das situações que perfila servem para demonstrar a precipitação com que foi feito e a leviandade daqueles que o aprovaram». A primeira das oito perguntas feitas pelo SPGL, na passada segunda-feira, é a de «quantos professores vão ser despedidos». A direcção do SPGL sublinha que «a anulação deste decreto é uma exigência a satisfazer, é uma questão de sanidade pública».

DIRIGENTES SINDICAIS Quantas são e onde estão?

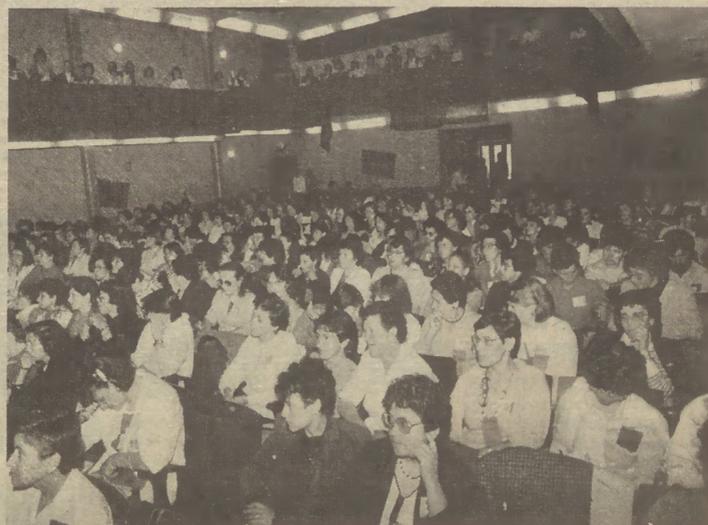
Lisboa, Pórtio e Coimbra são os distritos com maior número de mulheres dirigentes sindicais em exercício. Contudo, Évora é o distrito que apresenta a maior percentagem feminina nas direcções sindicais.

Em termos percentuais, as mulheres representam, no conjunto dos dirigentes sindicais: 31,8 por cento em Évora, 23 por cento em Angra do Heroísmo, 22,2 por cento em Coimbra e 22,1 por cento em Lisboa, sendo estes os distritos com maior peso feminino nas direcções sindicais.

Os distritos de menor participação são: Viseu, Viana do Castelo, Ponta Delgada e Funchal.

Por ramos de actividade, o maior número de mulheres dirigentes sindicais encontra-se nos têxteis, lanifícios e vestuário, seguindo-se os sectores de comércio, escritórios e serviços, alimentação, bebidas e tabaco e na função pública.

Dos 4218 dirigentes sindicais em exercício, 732 organizações filiadas ou que colaboram com a CGTP-IN, 732 são mulheres (17,3 por cento) e dos 71 membros do Conselho Nacional da CGTP-IN, 15 são mulheres (21,3 por cento).



Há um evoluir considerável da participação e intervenção da mulher portuguesa não só na resolução dos seus problemas específicos, mas também nos problemas que afectam a classe trabalhadora

mente e as mulheres fizeram parte integrante dessa luta. O movimento das mulheres tornou-se uma força de grande importância e a sua aplicação e defesa devem-se à sua combatividade e intervenção.

curso tem intensificado a exploração e o poder do patronato e criado maiores desigualdades, relativamente à mulher trabalhadora.

Apresentando dados concretos, focou o actual agravamento

des problemas com que se debatem no dia-a-dia de hoje.

E trouxeram-nos sem qualquer espécie de receios ou peias, chamando as coisas pelos seus nomes, denunciando a repressão de que são vítimas nos locais de

Reivindicações

A Carta Reivindicativa e de Acção Sindical aprovada na II Conferência Sindical da Mulher Trabalhadora, ressaltando, embora, o avanço significativo que se registou, nos últimos dez anos, relativamente à situação da mulher, não deixa, contudo, de exigir alterações imprescindíveis para que a discriminação termine, a igualdade seja uma realidade e o direito ao trabalho não seja uma palavra vã. Pela impossibilidade de a transcrever na íntegra salientamos alguns pontos:

- a consolidação da Reforma Agrária, condição indispensável para a melhoria da situação das mulheres rurais, que constituem um grupo ainda mais desfavorecido;
- a revisão da lei dos contratos a prazo, de forma a pôr fim à sua utilização abusiva;
- o direito de preferência na admissão das trabalhadoras com responsabilidades familiares desde que o número destas ao ser-

— pela obrigatoriedade das empresas que empreguem mais de 50 trabalhadoras a dispor de creches;

— por uma rede de transportes eficaz que não obrigue a uma sobrecarga de horário;

— a aprovação de disposições legais que proibam a utilização degradante da imagem da mulher para atrair a atenção do consumidor, bem como a utilização abusiva do seu corpo como chamariz publicitário;

— a realização de programas de informação e campanhas educativas sobre o valor social da maternidade de forma a que todos (homens e mulheres, empregadores e trabalhadores) se sintam responsabilizados e o seu peso deixe de recair exclusivamente sobre as mulheres.



melhor para a mulher que trabalha.

Sendo uma força que desperta (as mulheres são hoje 52 por cento da população total do País) é bastante provável, para não dizermos quase certo, que depois da Conferência «nada será como antigamente», para citarmos Maria do Carmo Tavares, membro do Executivo da CGTP, durante o discurso de encerramento.

Tudo nos leva a 1975...

Na sua intervenção final, aquela dirigente sindical focou as alterações positivas que se verificaram na sociedade portuguesa após a Revolução de Abril, nomeadamente no que à mulher trabalhadora diz respeito.

atividade e eficácia. E diversos exemplos foram apresentados na Conferência.

Ainda há uns anos atrás o facto de uma mulher ser motorista de táxi era notícia de primeira página nos jornais. Hoje, embora não sejam ainda muitas, não constitui espanto para ninguém entrar num táxi com uma mulher ao volante. E muitas outras actividades profissionais podiam ser referidas.

Na sua intervenção, Maria do Carmo Tavares constatou ainda a tendência para a redução progressiva das remunerações entre homens e mulheres, se bem que o movimento no sentido de aproximação tenha sido muito mais acentuado em 1975.

Salientou igualmente que na sociedade portuguesa constata-se no dia-a-dia, no nosso

Poder Local

Setúbal Corresponder aos anseios das populações

Um concelho tem uma identidade própria. Mas reparte-se, se assim se pode dizer, pelas suas freguesias. Setúbal não escapa à regra. E é, como tivemos oportunidade de constatar na visita a duas freguesias, na diversa realidade que se encontram os pontos comuns, o essencial. O essencial, neste caso, é que a APU, em colaboração estreita com as populações, tem realizado um bom trabalho. Mas não descansa à sombra do trabalho feito.

Quando perguntámos, no final de uma conversa tida nas instalações da Junta de Freguesia da Anunciada, ao próprio presidente, Ricardo Santos, como resumia ele os anos de trabalho à frente da autarquia, recolhemos palavras significativas:

«Sinto-me feliz», disse, «sinto-me feliz não obstante as dificuldades que encontro, a falta de verbas e de condições. Mas vejo que o trabalho vai andando e que corresponde aos anseios das populações».

Esta preocupação de corresponder aos anseios das populações revelou-se não apenas na conversa que tivemos sobre o trabalho realizado como na volta que demos ao fim da manhã pela velha freguesia debruçada sobre o estuário. No Largo da Fonte Nova, um velho pescador reformado vem cumprimentar o presidente da Junta, conversa um pouco. Ocupa-se, com outros idosos, de regar o pequeno jardim, de lavar os bancos novos

além das reuniões da Assembleia, uma série de iniciativas — cursos de alfabetização, reuniões culturais, reuniões de comissões e de associações de moradores, uma sala aberta à freguesia — Ricardo Santos lembra o percurso da APU na autarquia. Conquistada a maioria relativa em 79, reforçada em 82, a APU tem, de resto, um bom entendimento com os eleitos do PS nas quatro juntas da cidade. E o facto de os eleitos do Povo Unido serem os mais assíduos e os mais activos, transforma a maioria relativa em maioria actuante. Na generalidade, o plano da APU está cumprido.

Concluíram-se as instalações do mercado de levante, o arranjo da Praça da Fonte Nova. Instalou-se água canalizada na Aldeia Grande — o último aglomerado do concelho que não tinha água —, e a rede de esgotos. Instalou-se a electricidade no Casal da Fé e em Combros. Concluída a primeira fase do abastecimento



Muito está feito, o programa cumprido no essencial e ultrapassado mesmo. O trabalho, porém, não pára na Freguesia de São Sebastião, dinamizado pela Junta APU

apoia-se dois grupos de teatro com subsídios, sendo a contrapartida espectáculos que os grupos levam a cabo na freguesia. Para além do vasto programa que a Junta dinamizou no 25 de Abril, outra iniciativa de cariz popular e tradicional em Setúbal foi também organizada pela Anunciada. Foi o Carnaval, que contou com a participação de centenas de crianças das escolas, de um curso «crítico», de escolas de samba, de distribuição de prendas oferecidas pelos comerciantes da freguesia.

trabalhos e melhoramentos realizados.

No último mandato a Junta melhorou a sua intervenção, em colaboração estreita com a Câmara Municipal. O seu programa, que apontava para melhorar a qualidade de vida das populações, pode considerar-se cumprido, se não já ultrapassado no fundamental.

Dos três mercados de levante a construir apenas falta um, o do Faralhão. Foram melhorados e criados novos parques infantis, existindo agora 25 na freguesia. Foram criados — e visitámos — dois mercados de abastecimento público, um no Bairro Humberto Delgado, outro no Bairro 2 de Abril. Houve colaboração com a Câmara no arranjo de arruamentos e com os Serviços Municipalizados na implantação de esgotos.

O rol da obra feita é grande como a freguesia. No armazém-oficina criado pela Junta foram construídos 43 abrigos para passageiros, para todas as freguesias do concelho. Na zona da Quinta do Meio foi criada uma delegação da Junta, a fim de servir melhor as populações. Criados vários parques de jogos em escolas primárias, com a participação monetária da AECOD. Um conjunto de equipamentos foi adquirido a fim de responder às necessidades das cerca de 50 organizações populares de base em actividade, assim como foram comprados veículos para apoiar as obras da Junta.

O empenho das populações nas obras realizadas foi, por mais de uma vez, sublinhado por Jerónimo Matias. Na construção das escolas primárias do Faralhão e de Manteigadas. Nas obras de abastecimento de água no Alto da Guerra, em arranjos nas Pontes, obras que foram levadas a efeito de colaboração entre a Câmara e a Junta.

Jerónimo Matias termina como começara Ricardo Santos:

«Sinto-me feliz. Temos feito aquilo que estava ao nosso alcance, apesar do asfíxiamento de verbas, das dificuldades criadas às autarquias, ao concelho. Cansado também. Mas vejo que fizemos tudo quanto estava ao nosso alcance».

■ L.M.



Agora é assim, no largo da lota. Antes, este mercado não tinha condições e os produtos ficavam ao nível do chão. Mais um melhoramento da Junta de Freguesia da Anunciada

que a Junta ali conseguiu colocar. Mais adiante, num bairro pendurado nos morros, uma mulher vem queixar-se dos buracos que ainda não foram tapados. Mais adiante ainda, as queixas são outras — um largo cujo arranjo é um objectivo e ainda se não concretizou. Ricardo Santos responde, sem procurar desculpar-se. A APU não fez promessas, tomou compromissos e tenta cumprir-los até final do mandato. Muito foi feito, há ainda bastante a fazer.

Um caminho de confiança

Nas novas instalações da Junta, mais precisamente num salão onde se costumam realizar, para

de água no Grelhal, o projecto da segunda está adiantado. Claro que as obras maiores resultam de acção conjunta entre a Câmara Municipal e as Juntas, no processo de descentralização.

Por outro lado, no campo da alfabetização há sete cursos a funcionar com a frequência de uma centena de adultos. Melhoraram-se substancialmente os parques infantis. Em breve estarão concluídos mais abrigos de paragens de transportes públicos. Foram arranjos caminhos rurais para obviar aos fogos no parque da Arrábida, cumprindo o programa que um levantamento criterioso indicou.

No âmbito do trabalho cultural,

Mais um parque infantil «AECOD»

Os eleitos da Aliança Povo Unido da Freguesia dos Prazeres — Lisboa —, na continuação da jornada de trabalho voluntário dos dias 11 e 12 do corrente, montaram no passado fim-de-semana um parque infantil na Praceta Possidónio da Silva. Este parque foi oferta da Associação dos Eleitos Comunistas e Outros Democratas.

Participaram na jornada duas dezenas de pessoas e mais de meia centena de crianças da zona fizeram questão de estreá-lo no fim do dia.

Também na Freguesia de Alcântara se continuou a jornada com a montagem de mais um brinquedo no Parque Infantil da Rua Diogo Cão.

Separar o vidro do joio

No município do Seixal, o vidro vai passar a ser recolhido selectivamente, a partir do lixo doméstico, de modo a que as receitas com a sua venda sejam entregues à CERCISA — Cooperativa de Ensino e Recuperação das Crianças Inadaptadas do Seixal e Almada. A campanha, a começar no princípio do mês que vem, conta já com um protocolo estabelecido com a Associação dos Industriais do Vidro de Embalagens. Vão ser instalados recipientes próprios para a deposição do vidro nos locais de maior frequência da população — em Miratejo, Corroios, Cruz de Pau, Correr de Água, Torre da Marinha e Seixal.

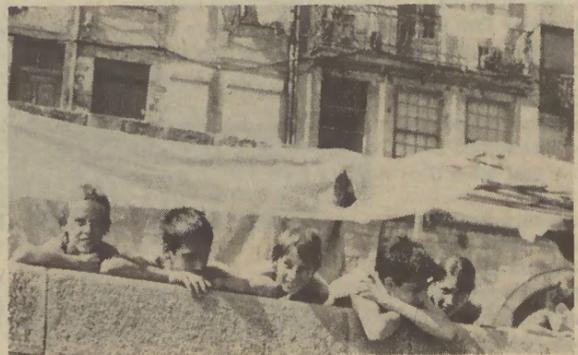
Exponor e a «fachada»

A propósito da realização da Exponor em Matosinhos, localizada mais propriamente em Leça da Palmeira, a Comissão Coordenadora de Matosinhos da Aliança Povo Unido difundiu um comunicado no qual, embora considerando de interesse a iniciativa, lhe coloca algumas reticências importantes, nomeadamente no que toca à cedência gratuita, por parte da Câmara, de 90 por cento dos terrenos.

«A instalação da Exponor», diz o comunicado da APU, «custa ao povo de Matosinhos muito mais de 70 mil contos e o adiamento por mais anos de importantes obras prioritárias já programadas. As facilidades escandalosas, com os dinheiros públicos, dadas ao grande capital contrastam flagrantemente com a outra face da mesma política antipopular de dificuldades crescentes, com a difícil situação vivida pela população de Matosinhos que a realidade inequivocamente mostra.

«Denunciamos», diz ainda o comunicado, «a campanha de mistificação da opinião pública pelos serviços de propaganda da Câmara e dos jornais que a servem. Encobrir o real desprezo pela esmagadora maioria do povo com slogans propagandísticos em nome do «desenvolvimento» e do «fluxo turístico» é uma balela para enganar o povo».

Mais adiante, o comunicado denuncia «a política de «fachada» e de enfeudamento ao grande capital da Câmara PS de Matosinhos e dos seus aliados, tendo sido — a APU — a única a votar contra as condições de realização deste empreendimento».



«Connosco o Porto é limpinho»

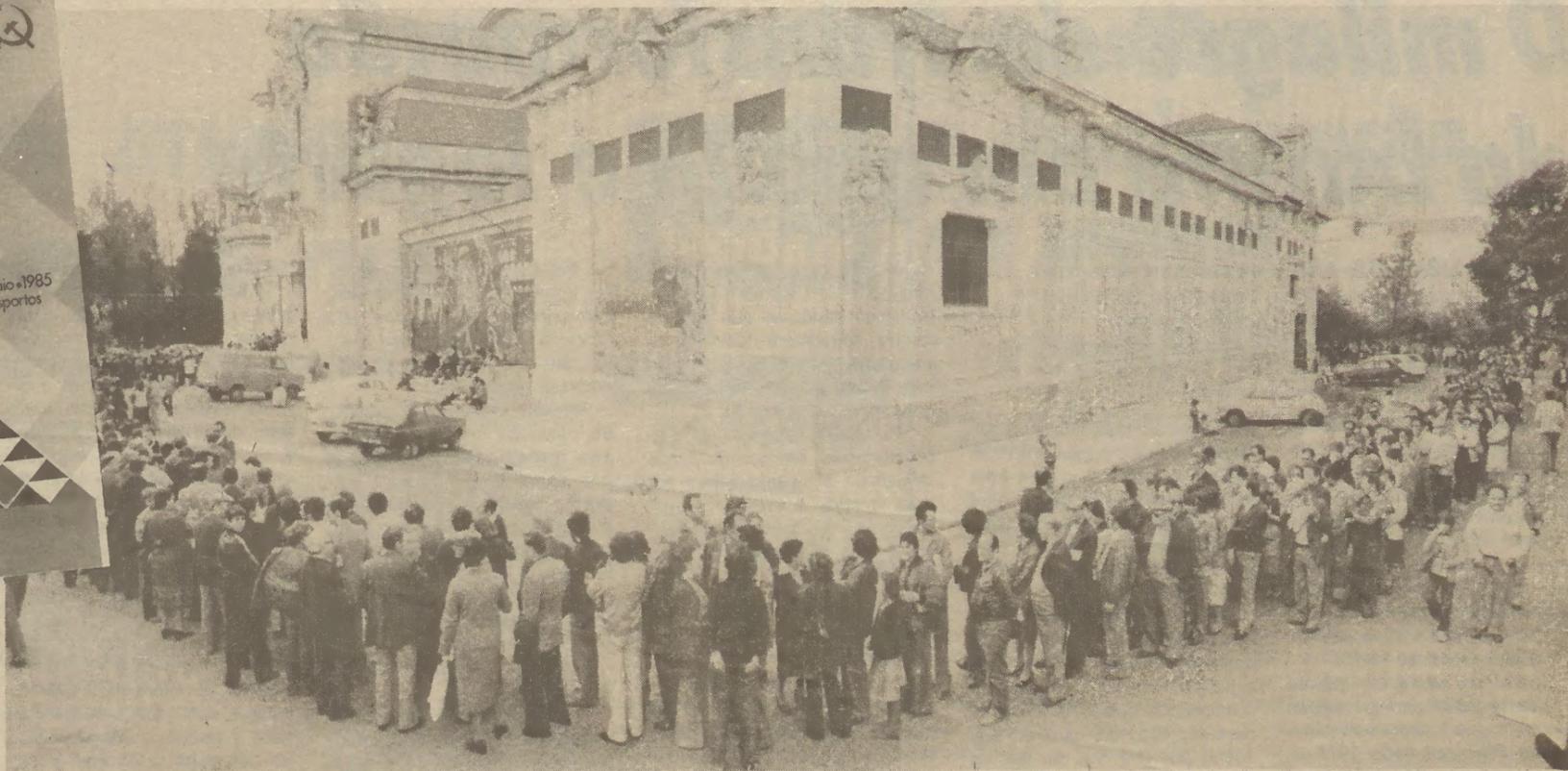
O passado domingo, no Porto, foi Dia de Limpeza. Muitos milhares de pessoas participaram com entusiasmo na iniciativa municipal, da responsabilidade do vereador APU, Oliveira Dias, mas foi à juventude que coube o principal papel. «Deixem passar a malta que ainda há Porto para limpar», era o lema de milhares de desportistas que se inscreveram nas provas que se realizaram ao longo do dia, ligando a campanha de limpeza com a festa, sob o signo do Ano Internacional da Juventude.

Em comunicado sobre esta importante iniciativa, a APU considera que os resultados da sua participação na gestão directa da Câmara estão à vista: «Dentro de um mês, a cidade será abastecida com água de qualidade e em quantidade. Têm sido impedidos os escandalosos aumentos do custo da energia eléctrica que o PS/PSD e CDS têm tentado fazer aplicar. Estão projectados e já se iniciaram diversos equipamentos sociais de apoio às populações carenciadas dos bairros camarários. Modificou-se radicalmente a limpeza da cidade.»

A APU sublinhou ainda que «não tem havido nem uma única decisão útil aos portuenses que não tenha contado com o apoio construtivo da APU. É o que se passa com o estudo do novo Plano Director da cidade, com a implantação do Parque da Cidade, com a recuperação e animação do Mercado Ferreira Borges.»

Como diziam os dez mil balões distribuídos às crianças nesse dia, «connosco o Porto é limpinho»...

Poder Local



Domingo no Pavilhão dos Desportos

Conferência Nacional do PCP sobre o Poder Local e as eleições autárquicas

Mais uma vez, no Pavilhão dos desportos. Cenário de muitas e importantes realizações dos comunistas, o Pavilhão vai receber no próximo domingo, os delegados à Conferência sobre o Poder Local. Do primeiro comício do PCP ao primeiro Congresso — o VII Extraordinário — realizado depois do 25 de Abril, o Pavilhão conheceu muito do trabalho desenvolvido pelos comunistas portugueses. Sempre virado para o futuro, mesmo quando, como recorda esta foto, se tratou de mostrar o longo passado do PCP, no seu 60.º aniversário.

É já no próximo domingo a Conferência Nacional do PCP sobre o Poder Local e as Eleições Autárquicas, a realizar no Pavilhão dos Desportos de Lisboa e constituindo uma iniciativa política de grande relevo no panorama nacional. Não somos nós a dizê-lo, mas os factos a comprová-lo — factos que se alinharão ao longo de um intenso dia de trabalho em plenário, envolvendo mais de 1200 delegados, 4000 convidados e um balanço que mostrará ao País as realizações dos comunistas e seus aliados na APU no campo autárquico.

Mas não será apenas a espectacular amostragem de um trabalho reconhecido nacionalmente como honesto, competente e dinâmico, que fará vibrar mais uma vez o histórico Pavilhão com o entusiasmo das multidões de Abril. Por lá passarão também a denúncia vigorosa da ofensiva anti-autárquica perseguida pelo Governo de Mário Soares, em respostas que urgem na defesa do Poder Local democrá-



tico, a confiança nos democratas e na sua luta pela consolidação desta grande conquista da Revolução.

O balanço que esta Conferência fará do trabalho autárquico dos comunistas e da APU mostrará, pelo menos, duas coisas: que o Poder Local democrático alterou radicalmente a situação política, social e cultural do País e, por isso, constitui uma das frentes privilegiadas na defesa do próprio regime democrático. Sabem-no os democratas e sabe-o o Governo PS/PSD ao prosseguir na sua sanha anti-autárquica, filha da outra, mais geral, que é simplesmente anti-patriótica... Por isso, ainda, a Conferência será também a demonstração — bem prática! — de que urge demitir este Governo subversivo e subserviente.

A experiência

Os trabalhos desta Conferência Nacional do PCP sobre o Poder Local e as Eleições Autárquicas arrancarão na base de uma ampla discussão que envolveu milhares de camaradas em todo o País, recolheu centenas de propostas de alteração e enriqueceu o documento-síntese há meses distribuído em todas as organizações do Partido ligadas a esta frente de trabalho. Daí que o ponto de partida desta realização seja uma amadurecida reflexão sobre os problemas do Poder Local no nosso País e um repositório qualificado do que é hoje, esta conquista de Abril em vitórias que conquistou, as dificuldades que venceu, as ameaças que enfrenta, o futuro que quer e pode construir de mãos dadas com as populações. Frutificando experiências ímpares de dinamização popular na defesa dos interesses locais.

Poder-se-á afirmar, sem medo de exageros, que estarão presentes no Pavilhão os problemas locais mais fundamentais sentidos em todo o País, levados de viva voz por quem, nas suas terras e com as suas gentes, tem deles um saber de experiência feito. E um conhecimento temperado na luta contra boicotes e estrangulamentos governamentais.

O Poder Local democrático é uma das conquistas fundamentais do Portugal de Abril. Contra ele se têm mobilizado sucessivos governos reaccionários, com relevo para o actual, procurando estrangulá-lo financeiramente, descaracterizá-lo através de uma centralização sufocante, aniquilá-lo com sucessivos golpes legislativos de aberta inconstitucionalidade. A seu favor (e na sua defesa e consolidação) se têm mobilizado milhares de eleitos au-

tárquicos que, com energia e dedicação, construíram um gigantesco edifício de realizações e mergulharam fundo na solidariedade activa das populações.

Dizer que os comunistas e a APU constituem a trave mestra deste edifício, é já quase uma banalidade. Ninguém se atreve a contestá-lo — quando muito procuram ignorá-lo. Com a clarividência da avestruz e um auto-rasteiramento que seria apenas ridículo se não fosse confrangedor.

Um pouco do muito a haver

Os trabalhos, como já dissemos, decorrerão em plenário. Iniciar-se-ão com uma intervenção do camarada Carlos Costa, membro da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP, e encerrarão com um discurso do secretário-geral do Partido, camarada Álvaro Cunhal. Entre estas duas intervenções muita coisa acontecerá, sendo certo que de tudo resultará o mais completo balanço, jamais feito por qualquer outra força política, da situação autárquica vivida não apenas nas vastas zonas de maioria APU, mas em todo o País.

Sem prejuízo do que irá acontecer no Pavilhão dos Desportos — e que, naturalmente, enriquecerá ainda mais o documento-síntese entretanto refundido após meses de intensos debates — recordamos aqui algumas das linhas gerais que orientarão a Conferência.

Assim serão discutidas as próximas eleições autárquicas, encarando-se nas suas múltiplas implicações: a sua importância no quadro político geral, a perspectiva de derrota do PS, PSD e CDS, a profunda confiança nos resultados eleitorais do PCP e

da APU, a formação das listas da Aliança Povo Unido, os programas eleitorais a apresentar.

Um outro tema será o Poder Local como grande conquista de Abril. Aí se analisarão as profundas transformações conseguidas com o exercício do Poder Local, a gigantesca escola de formação cívica e democrática que ele apresenta, a sua capacidade em aproximar homens e mulheres sérios e interessados na resolução dos problemas das populações. Igualmente se verá como esta conquista vem sendo ameaçada pelo Governo de Mário Soares (tornando-se expoente de ataques legislativos inconstitucionais, estrangulamentos financeiros, transferências de competências sem a necessária participação financeira, nepotismos políticos de toda a ordem, etc., etc. Mas também aqui se verá como através de grandes lutas se têm conseguido vitórias parciais e se demonstrará que continua a haver condições para defender e consolidar esta grande conquista. O que, neste momento, passa também pela urgente demissão do Governo.

A acção da APU nas autárquias e a clara superioridade da obra por esta realizada serão, naturalmente, objecto de atenta apreciação. Um repositório minucioso do seu trabalho, as profundas mudanças operadas nas regiões onde a APU é maioritária, as razões da superioridade da gestão autárquica do PCP e da APU, o contraste do seu trabalho com as actividades tão frequentemente irregulares e incompetentes das outras forças políticas nesta área, são alguns temas a abordar.

E muito, muito mais. Que na Conferência se verá e no próximo número daremos conta.

Ordem de trabalhos

Com um único ponto previsto na Ordem de Trabalhos — O Trabalho no Poder Local e as Eleições Autárquicas —, a Conferência Nacional funcionará sempre em plenário nas vastas instalações do Pavilhão dos Desportos.

Horário das sessões:

- 1.ª Sessão — 9 e 30 às 11 horas;
- 2.ª Sessão — 11 e 30 às 13 horas;
- 3.ª Sessão — 15 às 17 e 30 horas;
- 4.ª Sessão — 18 às 20 horas.

Os trabalhos abrirão com a intervenção do camarada Carlos Costa, da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP e encerram com o discurso do secretário-geral do Partido, camarada Álvaro Cunhal.

Indicações úteis:

Na pasta fornecida aos delegados, estes encontrarão algumas indicações úteis. No en-

tanto, cá vão algumas:

Alojamento — Os camaradas delegados que tenham pedido alojamento em Lisboa devem dirigir-se, no sábado à noite, ao Centro de Trabalho Vitória, na Avenida da Liberdade, onde funcionará um serviço de acolhimento.

Almoço — Estarão à venda, durante a manhã, senhas de almoço (preço 250\$00), só para delegados; estes almoços serão servidos no Centro de Trabalho Vitória e no CT da Avenida Duque de Loulé. No exterior do Pavilhão, montados por organizações do Comité Local de Lisboa, haverá bares que servirão refeições ligeiras e sandes a delegados e convidados.

Durante a Conferência funcionará, no posto médico do Pavilhão, uma equipa da Cruz Vermelha.

Transportes — Mesmo para quem não conheça Lisboa, não é difícil encontrar o Pavilhão dos Desportos. Qualquer autocarro que passe ao Marquês de Pombal serve. Ou então o Metropolitano: descer nas estações da Rotunda ou Parque.

Assembleia da República

O milagre da transformação da batata em queijo e iogurte

A maioria PS-PSD-CDS-ASDI inviabilizou, na Assembleia da República, no passado dia 21, o Projecto de Lei n.º 443/III, apresentado pelo PCP, sobre produção, recolha, concentração e abastecimento de leite, ao votar contra a sua aprovação.

O diploma tinha sido discutido no passado dia 16 de Maio, tendo ficado adiada a votação para terça-feira última. Na discussão do documento, o deputado Rogério de Brito fizera ver as vantagens da recolha e concentração de leite ser pertença exclusiva das cooperativas de produtores de leite e suas uniões.

Na sua exposição frísou: **Estão em causa um regime e uma organização que possibilitaram que a produção leiteira em Portugal após 1974 tivesse mais que duplicado, no curto período de 8 anos. Estão em causa o desenvolvimento socio económico neste subsector de actividade agrícola e o regular abastecimento de leite ao País. Estão em causa milhões de contos de investimentos e todo o progresso já realizado na estrutura técnico-produtiva do leite. Está em causa o próprio futuro.**

Sobre o mesmo assunto interveio também o deputado comunista João Abrantes que abordou a apetência da indústria e dos interesses a ela ligados na tentativa da liberalização da recolha e concentração do leite, alertando para as graves rupturas que se irão verificar no abastecimento público. E deu um exemplo:

O **concelho do Sabugal** (3.º produtor de leite do País) é uma zona de recolha livre, não organizada, onde mais de 20 indústrias se cruzam na recolha e de onde não sai um litro para consumo público.

A fécula e a CEE

O deputado João Abrantes disse ainda, que no início, prova-

velmente, as indústrias até iriam pagar mais caro o leite, mas não tardará a acontecer o que hoje sucede nas zonas de recolha livre: paga-se o que se quer, sempre como classe B e com atrasos que chegam a ser de seis meses.

Falou a seguir da utilização da fécula da batata pela indústria na produção de queijo, manteiga e iogurte e como um quilo de fécula importada custa 100\$00 e dá para dez litros de água, ou seja 10\$00 por litro, vai daí que as indústrias reduzam ao mínimo a compra de leite que até podem pagar mais caro.

Os detractores do Projecto de Lei argumentavam com a entra-

da na CEE para justificar a inviabilidade de tal iniciativa legislativa, esquecendo-se que um esquema semelhante funciona na Inglaterra e nem por isso este país deixou de pertencer, por enquanto, à Comunidade.

Mas como estavam em jogo os interesses escusos de certos industriais a maioria achou por bem reprová-lo Projecto esquecendo os interesses dos produtores e dos consumidores. Mas que interessa isso?

Salários em atraso

Este foi o tema abordado pelos deputados comunistas Jerónimo de Sousa e Álvaro Brasileiro no período de antes da Ordem do Dia na sessão da passada terça-feira.

Jerónimo de Sousa focou, em particular, a situação que se vive

na Mesa entregue à Centrel, por um acordo, que foi propalado com pompa e circunstância pelo Governo, como permitindo a resolução dos problemas daquela empresa do Cacém.

Almeida Santos foi o condutor do processo e hoje responde aos trabalhadores da Mesa não saber o que fazer à empresa, sendo a solução mais previsível o seu encerramento, ou então passar a batata quente para o IPE, evitando assim o odioso de ser o Governo a fechar a Mesa, segundo o deputado comunista.

E acrescentou Jerónimo de Sousa:

A empresa está totalmente paralisada, perdem-se encomendas, liquidam-se projectos, 900 trabalhadores conhecem a fome devido aos cinco meses de salários em atraso.

Na Mesa não passou de uma promessa.

Mas salários em atraso também os há no distrito de Santarém. **Trabalhadores de cerca de 90 empresas de 15 sectores de actividade têm milhares de contos de salários em atraso.** — revelou Álvaro Brasileiro.

No sector industrial — precisou este deputado — há cerca de 4000 trabalhadores que não recebem salários regularmente, sendo o valor dessas divi-

das de mais de 800000 contos.

Falou igualmente do desemprego que afecta a região e das dívidas das empresas à Previdência que, no distrito, continuam a aumentar. **Cento e oitenta empresas, tendo, cada uma delas dívidas superiores a dois mil contos, atingem uma dívida global de cerca de dois milhões de contos.**

Mas muitos outros aspectos abordou a intervenção do deputado Álvaro Brasileiro, nomeadamente a situação dos agricultores que vêm as suas produções perdidas ou afectadas por calamidades naturais e em contrapartida não vêm os preços tabelados como forma de garantia para o trabalho desenvolvido e as despesas feitas com a sua produção.

Um momento de humor negro

O deputado do PSD, Cristóvão Norte, mostrou-se na sessão de terça-feira última muito preocupado com a falta de habitação e as rendas de casa incomportáveis que se praticam no Algarve.

Começou assim a sua intervenção:

Não é de mais lembrar que consideramos como necessidade básica o direito funda-

mental que é o de todas as pessoas terem acesso a uma habitação por um preço compatível com os recursos de cada família.

E a partir daqui foi um ver se te avias. Que não há casas, que abundam os bairros de lata, que as rendas são incomportáveis, que não há infra-estruturas sociais de habitação, que a maioria dos agregados familiares não têm poder de compra suficiente para aceder a casas novas cujas rendas fortemente especulativas mantêm-se inacessíveis, que a iniciativa privada predominante neste sector tem-se orientado principalmente para os mercados mais favoráveis com alto poder de compra. E por aí fora.

Após esta intervenção o menos que nos ocorre é perguntar ao senhor deputado do PSD em que país é que pensa que vive? Ou ainda não tem conhecimento da lei das rendas que o seu partido e o PS cozinham e que, a ser aplicada, o mínimo que provocará é lançar uma percentagem substancial dos actuais inquilinos para os bairros de lata ou para situações de habitação ainda mais degradantes?

Todas essas angústias que o assaltam, agora, senhor deputado serão ingenuidade ou terá perdido o Norte, senhor deputado Cristóvão.

UM APELO À PAZ

Subscrito por diversos deputados do Partido Socialista, do Partido Comunista, do MDP/CDE e do Partido «Os Verdes» e assinalando o aniversário da Declaração de Nova Deli, assinado em 22 de Maio de 1984 pela Argentina, Suécia, Grécia, Índia, México e Tanzânia, a favor do congelamento da elaboração e fabrico de armas nucleares, os signatários manifestam o seu apoio ao apelo contido na Declaração.

O apelo é dirigido a todos os Estados possuidores de armas nucleares para que suspendam de imediato o ensaio de todo o tipo de armas nucleares, concordando «que é necessário e urgente transferir os recursos preciosos que actualmente se consomem em gastos armamentistas para o desenvolvimento económico e social».

Subscvem, entre outros, os deputados Raul Rego, Margarida Marques, Maria do Céu Sousa Fernandes, do PS, Carlos Brito, Carlos Carvalhas, Anselmo Anibal, do PCP, Raul Castro, Helena Cidade Moura, do MDP/CDE, e António González, do Partido «Os Verdes».

Portalegre O governador e o Governo — (ou vice-versa)

O deputado comunista Joaquim Miranda dirigiu ao Governo um requerimento em que abordava a grave situação vivida pelas empresas «Caia», «Progal», e «Hortil» de Campo Maior.

Do Governo não recebeu resposta. No entanto, o Governo Civil de Portalegre substituiu-se ao Governo e vá de enviar uma nota que, para além de nada acrescentar, põe ainda em causa «o próprio direito dos deputados de solicitarem informações ao Governo».

Isto denunciou Joaquim Miran-

da no hemiciclo da Assembleia da República.

Nas empresas em causa «40 trabalhadores foram despedidos e os restantes 140 têm salários em atraso num valor equivalente a cerca de sete meses (mais de 20 mil contos); os agricultores, e particularmente os seareiros de tomate, são afectados pelo encerramento da fábrica que lhes escoava a produção; os produtores de suínos vêm-se a braços com uma dívida, por parte das empresas, da ordem dos 60 mil contos».

Pois a nota do Governo Civil de Portalegre, segundo frisou Joaquim Miranda, «não só não traz um único elemento clarificador da situação como, através dela, o governador civil permite-se tecer considerações e emitir juízos de valor perfeitamente condenáveis».

Mas aqui para nós, com toda esta indefinição governativa (sai vice-primeiro-ministro, entra vice-primeiro-ministro), por que não há-de um governador civil dar um arzinho de governação? Tanto mais que se não é Governo, pelo menos é governador.

Daqui sugerimos ao deputado Joaquim Miranda que, se pretende obter uma resposta do Governo, deve dirigir o seu requerimento ao governador civil de Portalegre, pois tudo funciona ao contrário, neste país desgovernado.

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Nacional

Excursões ao Alentejo

As comissões concelhias do PCP de **Gala e Maia** estão a preparar para o fim-de-semana de 1 e 2 de Junho — data da IX Conferência da Reforma Agrária — excursões ao Alentejo as quais se integram no movimento de solidariedade dos trabalhadores e dos comunistas do Porto para com os trabalhadores das UCP's/Cooperativas e a sua luta em defesa desta realidade do Portugal de Abril.

A excursão de **Gala** parte do Centro de Trabalho às 24 horas do dia 31 de Maio e a da **Maia** parte igualmente do CT às cinco horas de domingo, dia 2, sendo o preço do bilhete para qualquer delas de apenas mil escudos.

Entretanto, no passado fim-de-semana, a comissão local de Soutelo, concelho de Gondomar, organizou também uma excursão tendo os participantes visitado a Cooperativa 1.º de Maio em Avis.

Conferência Nacional do PCP

Já à venda o livro

Já está à venda o livro — os livros — saídos da última Conferência Económica promovida pelo PCP. Com o mesmo nome, «A Via de Desenvolvimento para Vencer a Crise — Conferência Nacional do PCP», das Edições «Avante!», estes dois volumes, reunindo no conjunto mais de 1600 páginas, trazem a público a quase totalidade das 375 intervenções produzidas durante a Conferência realizada há menos de dois meses no Seixal e os documentos aprovados pelos delegados nessa jornada.

«Com esta edição — pode ler-se na introdução —, o PCP coloca à disposição dos seus militantes, de todos os democratas e do País em geral, as conclusões e as propostas enunciadas naquilo que foi, indubitavelmente, o maior debate sobre a economia do país real que alguma vez teve lugar entre nós».

boletim emigração

Abril — Maio • n.º 22 • 1985

Conferência Nacional do PCP

Comentário

O Governo PS/PSD tomou recentemente duas medidas que prejudicam o movimento de emigrantes. Depois de ter decidido que estes pagassem a partir de Junho um imposto de 10% ao ano, em Junho de 1985, decidiu também que os emigrantes não poderiam voltar ao país sem a aprovação do Conselho das Comunidades.

A medida destinada a substituir as Associações de Emigrantes por um organismo de 100 mil contos em 1985 para 22,5 mil contos este ano, e o Ministério dos Negócios Estrangeiros...



A via de DESENVOLVIMENTO PARA VENCER A CRISE

A Conferência Nacional do PCP «a via de desenvolvimento para vencer a crise».

A pequena notícia sobre a vida nas diferentes comunidades de portugueses espalhadas pelo mundo, o comentário e uma informação rigorosa sobre algumas das mais importantes questões nacionais, continuam a ser o «prato forte» do «boletim emigração», uma edição da Comissão Para o Trabalho entre a Emigração do PCP.

Neste número, relativo aos meses de Abril e Maio, um destaque particular vai para a Conferência económica promovida em Março último pelo Partido subordinada ao lema «a via de desenvolvimento para vencer a crise». Muitos outros temas de agrado poderá o leitor encontrar neste número de seis páginas impressas em formato «A 4» dos quais salientamos, entre outros, as comemorações do 25 de Abril que tiveram lugar em vários países, a questão do ensino do português na Holanda, a adesão à CEE e o Encontro do PCP sobre problemas de Emigração a realizar no Verão do corrente ano.

Nacional

Este sábado

Agir para mudar leva jovens à rua

• Uma manifestação diferente nas ruas de Lisboa

Este sábado, a partir das 14 e 30, Lisboa vai ser cidade da juventude. 25 de Maio foi a data escolhida pelos jovens dos distritos de Lisboa e Setúbal para virem para a rua reclamar Paz, Participação e Desenvolvimento, e Picoas foi o local proposto para a concentração do desfile que vai desaguar no Rossio.

«Agir para Mudar» foi o lema escolhido pelas cerca de 200 estruturas que promovem o desfile. «Agir para Mudar» é a palavra de ordem que vai pôr na rua muitos milhares de jovens ideológica, política, social e religiosamente díspares mas que têm uma aspiração comum: a necessidade de mudança, a necessidade de serem escutados e de participarem activamente na vida do País.

«Reclamamos alternativas»

«Reclamamos alternativas» — gritam os jovens no seu manifesto, uma vez que «temos a plena consciência do "saneamento" que o Poder tenta exercer sobre nós. Querem demitir-nos da participação e da decisão da nossa própria vida, na vida do País de que recusamos excluir-nos».

Os jovens atribuem as responsabilidades da situação que vivem a «este Poder ignorante, estúpido e medroso que nos desgoverna. Nas discriminações sobre as mulheres jovens, no ensino tresloucado que nos impingem, no desporto e na cultura que nos negam, num mundo do trabalho completamente absurdo e violento, sabemos distinguir as impressões digitais deste Poder mórbido, para o qual reclamamos alternativa».

Por isso promoveram este desfile que «é a expressão da necessidade e desejo que temos de mudança».

Assim, este sábado, os jovens vão, «todos juntos, mostrar na rua a força que temos e a vontade que nos move para dar a volta». Os jovens vão «agir porque é possível mudar».

le diferente. Nele não estarão apenas em equação os grandes problemas que afectam a juventude — o ensino degradado, a



A juventude de Lisboa e Setúbal vai sair à rua este sábado, naquele que será um desfile diferente. Com concentração às 14 e 30 nas Picoas, para seguir rumo ao Rossio, onde haverá espectáculo

de trabalho, na sua escola e no seu bairro.

O direito da juventude ao desporto e à cultura também é uma reclamação que estará na ordem do dia. Por lá passarão equipas de basquete, classes de ginástica, grupos de teatro e bandas de música, todos juntos porque «isto assim não pode continuar».

Espaço de convívio

Já no final do desfile, o Rossio de Lisboa vai tornar-se num imenso espaço de convívio e de debate. A par do espectáculo em que participarão diversos artistas, funcionarão ao longo da praça, diversos núcleos onde haverá canto livre e diversos sketches

Um desfile diferente

É por tudo isto que este desfile da juventude vai ser um desfi-

falta de saídas profissionais, o desemprego e a falta de habitação —. Estarão também na baila os diversos problemas que mais afectam os jovens no seu local

de teatro é de mímica. Isto para já não contar com as bandas que, depois de percorrerem as avenidas a tocar, se exibem no Rossio.

tas as estruturas que promovem o Desfile da Juventude de 25 de Maio. «Agir para Mudar» vai fazer de Lisboa a capital da juventude.

Carta aberta do MURPI

O Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos (MURPI), dirigiu recentemente uma carta aberta ao Primeiro-Ministro Soares, não para lhe pedir uma audiência, uma vez que «não tem tempo para escutar os representantes dos reformados e dos trabalhadores pois endossa estes para a polícia» mas para salientar que «já vai demasiado longe a subversão da Constituição da República».

Para o MURPI, este Governo é um produto da «subversão do voto da grande maioria de cidadãos que rejeitou a política que vinha a ser praticada pela AD», política agora agravada e que renega «os princípios fundamen-

tais da Constituição da República Portuguesa, com desastrosas consequências para o povo e para o País».

Na carta aberta, o MURPI salienta que não vem pedir ao Primeiro-Ministro «trabalho, salário e pão para os trabalhadores», uma vez que «a política desumana praticada pelo seu Governo afundou o País na mais grave crise nacional depois do 25 de Abril, provocou a repulsa do povo, dos trabalhadores e da igreja, reduzindo o apoio do governo aos 'seguidistas' e 'afilhados'». Finalmente, a carta aberta salienta que «tão nefasto Governo, quer queira quer não, tem os seus dias contados».

Trabalhadores-estudantes

Domingo, dia 26, realiza-se, na Escola Secundária Camões, em Lisboa, um plenário nacional de estruturas de trabalhadores-estudantes.

A reunião, convocada pela Federação Nacional das Associações de Trabalhadores-Estudantes (FNATE's), está aberta à participação das associações nocturnas, delegados de turma, membros dos conselhos directivos e pedagógicos e às comissões de curso nocturnas.

A partir das 10 horas, no plenário vai ser discutido o movimento associativo e a participação nos órgãos de gestão, a acção reivindicativa dos trabalhadores-estudantes, a sua partici-



Ampla participação

A justiça das reivindicações que vão levar os jovens à rua este sábado está bem patente no elevado número de estruturas que aderiram, bem como da sua representatividade.

Desde associações juvenis sindicais, passando por grupos recreativos, culturais, paroquiais, associações de estudantes do ensino secundário e do ensino superior, associações de trabalhadores-estudantes, passando por grupos desportivos, comissões de paz e comissões locais de jovens, são cerca de duzen-

Intensifica-se a discriminação da mulher

Para a Direcção Distrital de Lisboa do MDM, «grandes são as responsabilidades dos últimos governos, que têm procurado prescindir da participação activa e criadora das mulheres em áreas fundamentais, nomeadamente a económica, social e cultural», nas condições em que vive a maioria das mulheres portuguesas.

Recentemente reunido, este órgão do Movimento Democrático de Mulheres considera que se acentuam «as discriminações a que as mulheres estão sujeitas, tornando o seu quotidiano bem distante dos conceitos de igualdade consagrados na legislação portuguesa». Por isso, «assistimos em muitos casos ao retorno da mulher para casa (face ao desemprego e despedimentos) ao aumento das discriminações profissionais e salariais, ao aumento da repressão das trabalhadoras, à não aplicação de legislação recentemente aprovada (sobre a interrupção voluntária da gravidez, planeamento familiar e educação sexual e protecção da maternidade-paternidade)».

Considerando ser fundamental a unidade contra as injustiças e pela alteração da realidade política, social, económica e cultural, o MDM salienta que a actual realidade «ilustra bem o carácter anti-progresso, anti-democrático, contra a emancipação das mulheres destes governos e o seu total desrespeito pelos ideais do 25 de Abril».

Carta a Reagan

Por seu turno, o Secretariado Nacional do Movimento Democrático de Mulheres lançou uma carta aberta a Ronald Reagan.

Neste documento, afirmam que «as mulheres portuguesas hoje são as mulheres de Abril, mulheres que num Portugal livre

do jugo fascista conquistaram a liberdade e a dignidade e que por isso mesmo estão dispostas a lutar para que Portugal se mantenha livre e digno, a lutar também para que os outros povos possam seguir os seus próprios caminhos, para que o desarmamento venha a ser uma realidade, para que haja paz em toda a parte do Mundo».

No final da carta, o Secretariado Nacional do MDM sublinha: «Senhor Presidente, nesta carta, que talvez nem venha a ler, vão as nossas dúvidas, as nossas apreensões, mas também a expressão das nossas convicções mais profundas sobre a dignidade, a liberdade, a independência e a Paz; por elas nos bateremos sempre que necessário, em nome delas denunciaremos todas as políticas agressivas e belicistas, como a sua, senhor Presidente».

Misses

Em comunicado, a direcção distrital de Setúbal do MDM salienta que o concurso das misses transmitido recentemente pela RTP «ofendeu e aviltou» as mulheres portuguesas, uma vez que «a par das gritantes dificuldades económicas, que agravam as suas condições de vida, as mulheres, pela sua condição inevitável de maternidade, são já relegadas e penalizadas num sentido contrário àquele que a própria legislação em vigor aponta».

Medalha de honra para Rosa Mota

Rosa Mota juntou mais uma medalha ao seu já longo palmarés; tratou-se, no entanto, de uma medalha diferente e que lhe foi atribuída, não por ter ganho uma corrida, mas sim pelo seu papel na divulgação do desporto. Trata-se da medalha de honra do MDM.

O acto de entrega ocorreu recentemente no Porto, onde se

realizou a «corrida da amizade» ganha, naturalmente, pela homenageada. Nesta iniciativa, além de cerca de uma centena de atletas, participaram também lo Apoloni, Noitibo, Siga a Rusga e o rancho folclórico de Custóias.

Maria Lamas e Virgínia Moura foram as duas mulheres já agraciadas com a medalha de honra do MDM.

1.º Encontro de Gerações em Almada

Com a participação do Grupo Coral da URPICA, dos Idosos e Crianças da Misericórdia de Almada e do Grupo Amador de Teatro da Academia, realiza-se este sábado, no salão de teatro da Academia Almadense, uma sessão de música e teatro, durante a qual será apresentado um diaporama.

Esta iniciativa encerra o 1.º Encontro de Gerações de Almada que decorre sob o lema «bem viver para bem envelhecer».

Durante o certame, participaram em diversas actividades grupos corais, classes de ginástica, bandas de música e grupos de teatro amador.

Este encontro de gerações foi

organizado pelo Projecto de Intervenção Social Articulada do Concelho de Almada (PISACA), e contou com a colaboração da Câmara Municipal e Centro de Saúde de Almada, CRSS de Setúbal, Centro Paroquial e de Bem-Estar da Cova da Piedade, Misericórdia de Almada, URPICA e ARPCA.

Internacional

Angola na mira do imperialismo

Em política as coincidências fazem sempre desconfiar, pois trata-se de um campo em que raramente as coisas acontecem por acaso. Quando em Lisboa conhecidas figuras se encontram para falar dos novos países africanos, dedicando particular atenção a Angola, quase ao mesmo tempo que em Washington se anuncia para o próximo mês uma sessão do Senado para debater a revogação da Emenda Clark, disposição legal que impede o auxílio militar à contra-revolução angolana, e na África do Sul sobem de tom as ameaças a Luanda, quando tudo isto acontece, por «coincidência», há certamente razões para desconfiar de que novas manobras se preparam nas teias do imperialismo.

A República Popular de Angola comemora este ano, a 11 de Novembro, o 10.º aniversário da sua independência. Trata-se de uma data importante na história do país, como ainda recentemente assinalou uma declaração do bureau político do MPLA/PT, que marca o fim de uma década difícil, conturbada mas inequivocamente marcada pelo saldo positivo, em particular no que se refere à defesa da independên-

cia nacional e consolidação das opções do povo angolano.

É justamente neste momento que os falcões se preparam para novos ataques. Com a colaboração do governo português.

A conferência realizada em Lisboa, sob o título «Portugal, os novos Estados africanos e os EUA», foi, salvo raras e honrosas exceções em que se incluiu a intervenção do Presidente da República, Ramalho Eanes, uma

sucessão de intervenções provocatórias bem ao estilo de Washington.

Em Lisboa, à americana

Como se torna cada vez mais usual entre nós, os norte-americanos traçaram as regras do encontro, impedindo o acesso à imprensa para, disse-se, evitar as tentações dos participantes em falar para as galerias. O que dito de outra forma significa que o público não deveria saber mais do que fosse considerado útil e conveniente que soubesse.

Mesmo assim souberam-se coisas interessantes. Como por exemplo a posição da administração Reagan, expressa por Frank Wisner, secretário de Estado adjunto para os assuntos africanos, que constituiu no tocante a Angola numa clara



Angola defende a sua revolução

ameaça: ou as exigências da Unita são aceites, ou Angola continuará ameaçada, a Namíbia ocupada, as perspectivas económicas de Angola deteriorar-se-ão e a violência no território continuará.

Para provar que o seu governo é o melhor intermediário que os EUA podem encontrar para levar a cabo a política africana da Casa Branca, Mário Soares afirmou em entrevista à «Newsweek» que Portugal sabe tudo sobre África e que são «excelentes» as relações existentes com os países africanos.

Tamãha mentira não passou em claro. O representante do MPLA/PT em Londres veio a público classificar as relações entre os dois governos como «bastantes tensas», declarando que a situação pode chegar a extremos, caso o governo português não mude a sua política em relação a Angola.

O Governo PS/PSD não comentou. E em Washington...

A decisão da Comissão de Relações Externas do Senado norte-americano em agendar para Junho o debate sobre a revogação da Emenda Clark surge, aparentemente, na sequência de uma proposta do senador republicano, Steve Sims de concessão de auxílio militar à Unita.

Mas a verdade é que o senador, admirador de Savimbi, não está de modo algum isolado. A ala mais conservadora do Partido Republicano, em que se inclui a administração Reagan, partilha as suas simpatias. O que ficou de resto bem claro com as recentes intervenções do secretário de Estado, George Shultz, sobre a política americana em África.

A Emenda Clark, disse, serviu para imunizar o regime marxista contra o seu próprio

povo. O que significa, lamentou, que a doutrina Brejnev, que considera irreversíveis as revoluções comunistas, acabou, efectivamente, por ser consagrada na lei americana.

Uma aberração a que os republicanos pretendem pôr cobro, para ficarem com as mãos ainda mais livres para o apoio militar e paramilitar directo aos movimentos armados de fantoches que combatem a revolução angolana.

Com a África do Sul sempre pronta a servir os interesses norte-americanos, o que dava à Casa Branca de certo modo a distância necessária à imagem pública que pretendem vender, esta «mudança» coloca algumas questões. E a primeira é: Porquê?

Não é difícil encontrar a resposta. O imperialismo norte-americano está preocupado com a consolidação da opção socialista de Angola.

Dez anos de independência

A passagem do 10.º aniversário da independência da República Popular de Angola representa, antes do mais, uma vitória do povo angolano e um fracasso do imperialismo. Como se refere na citada declaração do MPLA/PT, Angola transformou-se, em Novembro de 1975, no primeiro país africano a destruir o mito da invencibilidade militar da racista África do Sul e a infligir uma estrondosa derrota militar ao imperialismo, jamais registada em África.

Acresce ainda que a vitória angolana encorajou decididamente a luta dos povos do Zimbábue, da Namíbia, da África do Sul, de Timor-Leste, do Sahara Ocidental, entre outros. Foi e continua a ser um incentivo para as forças democráticas e progressistas do mundo, um estímulo para quantos lutam pela paz, a liberdade e a independência nacional.

Pese embora todas as dificuldades, Angola resistiu não apenas aos ataques externos como à sua herança colonial, caracterizada por uma elevada taxa de analfabetismo, pela miséria, altos índices de mortalidade, fuga de técnicos a vários níveis, destruição, abandono e sabotagem de centros económicos de vital importância.

O reforço da direcção política e ideológica levada a cabo pelo MPLA/PT permitiu consolidar o processo revolucionário. Foram organizadas dez campanhas de alfabetização que abrangeram quase um milhão de pessoas, elevou-se o nível cultural do povo, nacionalizaram-se os meios de produção e o Estado assumiu o controlo do comércio externo e da banca. A assistência médica e o ensino tornaram-se gratuitos, no campo cerca de 400 mil camponeses organizaram-se em cooperativas e associações, mais de 628 mil trabalhadores estão filiados na União Nacional dos Trabalhadores Angolanos, criou-se a Organização da Mulher Angolana que conta com 1 070 603 mulheres filiadas, formaram-se as Brigadas Populares de Vigilância que reúnem agora 320 000 brigadistas enquadrados em 12 000 brigadas.

A opção angolana

Ao fazer a análise de uma década de lutas, o MPLA/PT sublinhou a actualidade das palavras de Lenine quando afirmou: as classes que du-



O futuro constrói-se com confiança

rante séculos foram oprimidas, embrutecidas e mantidas pela violência nas garras da miséria, da ignorância (...) não podem fazer a revolução sem erros.

E fê-lo em particular não só como autocritica mas para salientar a profunda vontade de corrigir erros e para a importância da tarefa de consolidação das opções socialistas do povo e da revolução.

Opções que têm o seu preço. As tentativas de asfixia por parte do imperialismo, através das acções dos bandos treinados e armados pela África do Sul e a que os EUA querem agora dar o seu apoio directo, fazem parte dele.

O que reforça a necessidade afirmada pelo MPLA/PT de se estar plenamente consciente de que a contra-revolução armada é pura e simplesmente um instrumento do imperialismo para a destruição económica, social e política da República Popular de Angola, para além do facto dos seus promotores mais directos serem também os mais jurados inimigos de África e da humanidade.

É contra esta crescente tomada de consciência do povo angolano que o imperialismo norte-americano pretende agir, com os métodos que lhe são próprios: a pressão económica, política e militar.

Por isso o MPLA/PT, neste ano em que vai realizar o seu II Congresso, exorta o povo a cerrar fileiras em torno do Partido e do governo, com redobrada vigilância, para prosseguir com êxito o difícil caminho que o conduzirá ao socialismo.

Provocação dos EUA a Cuba

A entrada em funcionamento de emissões de rádio norte-americanas destinadas a Cuba, com o objectivo confesso de ingerência nos assuntos internos cubanos, está a provocar um novo agravamento das já tradicionalmente tensas relações entre Washington e Havana.

Numa atitude que o governo cubano classificou de cinica e provocatória, a administração Reagan autorizou a autodenominada «Rádio Marti» a iniciar na passada segunda-feira transmissões destinadas a Cuba, com uma programação de mais de 14 horas diárias, durante todos os dias da semana.

A provocação funciona a vários níveis. De notar a utilização do nome de Marti, um herói nacionalista para todo o continente latino-americano, bem como a escolha da data. Com efeito, o dia 20 de Maio é, como sublinham as autoridades cubanas, uma data infausta que recorda a ocupação militar de Cuba pelos Estados Unidos, o despojo das suas melhores terras e outros recursos naturais, a neocolonização do país e a República ocupada com uma emenda imposta à sua Constituição, que outorga aos Estados Unidos o direito de Intervir em Cuba.

É indubitável, acrescenta o documento divulgado a propósito pelos responsáveis cubanos, que o governo dos Estados Unidos se propõe com esta medida criar tensões e conflitos em torno de Cuba, que distraiam a atenção da opinião pública internacional sobre este grave problema.

A resposta de Cuba não se fez esperar. Na própria madrugada do dia 20 era anunciada a suspensão da aplicação do acordo migratório com os EUA, bem como a suspensão de todas as viagens de cubanos radicados em território norte-americano para Cuba, com excepção das que possam vir a ser autorizadas por causas estritamente humanitárias.

Por outro lado, o governo cubano reserva-se o direito de criar por seu turno emissões de rádio para os EUA, a fim de informar cabalmente os pontos de vista de Cuba sobre os problemas

deste país e a sua política internacional.

Uma medida que bem poderá vir a justificar-se, pela ênfase que está a ser dada a esta provocação pelos responsáveis norte-americanos. Segundo o senador democrata Lawton Chiles, a «Rádio Marti» permitirá aos cubanos, «que há 25 anos têm de ouvir as mentiras de Fidel Castro», nunca mais ficarem «às escuras»; por seu turno, a senadora republicana Paula Hawkins considera que é «mais barato, e muitas vezes mais eficaz, combater o comunismo com a verdade, em vez de o fazer com balas». Elucidativo!

Também a grande reaganiana Jeane Kirkpatrick, que ficou conhecida pelas posições altamente reaccionárias defendidas na ONU em nome dos EUA, veio louvar a iniciativa como «o instrumento mais importante da política externa dos EUA». Um exagero, sem dúvida, ou não se explicavam os milhares de soldados norte-americanos no estrangeiro, mas mesmo assim relevante do que os EUA se propõem fazer com a sua «Rádio Marti» em nome da liberdade é claro. Da liberdade deles.

Internacional

COSMOS

O «escudo» é a arma

Na próxima semana, dia 30, terão reinício as conversações de Genebra entre a União Soviética e os Estados Unidos. Pelo que convirá, por um lado, lembrar o seu carácter novo e diferente, que há quem queira escamotear; e por outro, salientar questões essenciais que o próprio decurso dos contactos tem levantado.

Porque é que estas conversações são **novas** e não o retomar de um processo interrompido? Porque o seu carácter é global, e o objectivo — uma limitação de armamentos, tendo **simultaneamente** em conta tanto as armas tácticas, como estratégicas e a (projectada) militarização do Cosmos. O que implica o reconhecimento da estreita interdependência e articulação entre os diversos tipos de armamento, o reconhecimento da ameaça global para a paz que todos e cada um representam.

Ora é isto mesmo — ou seja, a própria **base** das conversações de Genebra, que Washington tenta pôr em causa, recusando de facto (apesar de inicialmente ter acordado com a URSS o referido conteúdo das negociações de Genebra), na prática e mesmo em declarações oficiais, esta interdependência, e reivindicando «o direito» de prosseguir com os seus projectos do lançamento de uma nova espiral armamentista: a **militarização do Cosmos**.

Esta posição e a curta história dos contactos entretanto havidos e dos factos que os têm acompanhado, encerram alguns ensinamentos que importa valorizar. Pois o esclarecimento de todos nós é arma indispensável ao conjunto do movimento da paz. E em Genebra todos estamos de facto presentes e somos responsáveis. Pois a política do imperialismo não pode ficar impune (e não fica) a uma realidade internacional também moldada pelos povos e forças progressistas de todo o mundo.

O falso apelo

Em Março de 1983, o presidente Reagan lança um «apelo» aos cientistas «que nos deram a arma nuclear a pôr o seu grande talento ao serviço da humanidade e da paz internacional e a dar-nos meios que tornarão essa arma impotente e ultrapassada». Qual é a realidade?

• O **objectivo** de Washington, com a militarização de facto do Cosmos, encoberta embora com uma sigla que apontaria para estritos intuitos defensivos, é uma vez mais a obtenção da superioridade militar, com as óbvias implicações políticas que a sua — impossível — concretização, acarretaria.

E neste plano há quem fale claro.

Por exemplo, o general de divisão das FFAA John Storrle, responsável por questões relativas ao Cosmos, declarou a uma comissão da Câmara de Repre-

• As **consequências práticas** deste projecto também nada têm a ver com defesa ou superação do perigo nuclear. Como é denunciado por três físicos nucleares norte-americanos do Instituto de Tecnologia do Massachusetts, ele «compromete todas as possibilidades de acordo entre Americanos e Soviéticos nas negociações sobre desarmamento. É irrealizável enquanto defesa contra os mísseis soviéticos, mas conduzirá, pelo contrário, à criação de um sistema anti-satélite e ao fim da paz no Espaço».

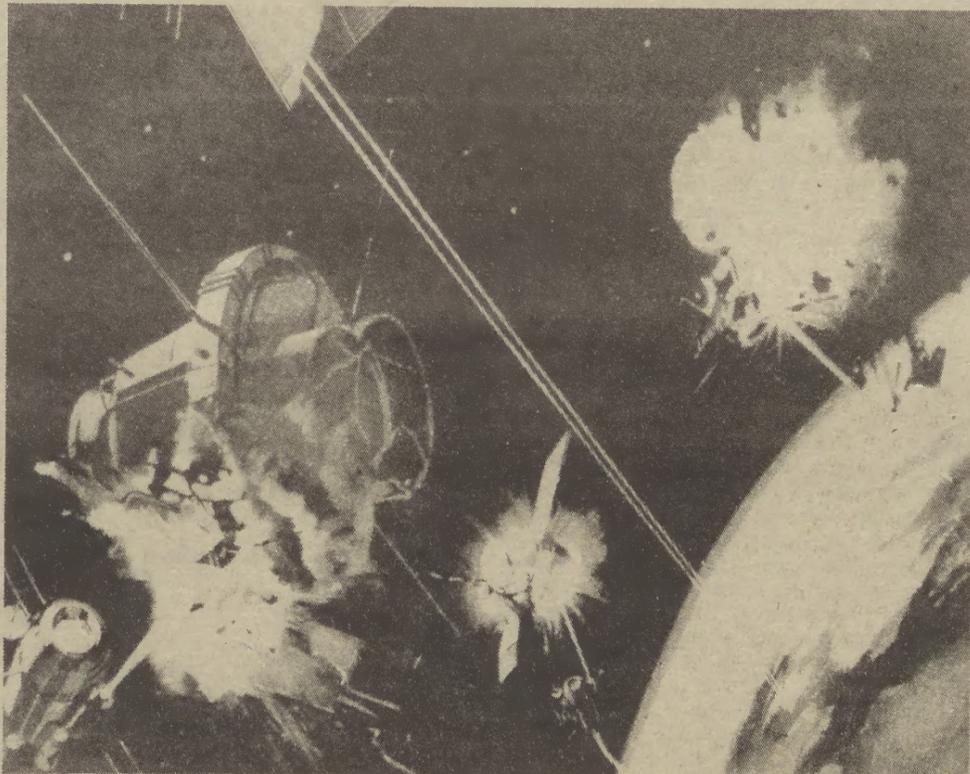
Na verdade, nenhum projecto relativo à incrementação de novas armas nucleares foi abandonado. Pelo contrário.

Estamos, sim, perante o lançamento de uma **nova espiral armamentista**. Novas armas serão criadas (e estão a ser estudadas também nos EUA), capa-

da opinião popular), a realidade muito concreta é que **pelo menos 70 grupos industriais europeus foram já directamente contactados pelos americanos**.

Isto só vem uma vez mais testemunhar que os caminhos da militarização não só são avessos à democracia como põem em causa o próprio quadro — bem limitado — da democracia burguesa.

É sabido que a instalação dos novos mísseis nucleares norte-americanos na Europa se está a processar contra a vontade expressa das populações dos países em causa (vontade que as sondagens burguesas também reflectem). Nos EUA, e segundo uma sondagem realizada em 1984 pela Public Agenda Foundation, 96% dos norte-americanos considera «demasiado perigosa a luta com a União Soviética».



A Humanidade é o alvo da «guerra das estrelas»

sentantes (segundo notícia do «Washington Post»): «**Pensamos fazer no Espaço o mesmo que fazemos na atmosfera, na terra ou no mar, ou seja, estamos a preparar-nos para desencadear e ganhar guerras**». A «supremacia no Espaço» é reivindicada como objectivo pelos altos comandos da Força Aérea, em documento intitulado «Força Aérea 2000».

zes de violar o sistema de anti-mísseis cósmico. O que além do mais leva ao desenvolvimento de sistemas dificilmente detectáveis (ou não detectáveis) por meios técnicos de controlo nacional. Criando obstáculos acrescidos a quaisquer acordos visando a limitação de armamento e o desarmamento.

Aliás, **na actual correlação de forças, nem a destruição de 95% dos mísseis existentes chegaria para salvar da morte os povos arrastados para uma guerra nuclear**.

Que democracia?

Já referimos nas páginas do «Avante!» o eloquente exemplo da Bélgica: a nível governamental oferecem-se os bons ofícios das empresas belgas para a participação na militarização do Cosmos, acordos estão mesmo a ser já concretizados nesse sentido. Entretanto o assunto ainda não foi debatido no Parlamento...

O mesmo se passa no plano mais geral da Europa capitalista. Enquanto se discute a participação — directa ou não — na «guerra das estrelas» (aliás à revelia

ca num mundo nuclearizado».

Mas a corrida aos armamentos prossegue. E mais, utiliza-se a própria opinião inequivocamente maioritária contra as armas nucleares, para tentar fazer passar um novo ciclo na espiral armamentista, sob a capa de uma defesa que tornaria o armamento nuclear obsoleto...

Então, não vale a pena lutar?

Bem pelo contrário. Se foi necessário elaborar uma tão monumental adulteração dos factos para lançar a «guerra das estrelas»; se há conversações em Genebra; se periodicamente se elaboram documentos «comprovativos» da superioridade soviética (em estranha e flagrante contradição com os chavões de atraso tecnológico do socialismo...), se simultaneamente se reprime de diversas formas o movimento pela paz — é porque a luta pela paz imprime a sua marca inapagável na realidade internacional. O que se impõe é dar o passo seguinte: a inversão da perigosa situação actual. E a história recente da humanidade ensina-nos que esse passo é possível. É nos dias de hoje, indispensável.

Conferência do ANC

O secretário-geral do Congresso Nacional Africano (ANC), Alfred Nzo, anunciou em Harare a próxima realização da primeira conferência nacional daquela organização. Embora a data e o local precisos da iniciativa não tenham sido revelados por questões de segurança, o evento deve realizar-se provavelmente em Julho e nele será analisada a política do movimento de libertação sul-africano e elaborado um programa de reforço da luta pela liquidação do *apartheid*.

De acordo com as declarações de Nzo, uma das questões a debater respeita à colaboração do ANC com todas as camadas da sociedade sul-africana, inclusive os brancos progressistas.

De salientar, por outro lado, que o ANC considera que uma nova fase de resistência à repressão e de consciência política foi atingida pelo povo, e que o regime do *apartheid* se encontra hoje mais enfraquecido.

Foi entretanto adiado o julgamento dos dezasseis líderes da Frente Democrática Unificada da África do Sul, inicialmente previsto para a passada segunda-feira. Contra os réus neste processo, que é considerado o mais importante dos últimos 25 anos, foram formuladas acusações de «alta traição», «actos terroristas», «participação em organizações ilegais», todas susceptíveis de pena capital. Recordar-se que a Frente agrupo cerca de 700 organizações anti-*apartheid*.

Crise em Israel

A crise económica continua a agravar-se em Israel, tendo o governo sionista decidido no início da semana aplicar novas medidas de austeridade que visam essencialmente os trabalhadores e a população mais desfavorecida.

Entre as medidas tomadas conta-se o congelamento dos salários dos funcionários e dos investimentos públicos até 31 de Agosto, o aumento das rendas de casa, as taxas de saída do país. A inflação é já superior a 700 por cento.

Segundo as próprias autoridades israelitas não se prevêem alterações significativas na situação de crise do país nos tempos mais próximos.

Lembrar Sandino

Ocorreu no passado sábado, 18 de Maio, o 90.º aniversário do nascimento de Augusto César Sandino, herói nacional da Nicarágua e um dos mais destacados combatentes pela liberdade da América Latina.

Sandino, morto à traição após seis anos de luta contra o invasor norte-americano, defendeu desde cedo a necessidade de uma aliança entre os estados latino-americanos. Conservam toda a actualidade as suas palavras de alerta: **A onda colonizadora dos lanques avança rapidamente sobre os nossos povos (...)** E cada um dos nossos países, quando chegar a sua vez, mostrar-se-á incapaz de oferecer resistência ao invasor, porque até à data todos têm actuado isoladamente.

Argentina congela depósitos

A Argentina decidiu congelar, por 120 dias, os depósitos bancários em divisas estrangeiras. A medida, anunciada na sexta-feira passada, visa travar a corrida ao levantamento de capitais suscitado pela liquidação por insolvência do «Banco de Itália».

O Banco Central da Argentina viu-se forçado, antes de tomar aquela medida, a gastar cerca de 15 milhões de dólares para ajudar vários bancos a fazer face ao elevado número de levantamentos de fundos dos respectivos clientes.

Intransigência de Marrocos

O embaixador da República Árabe Saharaui Democrática (RASD), em Angola, Ahmedu Suelem, denunciou em conferência de imprensa realizada em Luanda a intransigência do regime expansionista de Marrocos em relação às decisões e resoluções da OUA e da ONU.

Recordando o 12.º aniversário do início da luta armada do povo saharauí, o diplomata salientou que o exército popular da RASD libertou já mais de 2/3 do território nacional, e que o seu país é reconhecido por mais de 60 países membros da comunidade internacional. O representante saharauí manifestou a firme disposição do seu povo em prosseguir a luta de libertação, salientando que o problema do Sahara Ocidental é uma questão de descolonização que terá de passar pela resolução 104 da 19.ª cimeira da OUA.

Espionagem

Em 1 de Setembro de 1983 registou-se um caso particularmente grave de provocação, que se saldou na perda de muitas vidas humanas. Um avião sul-coreano, Boeing-747, violou intencionalmente espaço aéreo soviético em missão de espionagem, numa acção que envolveu sofisticados meios técnicos, incluindo um satélite norte-americano. Então Washington tentou transformar esta acção provocatória em campanha anti-soviética. Mas a divulgação da realidade impôs-se.

Agora, pela primeira vez, o governo japonês reconhece oficialmente tratar-se de um caso de espionagem.

Fora-da-lei

• Em 26 de Maio de 1972, em Moscovo, foi assinado um tratado entre a União Soviética e os Estados Unidos sobre a limitação dos sistemas de defesa antimíssil. Sem prazo limite. No Tratado afirma-se: «Ambas as partes se comprometem a não criar, **não ensalar** e não desenvolver sistemas ou elementos de defesa antimíssil com bases marítimas, aéreas, **cósmicas**, ou terrestres móveis».

• Em Agosto de 83 a União Soviética divulgou um projecto de Tratado sobre a proibição de recurso à força no espaço cósmico e do Cosmos em relação à Terra. A proposta encontrou amplo apoio na XXXVIII sessão da Assembleia Geral da ONU, que aprovou o projecto de uma resolução sobre prevenção da corrida aos armamentos no Espaço cósmico. **Apenas o representante dos Estados Unidos votou contra**.

Internacional

ITALIA

Os problemas permanecem

Na semana passada realizaram-se em Itália eleições de âmbito municipal, provincial e regional. Os resultados são conhecidos: 35% dos votos para a Democracia Cristã, 30,2% para o PCI, 13,3 para o PSI — considerando apenas os partidos mais votados; sendo ainda de assinalar a presença, pela primeira vez, de os «Verdes», com uma pequena percentagem de votos.

Um primeiro comentário será quanto ao empolamento que foi feito do significado da votação. Não porque as eleições não sejam uma componente significativa da vida política de um país. À merecer, aliás, uma análise detalhada, que naturalmente pertencerá em primeiro lugar aos partidos políticos italianos fazer. Mas porque os processos eleitorais são uma parte da vida política nacional e não a vida política de um povo. E ainda porque os resultados registados não reflectem alterações significativas no quadro político partidário.

Comparando os resultados obtidos pelos partidos mais votados com os registados em 1980 (últimas eleições regionais realizadas, pelo que as mais adequadas a uma comparação objectiva), verificou-se uma quebra de votos no PCI da ordem dos

1,3%; menos 1,8% de votos para a Democracia Cristã; e uma ligeira subida de 0,6% para os socialistas italianos. Se tivermos presente um quadro mais amplo — por exemplo desde 1975 — os actuais resultados parecem inserir-se num processo de osci-

lações não muito pronunciadas.

Estes os factos. Factos que entretanto importa inserir numa realidade mais vasta.

Realidades diferentes

● Parece justificado ligar os processos eleitorais ao contexto sociopolítico em que se realizam.

Assim, tratando-se embora de eleições com um carácter diferente, é de salientar que em véspera das eleições para o Parlamento Europeu, em 1984, a Itália vivia grandes acções de massas, de que o objectivo fundamental era a indexação salarial, e que incluiu manifestações populares tão importantes como a de 24 de Março (do mesmo ano), considerada a maior desde o fim da guerra. Então o PCI obteve 33,3% dos votos, o que guiou os comunistas ao lugar de Partido mais votado.

A realidade actual, no plano de lutas populares, era diferente,

nomeadamente no plano do movimento grevista.

O PCI tem maiores quebras de votos (neste caso em relação a 1984) em zonas industrializadas. Relativamente às concelelhas de 1981, são sensíveis as perdas de votos nas grandes cidades.

● Um outro elemento a destacar é a grande campanha anticomunista que precedeu o actual acto eleitoral. Os resultados obtidos pelos comunistas italianos em 1984 constituíram um alerta para a direita e para todos os elementos anticomunistas, nomeadamente no PSI.

De Mita, secretário da Democracia Cristã, agitou o velho espantalho do «caos», no caso de uma significativa vitória eleitoral dos comunistas. Em Florença e Turim os socialistas tinham já posto em causa as alianças para excluir os comunistas das direcções municipais. Simultaneamente a Igreja italiana convidava

fiéis a «empenhar-se seriamente na vida política», acentuando simultaneamente «que nem todas as opções são compatíveis com a fé cristã».

● Findas as eleições, a realidade política italiana defronta os mesmos — e graves — problemas: uma política abertamente anti-social; a degradação da situação da economia; o peso de organizações abertamente terroristas como a Mafia ou a P-2, com amplos apoios e ramificações ao nível do Poder; o pronunciado atraso do Sul; o alinhamento, em política externa, com os agressivos projectos e prática dos EUA; a aposta do Poder na divisão sindical, para ter caminho aberto à imposição da sua política.

Assim, numa primeira apreciação aos resultados eleitorais, um membro da direcção do PCI, salientou que «os resultados não correspondem às exigências reais do momento».

«Respondendo ao apelo contido em milhares de tarjetas e vinhetas, largamente distribuídas nos dias que a antecederam, a grandiosa manifestação de solidariedade ao povo vietnamita no passado dia 21 de Fevereiro em Lisboa, oportunamente referida nas páginas do «Avante!», foi uma verdadeira jornada de luta anti-imperialista.

«Mal tinham surgido os primeiros cartazes com inscrições como «Abaixo o imperialismo nazista americano». «Fora com os yanques do Vietname» e outras; mal tinham soado os primeiros gritos de protesto exigindo a retirada dos agressores americanos, as forças repressivas apareceram imediatamente em grande força.

(...) «Não fora a pronta adesão que a manifestação acolheu da população de Lisboa, os efeitos da repressão policial teriam sido, sem dúvida, mais graves.

(...) «Vencida pela determinação e coesão das forças populares, a fúria policial fascista recaiu, com redobrada violência, sobre os manifestantes presos, tanto nos antros da PIDE como na Fortaleza de Caxias.»

«A Manifestação de Lisboa Contra a Guerra do Vietname Foi uma Jornada de Luta Anti-imperialista» — «Avante!», VI Série, n.º 391, Maio de 1968)

CHILE

A impunidade fascista



A ditadura militar chilena, a que Ronald Reagan chamou eufemisticamente na sua conturbada passagem por Espanha de regime militar forte, foi de novo alvo de severa condenação por parte da Conferência Episcopal do Chile, reunida na semana passada.

De acordo com as declarações de Monsenhor Sergio Contreras, secretário da Conferência, os bispos chilenos consideram que os plenos poderes detidos por Pinochet são a causa principal dos abusos e dos processos arbitrários que se registam no Chile. Os poderes de excepção do ditador, que lhe permitem mandar deter qualquer pessoa sem decisão prévia dos tribunais, constam do 24.º artigo da Constituição fascista, promulgado «provisoriamente» há mais de quatro anos!

Por outro lado, e na tentativa de romper a cortina de silêncio que pesa sobre o que se passa no Chile, os bispos denunciaram em conferência de imprensa a sua inquietação devido aos cri-

mes políticos recentes e devido à impunidade de que muitos deles beneficiam. Segundo aqueles representantes da Igreja, o facto gerou no país um clima de insegurança e de suspensão extremamente prejudicial.

Na verdade, e embora a actividade da «justiça» sob o regime ditatorial esteja longe de alguma vez ter inspirado confiança, torna-se cada vez mais escandalosa a sucessão de crimes contra dirigentes progressistas que permanecem totalmente impunes, apesar das autoridades negarem qualquer envolvimento neles.

Estão neste caso os assassinatos do professor Manuel Guerrero, do sociólogo Manuel Parada e do desenhador Santiago

Nattino, raptados em 30 de Março por um comando para-militar e posteriormente encontrados mortos.

O movimento popular de repúdio suscitado por aqueles crimes está ainda bem vivo, não tendo as respectivas famílias deixado de desenvolver as mais diversas iniciativas para apurar a verdade e responsabilidade dos factos. É neste âmbito que se insere uma greve de fome levada a cabo por parentes dos antifascistas assassinados nos últimos três meses.

A cumplicidade

Entretanto a ditadura de Pinochet continua a sobreviver artificialmente com a intensa ajuda económica que recebe dos Estados Unidos, e com a cumplicidade política mais ou menos encapotada dos aliados da administração Reagan. Basta reparar no que sucede em Portugal, onde o governo PS/PSD, pela voz de Mário Soares, se mostra sempre pronto a tomar posição contra os regimes progressistas latino-americanos e nunca encontra tempo para condenar o fascismo no Chile.

Ainda esta semana, em entrevista ao jornal mexicano «Excel-sior», Mário Soares afirmou que a Nicarágua «pode tornar-se uma ameaça para a América Latina» pois, considera, «entrou em processo de radicalização política no sentido totalitário cubano».

Fascismo no Chile? Ditadura de Pinochet? Mário Soares e os subservientes como ele da política de Washington não conhecem ou, se conhecem, não lhes causa preocupações. O grande problema é a Nicarágua, que Soares afirma estar «em perigo de ser comunista» entre outras coisas devido à «ausência de um pluralismo político, de que resultam dificuldades de expressão dos movimentos de oposição no interior do país».

É evidente que com o Chile a questão não se coloca; matam-se os opositores!

E corre-se a cortina do silêncio, como se o Chile e outras ditaduras que tais nem sequer existissem.

O «modo de vida» política do imperialismo não tem futuro.

Ingerência é política sem futuro

A ingerência sistemática na vida interna de países e povos surge como um real «modo de vida» política do imperialismo. É uma prática quotidiana, que cada dia soma novos factos e exemplos.

Citando apenas um pequeno punhado destes últimos dias:

● O secretário de Estado norte-americano, George Shultz, afirma com um á-vontade chocante, que «os Estados Unidos não aceitam a criação de um Estado palestino independente».

● Em seminário realizado em Lisboa sobre «Portugal, os Estados africanos de língua oficial portuguesa e os EUA», o secretário de Estado adjunto norte-americano Wisner, declara que «os modelos baseados em planeamentos centralizados e economias estatizadas fracassaram e devem ser substituídos por uma maior confiança nas forças de mercado, na redução dos controlos económicos»...
A Comissão dos serviços se-

cretos da Câmara dos representantes dos EUA aprovou uma resolução que autoriza a CIA a «transmitir espionagem militar» aos grupos contra-revolucionários sandinistas resolução que autoriza a CIA a «transmitir espionagem militar» nos grupos contra-revolucionários sandinistas (resolução que aliás vai contra a decisão do Congresso proibindo assistência militar aos «contra»).

Não estamos perante um elemento novo na política imperialista.

Em discurso pronunciado em Janeiro de 84 perante a Câmara de Comércio de Nova Iorque, Caspar Weinberger expõe particularmente bem a essência desta política: «O facto de empresas

industriais japonesas e da Europa Ocidental utilizarem como combustível petróleo proveniente do Médio Oriente, leva a que, neste momento, o nosso apelo de sempre à segurança da NATO e do Nordeste Asiático se torne também extensivo ao Médio Oriente. E que dizer sobre a dependência dos nossos ramos industriais altamente desenvolvidos em relação aos minérios de grande importância estratégica de que os jazigos só se encontram em África e na América Latina? (...) Ou ainda os nossos mercados, as nossas vias comerciais, que se estendem por todo o planeta? (...) Os nossos compromissos e os nossos interesses vitais estendem-se por todo o mundo, sendo idêntico o carácter que hoje assume o perigo que nos ameaça.»

Esta política já levou a inúmeras guerras, impôs a morte e o sofrimento a muitos povos. Hoje assume mesmo novos e

«Todo o comportamento dos governos de Salazar durante mais de 40 anos, tal como o governo de 8 meses de M. Caetano demonstraram de sobejo, para quem queira ver e não tema as massas nem a sua luta, que a saída pacífica da actual situação não é a perspectiva a colocar e, muito menos ainda, «uma saída por via «eleitoral»».

«Poderia parecer que os signatários do documento 'ao País', uma vez consumada a farsa eleitoral que prevêem, concluíssem finalmente que a perspectiva para o derrubamento do governo fascista é o levantamento nacional, a insurreição popular armada. Mas não é assim. O seu pensamento está inteiramente preocupado em convencer o governo e seus apaniguados a evitar o que já chamaram de «trágica alternativa»».

«É Preciso Avançar na Campanha «Eleitoral» — «Avante!», VI Série, n.º 402, Maio de 1969)

«Avante!»

«Desde há 8 anos que os governos de Salazar e de M. Caetano mentem e desinformam miseravelmente o Povo português. A luta nacional libertadora na Guiné, como nas outras colónias portuguesas, não passaria de um problema de polícia a resolver em dias, ou, quando muito, em semanas. Entretanto, muitos milhares de jovens operários, camponeses e estudantes têm morrido ou ficado estropeados nessas guerras criminosas, levando por sua vez a morte e a destruição aos povos oprimidos pelos colonialistas portugueses.

(...) «A situação na Guiné é grave para os colonialistas portugueses, mas pode tornar-se trágica para os filhos do povo fardados que ali fazem uma guerra em defesa de interesses que não são seus, nem do Povo português, nem de Portugal.

(...) «Que os democratas, a juventude trabalhadora e estudantil, as mulheres — que o Povo português exija o termo imediato da guerra e negociações com o PAIGC com vista à independência da Guiné!».

«Fim Imediato à Guerra da Guiné! Conversações com o PAIGC» — «Avante!», VI Série, Maio de 1970)

Congresso-farsa do PSD mostra-o digno deste Governo

Ou seja: Governo para a rua, já!

○ PSD dá de si uma imagem confrangedora: de divisão, desnoriteio, irresponsabilidade. O partido está no seu ponto zero? Isto é, nunca como hoje esteve tão doente? Era nestes termos inequívocos e a que, visivelmente, não falta o rigor, que uma jornalista do *Expresso* se dirigia a João Salgueiro, poucas horas antes de, no passado fim-de-semana, se ter iniciado o conclave «social-democrata» na Figueira da Foz. O decorrer dos trabalhos e os resultados finais confirmariam a constatação da jornalista, a qual, aliás, se limitou a traduzir por palavras suas aquilo que desde há muito os comunistas vêm dizendo de partidos (não é só o PSD) obsecados pela recuperação do passado e para quem a luta pelo poder não tem nada a ver com os interesses nacionais.

Mas não foi preciso esperar pelo fim do Congresso para perceber qual era a situação. Revelava no sábado aquele semanário ser «indiscutível que a desorientação que grassa entre os principais dirigentes afecta igualmente os quadros intermédios dos partidos presentes na F. da Foz como congressistas. Às quatro horas da tarde, segundo o programa estabelecido, deveria ter começado o Congresso. No entanto, a essa hora ainda Rui Machete não tinha chegado à Figueira. Por seu turno, Salgueiro, que almoçara com pessoas do seu grupo no restaurante Teimoso, estava com alguns elementos mais próximos (entre os quais Capucho e Miguel Veiga) no Grande Hotel, no local onde também se encontrava Marcelo Rebelo de Sousa. De resto, e a atestar bem a desorientação que se vivia a essa hora, Salgueiro e Marcelo ainda pensavam descansadamente que a ordem de trabalhos da noite de ontem, reservada ao trabalho das secções, seria mudada para plenário (o que não tornaria dramático o atraso e evitaria aprofundar a discussão de questões mais delicadas nas secções). Contudo, logo de manhã a ANOP esclarecia que a ordem de trabalhos só poderia ser alterada em Conselho Nacional, o que inviabilizava aquela ideia. E Antunes da Silva, conhecedor da existência da alteração, já vociferava exaltadamente que queriam «transformar o Congresso num motim».

Admitamos que Antunes, sabe-se lá com que ocultas intenções, exagerava um pouco: não se tratou, propriamente, de um motim. Mas os enviados especiais do «Diário de Notícias» chamavam-lhe uma outra coisa, igualmente pouco adequada à reunião máxima de um partido minimamente responsável, titulando assim a sua reportagem de domingo passado: «Mais do que a uma reunião política, assiste-se a um espantoso show.»

E os enviados do circunspecto quotidiano da Av. da Liberdade pormenorizavam as suas impressões: «Vê-se — tudo prestidigitação. Ouve-se — não se acredita. Espreita-se — tudo fantasmas. No salão nobre do Gran-

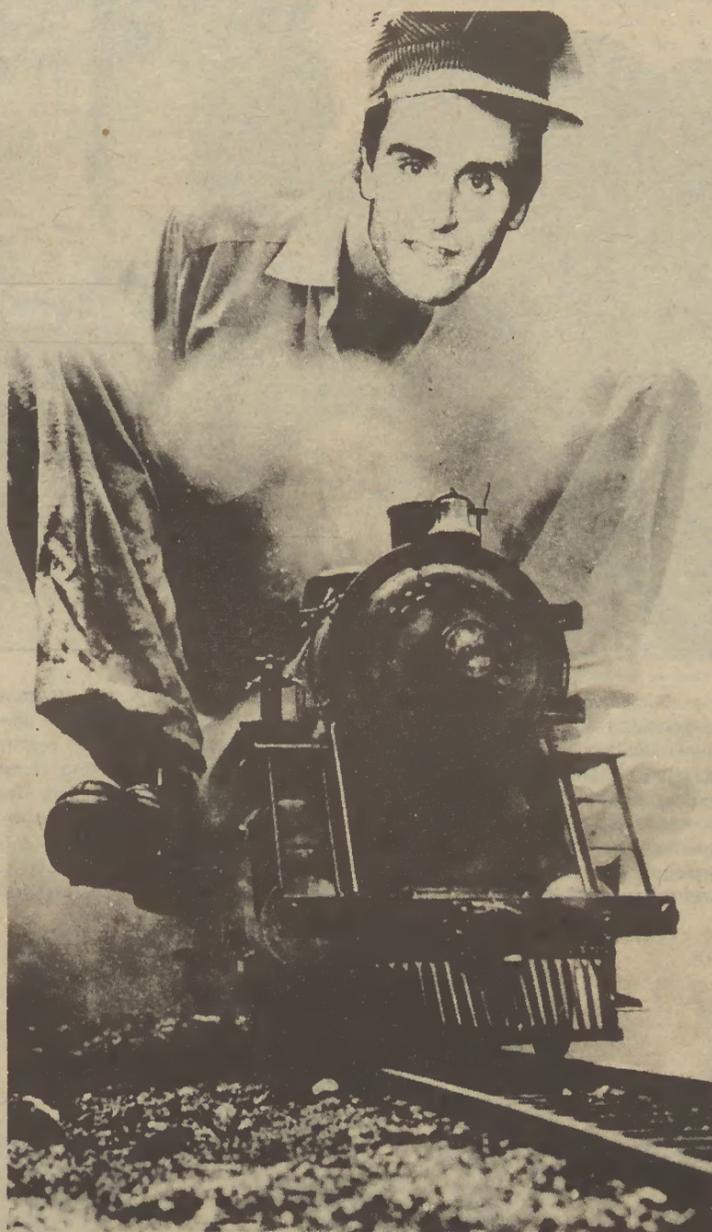
de Casino Peninsular da Figueira da Foz, quase, quase o imaginário — mais que um congresso político, tem acontecido ali um espectacular show circense.»

A estratégia das moções

A ordem de trabalhos da reunião previa o funcionamento de secções, e ainda poucos dias antes o *Povo Livre* dedicava mais de quatro das suas dezasseis páginas à exhaustiva enumeração dos nomes dos delegados a cada uma das secções, em número de quatro: Estratégia política geral; Política económica, social e cultural; Política regional e eleições autárquicas; Estatutos e organização interna do Partido. Sem dúvida temas sonantes — mas tudo fogo de vista: as secções nem sequer chegaram a funcionar.

Quanto às chamadas «moções de estratégia» havia nada mais nada menos do que 17 (ou 19, segundo outras informações), teoricamente destinadas à abordagem das mais diferentes questões nacionais e partidárias, mas mais uma vez se comprovou que a vocação de partidos como o PSD não passa pelo debate deste tipo de questões. Ou seja, não passa pelo empenhamento sincero na resolução dos problemas do povo e do País.

A semana que precedeu o Congresso já o dava claramente a entender, com a atenção exclusivamente voltada para a dança de *leaders* e o sobe-e-desce de personalidades. Dizia o *Semanário*: «Em apenas seis dias o Partido Social-Democrata viveu uma revolução de nomes, mais do que ideias ou estruturas.» E logo no segundo dia dos trabalhos, os jornalistas do «Diário de Notícias» concluíam: «Contar votos tem sido a tônica do Congresso. O PSD, mais do que uma ideologia, continua sendo, não há dúvida, um clube eleitoral — mesmo internamente. As intervenções dos primeiros subscritores das 17 moções de estratégia foram disso exemplo acabado. Foi na corri-



O lema de Cavaco é «andar nas carruagens da frente» — mas tudo indica que, a breve prazo, teremos novos descarrilamentos no PSD...

da a um lugar nas listas para a Comissão Política e para o Conselho Nacional que se verificou o maior empenhamento da classe social-democrata neste Congresso.»

Na Figueira da Foz, segundo os repórteres do *DN* «assistiu-se, não há dúvida, mais do que à discussão dos grandes problemas nacionais, a frenética conquista de lugares (...). O pingue-pongue foi constante, os apoios a mudar alternadamente de campo, a negociação interna a multiplicar-se em reuniões de hotel, contactos de rua, sussurros de conclave».

É por tudo isto que a resposta de João Salgueiro à pergunta da jornalista que citamos no início não pode merecer mais do que um sorriso irónico perante a esperteza saloia: «Os problemas do PSD têm sido avolumados face à opinião pública em consequência da prática da democraticidade interna do partido e do grande número de conselhos e de congressos que não têm correspondência em outros partidos.»

O problema não reside, obviamente, em qualquer «excesso de democracia». A prática da democracia interna não é sinónimo de lutas de ga-

los para as bases verem. E se, nos seus onze anos de vida, o PSD já conheceu sete *leaders* (para já não falar desta concepção do «chefe» de que tudo depende) e promoveu doze congressos (mais do que um por ano) isso apenas quer dizer que os problemas são de fundo: o que está mal é a política, e uma política contrária ao Portugal de Abril não pode, em democracia, ter êxito no nosso país, por muito que variem os nomes e por muitos *shows* que haja.

O Congresso e o resto

No decorrer do Congresso, o novo «chefe» (por quanto tempo?) Cavaco Silva, ao defender a tese que lhe é cara de apoio à candidatura presidencial de Freitas do Amaral, argumentava contra o apoio a Soares dizendo que «não serve os objectivos essenciais do PSD que, com ele, estaria sempre longe das carruagens da frente». O argumento é interessante porque revela os objectivos permanentes desta gente: ocupar lugar «nas carruagens da frente».

O novo patrão do PSD agrada mais a uns do que a outros: O *Dia* elogia-lhe «a clareza, a frontalidade, a coragem» enquanto Nuno Rocha, apologeticamente, lhe imputa «uma concepção ética da política que não lhe permite envolver-se em manobras de corredor». Vindas de quem vêm as adjectivações são significativas. E, de qualquer modo, todos nos lembramos da actuação de Cavaco como ministro de Sá Carneiro: apesar das manipulações com números, foi no tempo dele que o buraco financeiro começou verdadeiramente a ser um grande buraco.

A sua confessa apetência pelas primeiras filas, aliás semelhante à dos confrades da classe política (não só do PSD) deu-lhe, por agora, a «vitória», ligeiramente ensombreada, entre outras coisas, pelo pouco lisongeiro comentário que lhe dirigiu o seu rival vencido, João Salgueiro: «de Napoleões estão os hospícios cheios.»

Mas independentemente de tudo isto, uma coisa é certa: a inconsistência e completa falta de credibilidade revelada pelos dirigentes e pelo Congresso confirmam, se mais confirmações ainda fossem precisas, a inconsistência e falta de credibilidade do próprio Governo e do arremedo de coligação que artificialmente o sustenta. O Congresso do PSD é mais um poderosíssimo argumento a favor da decisão de higiene e saneamento político que há muito se impõe: Governo para a rua, já!

«Não se passa um dia sem que haja acções em defesa da Reforma Agrária»

Entrevista com António Murteira em vésperas da IX Conferência

«A Conferência está a ser preparada não apenas nos gabinetes e em reuniões e plenários, apesar de já terem sido feitos mais de 200, mas sobretudo no rubro da luta de classes, da luta em defesa das UCP's/Cooperativas» — disse ao Avante! António Murteira, membro do CC do PCP e da Direcção da Organização Regional do Alentejo, a propósito da nona edição da Conferência da Reforma Agrária a realizar nos próximos dias 1 e 2 de Junho em Évora. A Conferência foi o ponto de partida para a entrevista, mas a conversa acabou por alargar-se a quase todas as grandes questões relacionadas com a Reforma Agrária.

P. — Em vésperas de mais uma conferência da Reforma Agrária é possível traçar um breve balanço sobre os principais aspectos da situação desde há um ano?

R. — Cumprimos, no fundamental, 3 dos principais objectivos traçados na anterior Conferência — as UCP's/Cooperativas foram defendidas palmo a palmo e parte considerável da Reforma Agrária continua de pé; aguentámos a frente da produção e conseguimos resultados muito superiores aos obtidos com o latifúndio

ou com outro tipo de empresa agrícola; foram assegurados, apesar da ofensiva, um número significativo de postos de trabalho. Numa palavra, as potencialidades das UCP's/Cooperativas, foram confirmadas ao longo deste ano. Não conseguimos alcançar, ainda, o objectivo político central — a demissão do

Governo soarista. Temos confiança que o vamos alcançar brevemente e se até lá não o deitarmos abaixo, a 9.ª Conferência será mais um importante contributo nesse sentido.

P. — Na generalidade dos órgãos de comunicação social pouco se fala da Reforma Agrária. Excepcionalmente, quando tal acontece, é quase certo que as colzas surgem deformadas. Que transformações se operaram nos campos do Sul com esta nova forma de exploração agrícola, designadamente no domínio económico e social? O que é que a Reforma Agrária representou de facto para os trabalhadores agrícolas e para as populações?

R. — Significou a libertação, em todos os sentidos.

Com o 25 de Abril, o proletariado rural do Sul, organizado em comissões de trabalhadores, nos seus sindicatos e no seu Partido, tomou o lugar histórico que lhe cabe e decidiu ser senhor dos seus destinos, destruindo as algemas que há gerações e gerações o oprimiam — o latifúndio e os latifundiários como classe — iniciando a Reforma Agrária.

As terras, mais de 1 130 000 hectares, e os meios de produção passaram para a posse útil dos trabalhadores que as aproveitam e gerem, organizados nas UCP's/Cooperativas de forma incomparavelmente superior ao que faziam os agrários e grandes empresas agrícolas capitalistas, como a 9.ª Conferência irá mais uma vez provar. A Reforma

Agrária liquidou as velhas relações de produção capitalista, permitiu o aumento da produção e da produtividade, libertou o homem e as suas capacidades, trouxe pão e trabalho e uma vida nova.

A diferença

P. — Em resultado dos ataques de sucessivos governos, uma parte das terras e outros bens pertencentes às unidades de produção foram devolvidos aos agrários e, nalguns casos, a outros indivíduos que nada têm a ver com a agricultura. Esta política conduziu a um aumento da riqueza e da produção?

R. — A Reforma Agrária criou milhares de postos de trabalho, a política soarista destruiu-os; a Reforma Agrária desbravou e recuperou dezenas e dezenas de milhares de hectares de terras, a política soarista entregou-as aos agrários, que de novo as deixaram ao abandono, provocando quebras enormes na produção; a RA intensificou a produção e a mecanização, aumentou o efectivo pecuário, organizou as modernas UCP's/Coop., a política soarista ataca-as e destrói muitas delas, fazendo voltar a agricultura portuguesa ao que era antes do 25 de Abril.

P. — De que modo esta acção governativa está intimamente associada à onda de desemprego que grassa no Alentejo e Ribatejo?

R. — Com a destruição de dezenas e dezenas de UCP's/Coop. e a entrega





de centenas de milhares de hectares de terra aos agrários, mais de 200 000 ha dos quais estão abandonados, já destruíram 50 000 postos de trabalho. Hoje, como no dia 14 deste mês, a delegação de mulheres da RA com os seus filhos, informaram em Lisboa, há de novo 35 000 desempregados nos campos do Sul. A miséria e a fome bate à porta de muitas famílias.

P. — Os trabalhadores têm insistentemente denunciado a existência na posse dos agrários de terras, instalações e charcos completamente abandonados. Como encara a Reforma Agrária esta situação?

R. — Esse quadro é expressão do desastre da política de destruição da RA, da reconstituição do latifúndio, de concentração forçada e selvagem da riqueza produzida pelos trabalhadores nas UCP's/Coop., nas mãos de um punhado de famílias de agrários e grandes capitalistas. É o resultado de uma política de submissão aos interesses dos monopólios da CEE, aos interesses do imperialismo americano. É ao mesmo tempo um alerta a todos os portugueses, para que compreendam que esta política não serve, que a RA é necessária ao povo e à democracia portuguesa.

A ofensiva

P. — Quais as principais linhas de força da mais recente ofensiva do Governo?

R. — Sentindo o tempo e o apoio, mesmo daqueles que neles votaram, fugir-lhes rapidamente, põem de lado a fachada da «democracia», do «pluralismo», do «Estado de direito» com que hipocritamente Soares e o seu Governo se gostam de enfeitar e atacam com bandos de agrários e funcionários do MAP, que assaltam as UCP's/Coop. com a cobertura de fortes contingentes de GNR, armados de G3, bastões, víseiras e por vezes apoiados em auto-metralhadoras tipo «Shortlands».

Acessos a aldeias inteiras são ocupados, como aconteceu em Abril, em Alcáçovas, e já este mês em Aguiar e de novo em Alcáçovas. Noutros casos, como já em Maio, na UCP/Coop. «S. Brás do Regedouro» fizeram fogo para dobrar a resistência dos trabalhadores e a um jovem pastor foi-lhe encostada uma pistola às costas e ameaçado por um GNR. Dezenas de trabalhadores são mandados a tribunal para julgamentos sumários. A repressão fascista, a inconstitucionalidade desabrada, a corrupção, a afronta aos tribunais e a outros órgãos de soberania, bem como ao povo português são características da nova ofensiva. É uma vergonha para Portugal, que este Governo não tenha já sido demitido.

P. — Fala-se muito da nova lei agrícola que o Governo tem na forja a qual, no que diz respeito à Reforma Agrária, já foi classificada pelos trabalhadores como a lei do latifúndio. Que pensas desta iniciativa do novo Barreto?

R. — A «Lei Agrícola» do Barreto II, constituiria mais um passo no esva-

ziar da Constituição. A Constituição consagra a RA, que exproprie o latifúndio e entregue a terra e os meios de produção aos trabalhadores agrícolas e agricultores pobres. A «Lei Agrícola», consagraria, a passar, a destruição da RA e a reconstituição do latifúndio, com a entrega de todas as riquezas das UCP's/Cooperativas, aos agrários. Ora isto é o contrário da Constituição. Cabe perguntar: então a Constituição está ou não em vigor? Sem dúvida que está e cabe ao povo português e àqueles que juraram defendê-la, honrar o compromisso que assumiram.

Tudo seria diferente...

P. — Apesar do cerco, das tentativas de asfixia, dos ataques de toda a espécie, a Reforma Agrária tem sabido resistir. Como seria hoje o panorama se em vez de hostilidade e violência a Reforma Agrária tivesse paz, carinho e incentivo?

R. — A 9.ª Conferência, com base em estudos rigorosos, irá procurar responder em termos quantificados a essa questão.

Não hesito em afirmar, que sem a ofensiva, hoje produziríamos parte considerável de cereais praganosos, milho, carne, oleaginosas e outros produtos que importamos do estrangeiro o que agrava dia-a-dia a dívida externa provocada por Soares e outros governos de direita.

Que o analfabetismo teria sido irradicado do Alentejo e Ribatejo, os trabalhadores teriam hoje uma formação profissional mais qualificada e muitos dos seus filhos — agora no desemprego — seriam já técnicos a trabalhar ao serviço do Portugal de Abril. Não hesito em afirmar que teríamos acabado com o desemprego, que os salários e regalias sociais seriam melhores, que haveria pão e trabalho para todos. Que estaríamos já edificando uma sociedade e uma vida nova.

P. — Certamente não vos é indiferente a situação dos pequenos e médios agricultores. A política seguida pelo Governo PS/PSD é-lhes favorável?

R. — A 9.ª Conferência será também uma tribuna dos agricultores do Alentejo e Ribatejo que a queiram utilizar, para aí levantarem os seus problemas e aspirações. E certamente vão utilizá-la para aí dizerem o que está à vista — a prosseguir esta política, a concretizar-se a entrada para a CEE, centenas de milhares de agricultores portugueses, seriam arruinados, perderiam as suas terras e bens.

A vitória é possível

P. — Qual é em traços gerais a política alternativa, no domínio da agricultura, defendida pelas UCP's/Cooperativas?

R. — A política alternativa, vem sendo apontada, com dados e estudos quantificados, desde a 1.ª Conferência da RA.

Ela assenta na definição e na atribuição à agricultura portuguesa do importante papel que lhe cabe no desenvolvimento da nossa economia. Assenta na necessidade imperiosa de liquidar as velhas estruturas fundiárias herdadas do fascismo — o latifúndio! Assenta numa política de apoio às UCP's/Cooperativas, aos pequenos e médios agricultores e rendeiros. No aproveitamento dos recursos — terras, águas e outros — que temos.

P. — Os trabalhadores têm luta insistentemente pela demissão do Governo; têm enfrentado corajosamente os ataques contra as suas cooperativas o que, em muitos casos, tem impedido a concretização de flagrantes ilegalidades. Será possível prolongar indefinidamente esta luta heróica e corajosa? Há outra saída, outro caminho?

R. — A unidade da classe operária e dos trabalhadores, a acção e luta conjugada com o funcionamento das instituições, são a forma capaz de conduzir à demissão do Governo PS/PSD e

abrir caminho à formação de um Governo Democrático de Salvação Nacional.

A luta torna-se cada dia mais vigorosa. Posso dizer-te que na zona da RA, não se passa, praticamente, um dia sem que haja pequenas ou grandes acções em defesa da RA. Até parece que não é assim! Claro, a TV, a Rádio, muitos órgãos de comunicação social amordaçados e manipulados por Soares, silenciam essa luta heróica do proletariado rural do Sul.

Estou certo que na 9.ª Conferência, os 1700 delegados que nela participam dirão não à destruição da RA, afirmarão a sua disposição de dar mais, de irem mais longe, na luta em sua defesa.

Uma Conferência quente...

P. — Esta nossa conversa veio a propósito do IX Conferência. Como têm decorrido os trabalhos preparatórios?

R. — A preparação desta Conferência, tem uma particularidade importante. Além do balanço, elaborado a partir do tratamento rigoroso dos inquéritos feitos às UCP's/Cooperativas, devida à nova ofensiva desencadeada, a Conferência está a ser preparada, não apenas nos gabinetes e em reuniões e plenários, apesar de já

terem sido feitos mais de 200, mas sobretudo no rubro da luta de classe, da luta em defesa das UCP's/Cooperativas.

Será uma Conferência quente, com delegados acabados de chegar das trincheiras de luta, que são as UCP's/Cooperativas. E se não fosse ao sábado e ao domingo, quem sabe se não teríamos que fazer uma interrupção, nós delegados e vocês jornalistas e até os convidados, para irmos defender alguma UCP/Cooperativa. Ou, numa perspectiva mais optimista, caindo o Governo, fazermos igualmente uma pausa, para levarmos à prática, simbolicamente — nada de alarmes — a palavra de ordem — reposição da legalidade democrática, as terras roubadas serão recuperadas, avante com a Reforma Agrária, cumprase a Constituição!

P. — Se os trabalhadores da Reforma Agrária tivessem oportunidade de transmitir pelos órgãos de comunicação social, nomeadamente pela RTP, uma mensagem ao povo português, qual seria o sentido dessa comunicação?

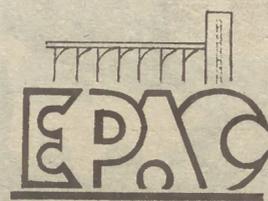
R. — De alerta para os perigos do momento presente, mas sobretudo de confiança na vitória da classe operária, dos camponeses, de todos os trabalhadores, da democracia e da liberdade.

Reafirmaríamos ao nosso povo que pode contar com os homens e mulheres da Reforma Agrária, para amanhã, com um Governo democrático, trabalharem no duro, para produzirem o leite, a carne, o pão de que o povo português tanto necessita.

E claro, convidar os trabalhadores, todos os democratas para participarem no dia 2 de Junho, no Rossio de S. Brás, em Évora, no importante Comício e Desfile de Solidariedade Nacional com a Reforma Agrária. ■



QUEM LUCRA E QUEM PERDE COM A «LIBERALIZAÇÃO»



UM LAUTO NEGÓCIO À MARGEM DA LEI

Uma mina aberta inesgotável

A Empresa Pública de Abastecimento de Cereais (EPAC) é uma «mina» demasiado grande para ministros tão pequenos. Não admira que um deles, o Cardoso e Cunha, que foi da Agricultura/PPD, queira engordar à custa dela. As conclusões de um relatório feito por uma comissão eventual de deputados, presidida por um elemento dos partidos da maioria, mostram ou comprovam, na generalidade, **todas as acusações** de que foi alvo o processo seguido desde 1979 para a «liberalização» do comércio de cereais, ramos de açúcar e oleaginosas, que interessa sobremaneira aos gran-

des senhores da moagem, do transporte marítimo e das multinacionais.

A EPAC detém todas menos uma das condições requeridas para se manter como grande empresa nacionalizada. Faltou-lhe desde 1977 a vontade política de a fazer funcionar como unidade do sector empresarial do Estado, nos moldes em que essa formação económica continua estabelecida na Lei.

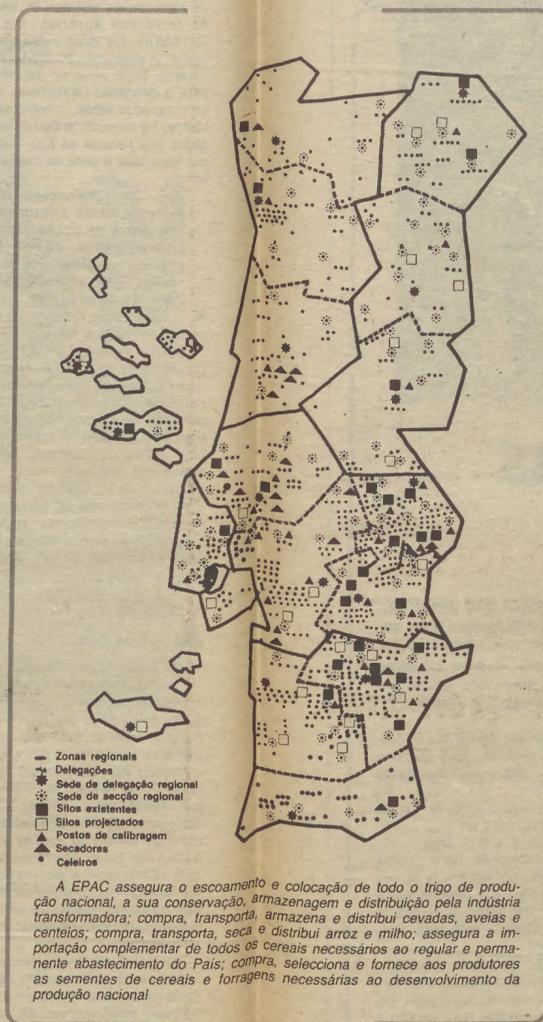
Dirão que não; que a EPAC foi batida em concorrência dentro das regras do jogo, isto é, do mercado capitalista; que a própria Constituição prevê expressamente essa concorrência entre sectores económicos; que os postos de trabalho não vão diminuir com a «liberalização»; que «o Estado» não quer ser patrão, etc. São objecções a ter em conta — não há dúvida — mas para as combater.

O desmembramento no sentido de entregar a EPAC ao sector privado, que ultimamente entrou na fase de acabamento, coincide primeiro com a constituição da Lusograin que, em Novembro de 1980, obteve para tanto parecer favorável, quer da Secretaria de Estado do Comércio Interno, quer do Instituto do Investimento Estrangeiro. Apesar de nessa altura não existir qualquer lei que a permitisse, a autorização foi concedida, porque o processo dito de liberalização já estava na calha, conduzido desde meados de 1979 pelo então ministro da Agricultura, eng. Cardoso e Cunha, e porque da Lusograin, além das multinacionais Louis Dreyfus e Sammateus Holding, fazia parte como sócio o dr. Pais de Sousa, que foi membro do conselho de administração da EPAC.

O processo seguiu, à margem da lei, mas antes da constituição formal da Lusograin (16 de Junho de 1981: quota de Pais de Sousa: 200 mil escudos; quota da Dreyfus: 7 mil contos; quota da Sammateus: 2800 contos) era assinado (meados de 1980) um protocolo para a constituição de uma sociedade — privada, naturalmente — a Intergrain que a Lusograin encaabeçava, com 17 grandes moageiros por trás. Estava pronto o monopólio «liberalizador» pois estas últimas empresas, que representam perto de 70 por cento do mercado moageiro, comprometiam-se a adquirir, através da Intergrain, pelo menos 80 por cento de todo o trigo e centeio que o nosso país viesse a importar anualmente.

Este Governo tem fortes motivos para se calar

Perante o relatório apresentado, faz hoje um mês, ao presidente da Assembleia da República, seria previsível que este Governo tivesse uma palavra a dizer sobre o desenrolar do processo agora conduzido pelo ministro da Agricultura, Álvaro Barreto. Mas o que se tem verificado é um silêncio governamental completo, pois a atitude do Ministério soaista perante a «liberalização» publicamente conhecida desde 1981, pelo menos no que respeita à EPAC, tem sido a de falar



para ficar calado, como aconteceu com o mesmo Álvaro Barreto, na altura ministro do Comércio e Turismo, em 10 de Janeiro do ano findo, num programa de televisão, onde esteve bem acompanhado por José Casquilho (CAP), Ferraz da Costa (CIP) e Alves Barata, da Confederação do Comércio (CCP). Tal como naquela data, o Governo, e particularmente o ministro da Agricultura, continua a ter fortes razões para ficar calado, e até para procurar iludir, sem êxito, aliás, as organizações representativas dos trabalhadores da EPAC sobre o desmembramento da empresa e a entrega, já em parte consumada, do seu património aos grandes moageiros.

Trata-se mais uma vez, literalmente, do pão de cada um. O caso EPAC, pela sua importância nacional bem visível (basta olhar para o mapa, publicado nesta página) não se explica pela «liberalização». Tem a ver, isso

sim, com a concentração do capital nas mesmas mãos dos que sustentaram o «corporativismo» e dele se aproveitaram enquanto duro.

Pergunte-se por exemplo aos pequenos moageiros se vão beneficiar com o processo de devolução da chave do comércio cerealífero a grandes capitalistas nacionais e estrangeiros? Pergunte-se ao produtor, ao consumidor entregues sem defesa às decisões dos que dominam as condições do mercado onde a única lei passa a ser a do lucro maior, mais fácil e sempre a crescer?

Este Governo passa... Mas perduram os interesses que ele defende e sobre os quais preferiu calar-se, mesmo que para isso seja preciso dizer as coisas mais absurdas, como essa de invocar a «liberalização» para esconder negócios inconfessáveis, protecções abusivas e desprezo pela lei. ■

É fácil ver como tudo começou. Até as datas coincidem. O ano de 1977 é rico de acontecimentos contra o regime democrático, mas basta citar três. É nesse ano que a política soaista pede a adesão à CEE; que faz aprovar uma lei de delimitação dos sectores público e privado da economia; que, na generalidade, começa a contra-revolução legislativa. Dois anos depois prosseguia a sério a devolução aos interesses financeiros privados das grandes fontes de riqueza nacional. Na primeira linha, dadas as condições conhecidas da nossa economia, enfileirava a «liberalização» do grande comércio importador de cereais, ramos de açúcar e oleaginosas. A EPAC começava a ser destruída. Mas a «liberalização» soaista só foi autorizada no ano passado (decreto-lei 67/84) que retirou o exclusivo do comércio de cereais à EPAC.

Da parte dos governos, o que até agora tem vindo a público sobre o caso não vai além da cortina de fumo, destinada naturalmente a esconder grandes negócios combinados contra a lei, com o apoio de ministérios,

como o Cardoso e Cunha na Agricultura em 1979, e o de Álvaro Barreto, primeiro no Comércio e agora na Agricultura, também, na vigência do Governo PS/PSD.

Pequena produção entregue aos milhafres

As organizações representativas (ORT's) dos trabalhadores da EPAC opuseram-se desde início ao desmembramento da empresa e à programada entrega dos bens públicos e das operações comerciais aos grandes interesses privados nacionais e estrangeiros. A Comissão de Trabalhadores, a FEPES-Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços, assim como outras organizações representativas dos numerosos efectivos da EPAC em todo o País explicam do modo expresso a seguir «as principais condições que decorrem da situação actual de mercado sob controlo do Estado» e da que se verificará com a «liberalização»-Barreto. De há cerca de três anos para cá que os representantes dos trabalhadores da EPAC insistem na elucidação do assunto como segue:

NA EPAC

AQUISIÇÃO DE SEMENTE
A EPAC põe à disposição da lavoura sementes de qualidade, na variedade e quantidade pretendidas pelo produtor. Este faz as suas aquisições a crédito, que líquida com o produto da colheita, não pagando qualquer juro.

PREÇO AO PRODUTOR
Actualmente os preços dos cereais são calculados em função dos custos médios da cultura e de forma a compensar razoavelmente os produtores, o que constitui um eficaz incentivo à produção.

FIXAÇÃO PRÉVIA DOS PREÇOS

A fixação prévia dos preços é um elemento fundamental de orientação. O produtor que, antes de fazer a sua sementeira, conheça os custos dos factores de produção e o preço a que irá vender a sua futura colheita, está em condições de decidir qual a qualidade e a quantidade de cereal que, de acordo com as suas possibilidades, lhe dará mais interesse cultivar.

VENDA DA PRODUÇÃO

Com algumas dificuldades pontuais, sobretudo em anos de maior produção, que, contudo, tendem a resolver-se, a EPAC garante o recebimento rápido e integral de toda a produção nacional de cereais, indo ao encontro dos interesses vitais dos agricultores.

RECEBIMENTO DO VALOR DO CEREAL

Hoje, a EPAC, poucos dias após a recepção do cereal procede à sua liquidação junto do produtor.

INCENTIVO À PRODUÇÃO

O sistema existente tem condições para garantir a continuidade da produção cerealífera nacional e para apoiar o seu desenvolvimento.

Com a «liberalização» o produtor ficará sujeito a todas as contingências, com muito menos garantias de vir a receber tão rapidamente o pagamento do seu cereal.

O comércio livre de cereais conduzirá fatalmente, a curto prazo, ao abandono forçado da cultura em muitos locais, diminuindo a produção e aumentando a nossa dependência do estrangeiro.

NA «LIBERALIZAÇÃO»

No chamado mercado livre o produtor comprará as sementes onde as houver, se houver, e leva logo o dinheiro na mão ou, se comprar a crédito, pagará o respectivo juro.

Em regime de mercado livre, teremos de um lado dezenas de milhares de produtores, em regra economicamente débeis e desunidos, e, do outro lado, uma indústria poderosa e organizada que com facilidade é capaz de se combinar para impor condições de aquisição.

Deixará de existir a fixação prévia dos preços e, nas condições descritas no ponto acima, a única certeza que a grande maioria dos produtores terá é a dos sérios riscos que correm de vender a sua produção a preços ruinosos.

A cidade sobre um barril... de gás!

Viver em Lisboa será tão perigoso como acender um cigarro em cima de um barril de pólvora? Talvez seja um exagero falar assim. Mas há algumas razões — e explosivas — para tal imagem. Por baixo da degradação que é a cidade, com prédios a cair, tantos que quase não são notícia, mais abaixo ainda que os buracos onde sofrem os pneus dos carros, correm as tubagens de um venenoso filtro, pronto a rebentar à menor falca. Trata-se do gás da cidade. Encerrado num bom depósito, canalizado em tubagem segura, é um bem precioso. Aquece a vida do cidadão, da sopinha ao banho. Antes, até dava luz. Hoje anda por aí à solta, torce-se e revolve-se em cano velho, bufa o seu hábito por todos os poros de um velho corpo mal tratado. A segurança propagandeada por anúncios pagos, atribuindo ao consumidor o descuido, a imprevidência e a ignorância no tratamento do gás e na sua utilização, chega a ser ridícula, se pensarmos — se soubermos — quanto é descuidada na sua distribuição.

Por motivos tão misteriosos quanto escondidos são os perigos que nos espreitam na cidade em cujas veias apodrecidas corre o gás, o investimento na EDP estagnou. Será a responsabilidade de tal estagnação do Conselho de Gerência ou poder-se-á apontar mais alto, já que tal política é, no fim de contas, homologada pelo Governo? Antes de nos determos nos motivos dessa ausência de investimentos, porém, olhemos para os seus efeitos. Que se encadeiam vertiginosamente, cada qual o mais gravoso.

A estagnação de investimentos conduz, em primeiro lugar, à degradação dos serviços. Basta referir, para se ter uma ideia, que, se em Dezembro de 1982 o número de trabalhadores era de 216, dois anos depois, em Janeiro de 1985, o seu número descaía para 164!

Em consequência, degrada-se o estado dos equipamentos, tubagens, válvulas, etc. A insegurança tornou-se uma realidade. Lisboa vive sobre um barril... de gás.

O gás à solta

Para além dos fornecimentos não contabilizados — é espantoso mas é verdade! — há as fugas. Os fornecimentos não contabilizados verificam-se porque há cerca de 20 mil contadores montados sem que alguém saiba exactamente onde. Havendo um total de 185 mil contadores montados, apenas 165 mil consumidores são registados nas listas de facturação. Em conjunto, no ano de 1984, o gás perdido em fugas e consumido em fornecimentos não contabilizados foi de 14,5 milhões de metros cúbicos. Mais 200 por cento em relação ao ano anterior. Contas são contas e contra números bem contados não há argumentos: muito provavelmente boa parte dos contadores não contabilizados não estão a ser utilizados. Se o valor médio anual de consumo é de 800 m³/consumidor obter-se-ia assim um valor de 16 milhões de m³, superior aos 14,5 milhões.

Por outro lado, a distribuição diária de gás de cidade é de cerca de 450 mil m³ e, em Janeiro passado, este valor subiu para os 600 mil devido ao abaixamento das temperaturas. Num caso como este, sendo necessário um

chega a casa e sente no ar tal perfume. Ora, em Dezembro e Janeiro, consta que a «injecção» de odorizador foi suspensa...

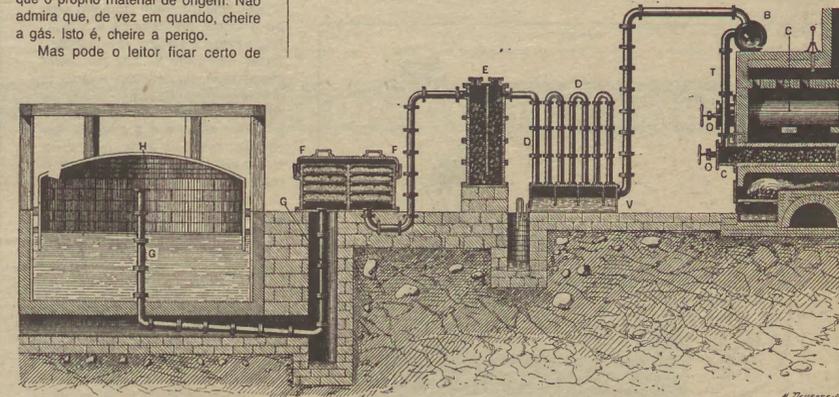
Se esta «medida» foi realmente tomada, isto diz muito do quanto os responsáveis da EDP estão dispostos a avançar não só na degradação do sistema de gás de cidade como no desprezo pela segurança da população.

Detecte você mesmo

Na «era do berbequim eléctrico», a doutrina do «faça-você-mesmo» parece ter ganho foros de cidadania na EDP. Em tempos que já lá vão, a detecção de fugas era feita por trabalhadores da empresa, os «picas» que, de sonda na mão, percorriam as ruas e espetavam no solo os seus aparelhos-metros. Hoje, sobra um par de trabalhadores para essa função e o número vai baixando até ao zero. Detecte você mesmo a sua fuga, parece querer dizer os responsáveis por esta política aos consumidores lisboetas.

Mas há mais, no rol absurdo da insegurança:

No gasómetro da Infante Santo, as fugas de água da «camisa de estanqueidade» eram tão grandes que em Dezembro de 83 a factura da água paga à EPAL ascendeu a mais de 670 contos. E só recentemente o ga-



que quando lhe sobe o gás ao nariz nem tudo vai mal. O maior perigo é quando se não dá conta dele. E como não se pode — nem deve — andar por aí de fósforo aceso a ver se pega fogo, o caso fica muito sério quando se sabe, por exemplo, o que aconteceu no último Inverno:

Em Dezembro e Janeiro passados, quando as reclamações choviam pelos motivos a que já aludimos, alguns responsáveis da EDP parece terem tomado uma decisão «histórica». Vamos explicar: sendo inodoro, o gás da cidade, a fim de ser facilmente detectado injecta-se-lhe um líquido odorizador — o tal cheiro característico que faz pôr os cabelos em pé a quem

exemplo, as pressões têm descido, por outro lado, a níveis muito baixos no interior dos tubos. Também isto é um perigo, pois o ar pode entrar para dentro dos circuitos, originando uma mistura altamente explosiva de ar e gás.

E que dizer do estado em que encontram os depressores? São 162 os postos depressores existentes na cidade, em cabinas subterrâneas. Servem para, recebendo o gás a pressão elevada, colocá-lo à pressão ajustada à distribuição ao consumidor. Ora, 15 por cento destes postos, em cabinas sem esgoto de águas pluviais, em caso de acumulação de água as pressões podem subir nas tubagens dos consumidores e...

Deixar apodrecer

Abandonar o sistema de gás parece, pois, ser o propósito dos responsáveis da EDP. Com o apadrinhamento, decerto, do Governo e sob a égide de uma política de destruição de tudo o que é empresa pública.

Sejam quais forem os motivos — aliás secretos — que tenham levado a optar por esta política de abandono, sejam quais forem as «opções» alternativas que se preparam ou se imaginem para a «modernização» soaista

sómetro foi desactivado para reparação.

Nas instalações da Malinha apodrecem dezenas de milhares de contos de material metálico destinado a novos gasómetros que ainda não foram montados por oposição das populações que se queixam de se não ter em conta a insalubridade que provocam em zonas residenciais.

Os compressores de gás da Malinha encontram-se praticamente no limite da capacidade de débito, as tubagens cada vez mais obstruídas com resíduos, as pressões aumentam.

Em certos pontos da rede, nas zonas da Damaia e Rebolreira, por

preparada por veigas e simões, a degradação propostada do sistema de gás de cidade é um crime.

Para além das questões de escolha de uma política correcta, no interesse do país e dos consumidores, no tocante à distribuição de combustível ou de energia, a questão da segurança das populações e da própria cidade vem primeiro.

No entanto, para os responsáveis da EDP e do Governo que os cobre, a segurança das populações não é sequer preocupação. Em matéria de segurança, só a «interna» lhes interessa. O resto é para deixar apodrecer. ■

NICARÁGUA

Um exemplo de dignidade

A Nicarágua não recua perante a ameaça norte-americana

O governo nicaraguense voltou a propor no passado fim-de-semana o reatamento das conversações com Washington, através de uma carta enviada à embaixada norte-americana em Manágua. De acordo com as autoridades sandinistas, o regresso aos encontros bilaterais em Manzanillo, cidade do México onde há cerca de um ano os dois países iniciaram um diálogo interrompido unilateralmente pelos EUA, poderia recomeçar na primeira quinzena de Junho, de modo a lançar bases firmes na normalização das relações entre os Estados Unidos e a Nicarágua e na prossecução da paz.

A proposta dos sandinistas, a que Washington se mostra hoje muito mais receptivo do que há quinze dias atrás, surge como o corolário lógico das reacções internacionais de repúdio ao embargo decretado por Reagan à Nicarágua.

Numa contra-ofensiva diplomática digna de admiração, as autoridades nicaraguenses procuraram junto dos países europeus o maior apoio possível para as suas propostas de paz e o indispensável contraponto económico às medidas decretadas pelos EUA. A visita do presidente nicaraguense Daniel Ortega às mais diversas capitais da Europa, tanto no bloco socialista como capitalista, conseguiu o que Reagan deve ter considerado impossível: uma grande compreensão para os reais problemas da Nicarágua, o reconhecimento dos nicaraguenses em decidir o seu próprio destino, a tomada de consciência dos perigos de generalização dos confrontos armados inevitáveis com uma intervenção directa dos EUA na Nicarágua e a condenação da política intervencionista norte-americana.

A Comunidade Económica Europeia (CEE) decidiu duplicar o seu auxílio aos países da América Latina, o que inclui a Nicarágua; a Leste como a Oeste, Daniel Ortega recolheu significativos apoios tanto políticos como económicos para o seu país; na própria sessão da Primavera da Assembleia da NATO, em Stuttgart, os parlamentares europeus advertiram os EUA que a sua política na América Central pode ter sérias consequências no seio da Aliança Atlântica. Até a facção mais política da oposição ao regime sandinista, a CDN de Arturo Cruz, veio a público considerar o embargo económico e comercial dos Estados Unidos à Nicarágua como «politicamente contraproducente».

É por demais evidente que esta aparente unanimidade de posições contra a política da administração Reagan em relação à Nicarágua não significa que todos tenham subitamente começado a apoiar, em toda a extensão do termo, o governo sandinista. Mas significa sem dúvida que, para além das divergências políticas de fundo, existe na comunidade interna-

cional a consciência da necessidade de respeitar as opções de cada povo, de reconhecer os governos legitimamente constituídos e, sobretudo, de evitar focos de tensão que possam originar novas fontes de conflitos generalizados.

A provocação e a resposta

Também os EUA parecem ter entendido a necessidade de voltar às conversações de Manzanillo, que abandonaram em Janeiro último, face à constatação de que a Nicarágua não renunciava ao tratamento de nação soberana e que as autoridades sandinistas jamais aceitariam que fosse o governo norte-americano a ditar as normas de vida aos nicaraguenses.

O que não impede o prosseguimento das mais diversas manobras de intoxicação da opinião pública, tendentes a criar «explicações» para eventuais intervenções militares directas. Como é o caso das recentes afirmações do director da CIA, William Casey, que discursando num assembleia de empresários no Texas afirmou que a URSS e Cuba **estabeleceram e estão em vias de consolidar uma testa sobre o continente americano cujo objectivo seria exportar a subversão a partir da Nicarágua.**

Para o director da CIA, a Nicarágua está a tornar-se tão perigosa que **poderá ameaçar num primeiro tempo o Canal do Panamá e a mais longo prazo o México.** O que William Casey não disse foi que por detrás destas preocupações está o facto da presença norte-americana no Canal do Panamá estar a ser cada vez mais posta em causa e que o México tem primado, desde há muito, pelo aberto e inequívoco apoio à revolução sandinista.

Compreende-se. Invoque-se um pretexto, lancem-se uns pós de divisionismo, agitem-se uns fantasmas... São receitas que às vezes até dão certo.

Duvida-se que seja esse o caso da Nicarágua. O desejo de resolução pacífica dos problemas é forte da parte dos sandinistas, mas não é menos forte a sua determinação em defender intransigentemente a independência nacional, a dignidade e os princípios do povo nicaraguense.

Como se afirma na mensagem oficial divulgada em 4 de Maio, o Dia da Dignidade Nacional, os sandinistas não se pouparam a esforços para deter com a força da razão, das leis, das normas internacionais, a bota imperialista que com tanta cegueira e irreflexão procura destruir o povo da Nicarágua. Mas se esses esforços forem em vão e a administração Reagan persistir pela via do confronto, a resposta que terá será a mesma que há muitos anos deu Sandino aos invasores norte-americanos:

Recebi a comunicação ontem e estou entendido com ela. Não me renderel e aqui os espero. Quero uma Pátria Livre ou Morrer. ■



As palavras e os actos

Tornou-se quase uma redundância afirmar que **ínvios são os caminhos do imperialismo, mas dado que não se trata afinal de uma evidência, ou não andaria tanta gente por aí enganada, cabe volta e meia recordar o facto. E para tal nada melhor do que pegar nas palavras e nos actos dos governantes norte-americanos. A única dificuldade está na escolha.**

● «E fizemos o que devem fazer os povos que dão valor à sua liberdade. Juntámo-nos numa grande aliança. E rearmámo-nos. Mas fizemo-lo apenas para que nunca mais fôssemos forçados — sob o peso das nossas ilusões traídas — a recorrer à violência»;

«E aí está a base para uma ideia revolucionária, a ideia de que os seres humanos têm direito a escolher o seu próprio destino.»

(Reagan, no discurso proferido na AR, em Lisboa, a 9 de Maio)

● O ex-director da CIA no governo de Carter, Stansfield Turner, afirma no seu livro «Secrecy and Democracy»: Reagan não respeita a lei que exige um controlo do Congresso sobre as operações dos serviços secretos. Como exemplo cita, entre outros, a minagem dos portos da Nicarágua e a edição do manual que ensinava aos contra-revolucionários como liquidar dirigentes sandinistas e outras personalidades.

Turner, que está longe de poder ser acusado de agente cubano ou russo, diz ainda que Reagan utilizou pelo menos duas vezes, abusivamente, a noção de segurança nacional para dissimular operações clandestinas.

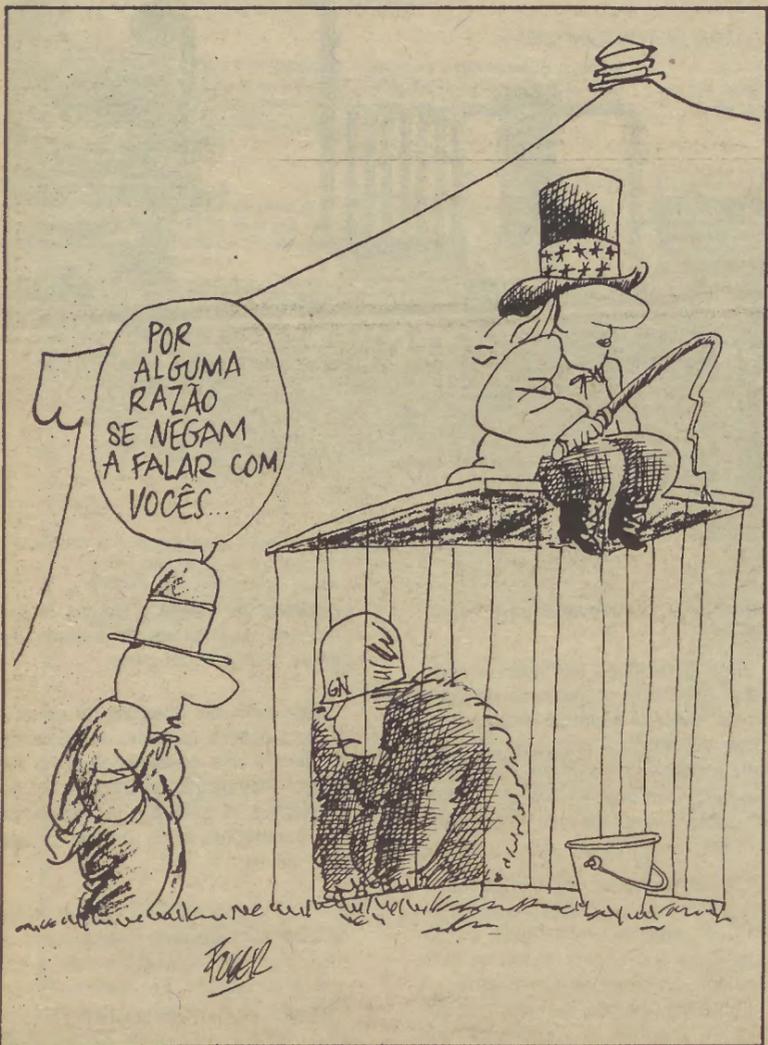
● A Comissão dos Serviços Secretos da Câmara dos Representantes dos EUA aprovou no passado dia 7 uma proposta autorizando a CIA a «transmitir espionagem militar» aos anti-sandinistas. Trata-se de uma violação flagrante da proibição do Congresso de concessão de qualquer assistência militar aos contra-revolucionários.

● «Gostaria de falar consigo sobre a Nicarágua. Será uma conversa amigável.» Este o teor do cartão de visita que agentes do FBI e outros serviços de informação dos EUA estão a enviar a pessoas que de algum modo se interessam pela política da Casa Branca em relação à Nicarágua. O interesse pode ter sido a simples participação numa sessão de esclarecimento...

A denúncia desta iniciativa na imprensa norte-americana levou William Webster, do FBI, a vir a público afirmar que a organização recebeu do Conselho de Segurança Nacional a «missão específica» de realizar as ditas entrevistas.

● Nove conselheiros militares norte-americanos chegaram dia 9 à Costa Rica para participar na instrução de 750 membros da guarda civil; o pretexto invocado é a proximidade da Nicarágua onde existe «um governo marxista-leninista expansionista».

● Após a recusa do Congresso em autorizar a administração Reagan a fornecer aos anti-sandinistas a pedida verba de 14 milhões de dólares, um jornal norte-americano abriu uma subscrição pública para reunir a referida quantia. O primeiro contribuinte foi o conhecido fascista reverendo Moon, da seita do mesmo nome, que ofereceu a Reagan 100 mil dólares para os seus amigos somozistas.



a TV

O nabeiro e o caneiro

A principal função da RTP no domínio da informação orienta-se em seis direcções: propaganda eleitoral de Mário Soares; servir o Governo; dividir-se, partidariamente, entre o PS e o PSD, com frequentes acenos ao CDS; promover a amarelíssima UGT; ignorar ostensivamente os partidos democráticos, e principalmente, o PCP; finalmente, fingir que não existe... a realidade que existe.

Eu podia, sem dificuldade, enumerar uma data de casos prejudiciais para a visão pública dos partidos da coligação, que Telejornal pura e simplesmente ignorou. Por exemplo, o caso Nabeiro...

Telejornal nunca se lhe referiu, conforme a gravidade do caso exigia. De súbito, a propósito de estranhos movimentos acontecidos nas alfândegas, aconteceu uma referência ao citado Nabeiro, por interposta pessoa.

Omitiram, no entanto, as funções exercidas por Nabeiro; a sua filiação partidária; as suas belíssimas relações com Mário Soares.

Ou seja: parte essencial e significativa foi escamoteada.

Cada um de nós, agora, tire as conclusões que se impõem.

Na foz de um partido

A que horas começou e a que horas devia ter começado; quem estava e quem não estava; os que pareciam e os que não pareciam; quem dizia o quê e quem não dizia o quê; quem apoiaria quem; no tempo em que havia Sá Carneiro; no tempo em que havia Balsemão; no tempo em que havia Mota Pinto; Cavaco escavaca, Salgueiro salga de silêncios a sua presença; os que intervêm e os que não; as sensibilidades no computador; quem quer o PS até ao lucro máximo; quem opta pela ruptura imediata; quem ache caminho com o Freitas do Amaral; os duelos entre A e B, entre C e D, entre E e F e assim sucessivamente até ao fim do alfabeto...

Disto, à velocidade de vários noticiários por dia, tratou a RTP, com banca especial montada na Figueira da Foz.

A foz: ora aqui está um lugar simbólico para se reunir um parceiro de coligação.

Telejornal: o nojo continua

A vergonhosa sujeição do Telejornal aos interesses dos Estados Unidos é um dado permanente, diário, obsessivo.

Para o Telejornal não há qualquer ligação entre Reagan e Pinochet; entre Reagan e o *apartheid*; entre Reagan e os fascistas somozistas e os ultras das Honduras.

Quanto ao Salvador, os guerrilheiros patriotas são os maus da fita. Vejamos apenas um exemplo da posição adoptada na ou pela Televisão.

Diz-nos o Telejornal que os guerrilheiros raptaram 13 presidentes de municípios. E acrescenta: «Esta nova tática da guerrilha salvadorenha cria cada vez mais um sentimento de insegurança à população que assistiu já à morte de mais de 70 mil pessoas durante a guerra civil».

A gente ouve e não acredita. Primeiro, segundo o repugnante Telejornal, a insegurança do Salvador é da responsabilidade... do povo salvadorenho!!! Depois, dá a entender que igualmente os guerrilheiros são responsáveis por aquilo que é já considerado um dos maiores massacres da História!!!

O documento da vergonha aqui fica registado. Para os devidos efeitos.

Um novo conceito de sociedade

Vimos pela Televisão uma reportagem de grande significado: Mikhail Gorbachev a passear nas ruas de Leninegrado, a conversar com as pessoas, a trocar impressões com elas sobre questões da actualidade política.

Não importa agora lembrar as palavras com que o Telejornal fez acompanhar, em off, a reportagem. Diz o nosso povo que «pilriteiro dá pilritos/porque não é coisa boa/Cada qual dá o que tem/conforme a sua pessoa...»

O que importa é o sentimento da fraternidade, da comunidade, o sentimento de segurança que transparecia da reportagem. É um novo conceito de vida, de sociedade.

Enfim, não é por nada, mas eu gostava, por exemplo, de ver o Reagan a andar despreocupado, a conversar com as pessoas, em Chicago...

■ **Ulisses**

Síntese semanal da IMPRENSA

A semana dos falsos napoleões

O Congresso do PPD/PSD na Figueira da Foz deu pano para mangas. A escassa vitória interna do ex-ministro da Fazenda de Sá Carneiro, Cavaco Silva, que o seu principal opositor João Salgueiro classificaria de «falso Napoleão», é na generalidade classificada de passo à direita pela imprensa. Mas o que distingue a «social-democracia embora mitigada» dos derrotados do «liberalismo centro-direita» dos vencedores poderá ser apenas o facto de estes terem um chefe em vista: Freitas do Amaral.

O PSD/PPD é um hospício?

«Ao anunciar a intenção de se candidatar à liderança do PSD, João Salgueiro condenou a «estratégia de renúncia» proposta por Cavaco Silva, na sua intervenção no Congresso da Figueira da Foz, referindo, a propósito, que «de Napoleões falsos estão cheios muitos hospícios».

(«Diário de Notícias», 19 Maio)

Cavaco: Mon ami Freitas

«Este Congresso deverá decidir concretamente o seguinte: PSD negociará o seu apoio a um dos candidatos existentes, começando por Freitas do Amaral; se não chegar a acordo, apresentará, então, um candidato próprio — o seu líder», propôs Cavaco Silva ao conclave reunido na Figueira da Foz.

Em seu entender, apenas duas alternativas se põem neste momento ao PSD: «Ou escolher um candidato próprio, seu militante, ou negociar o apoio a uma candi-

datura exterior ao partido — e sem mais demoras, sem mais hesitações.»

Privilegiou a segunda alternativa. Porque, disse «um candidato próprio não conduzirá a um resultado bom, tão-pouco satisfatório, podendo, inclusivamente, revelar-se catastrófico».

Disse mesmo que tal seria um «suicídio». E adiantando que existem, de momento, três candidatos fortes (Lurdes Pintasilgo, Mário Soares e Freitas do Amaral) e um fraco (general Altino de Magalhães). Optaria, abertamente, pelo antigo líder do CDS, sublinhando que o PSD não deverá rejeitar, «limitadamente», negociações nesse sentido.

Mas negociar o quê com Freitas do Amaral? Explicou: «O compromisso de que seguirá, na Presidência da República, a política que Sá Carneiro tentou implantar em Portugal em 1980, nomeará primeiro-ministro o líder do PSD e não apoiará tentativas visando a formação de um novo partido adversário do PSD.»

Segundo Cavaco Silva, a rejeição de Freitas do Amaral «não impedirá que larga faixa social-de-

mocrata lhe venha a dar o seu voto — dez por cento será, praticamente, uma certeza.»

(«Diário de Notícias», 19 Maio)

Da social-democracia mitigada ao liberalismo

«Salgueiro surge, assim, neste despique, como o portador da ideia inicial — a da Social-Democracia, embora mitigada nos seus fundamentos filosóficos: Cavaco Silva é, sem prejuízo da frontalidade e coragem que evidenciou, o porta-bandeira de conceitos certamente diferenciados daqueles que levaram à constituição do PSD, há 11 anos.

Depois de Cavaco Silva ter colocado, objectivamente, o problema, não restam mais espaços para hibridismos: ou o partido consagra a filosofia política que lhe deu origem e está subjacente à sua própria sigla ou a inflecte em sentido oposto, situando-se nos quadrantes do centro-direita e, mais exactamente, nas áreas do liberalismo.»

(E.V., «Diário de Notícias», 19 Maio)

A moção que não existia

«O décimo segundo congresso do PSD, reunido desde sexta-feira no casino da Figueira da Foz, elegeu ontem Cavaco Silva como líder do partido.

Cavaco Silva, que não subscrevia qualquer moção ao congresso, viu-se na necessidade de recorrer a moções já apresentadas, para numa fusão consagrar os principais objectivos estratégicos que defendeu no congresso.

Sobre a questão do candidato presidencial, a moção aprovada no congresso defende que «a CPN eleita ficará mandatada para negociar o apoio do PSD a um candidato independente com candidatura já formalizada ou não, que protagonize o projecto de mudança do PSD.

Coloca ainda três condições para essa negociação, nomeada-

mente o candidato a apoiar pelo PSD «não promover, directa ou indirectamente, o aumento dos poderes presidenciais».

Defende ainda, como condição, que o candidato «não promova a formação de qualquer nova formação política ou contribua para o engrandecimento de alguma já existente».

Sublinha o documento que esse candidato deve «opor-se frontalmente ao conservadorismo socialista e ao projecto terceiro-mundista».

Sobre o Governo, a moção defende apenas que «a CPN fará a análise aprofundada do acordo de coligação e da sua situação, e tomará as decisões adequadas em consonância com os superiores interesses nacionais.»

(«Correio da Manhã», 20 Maio)

PSD: a direcção de Maio 85

«Por uma margem de 57 votos, a lista «A» defendida por Cavaco Silva obteve a vitória nas eleições para a Comissão Política Nacional angariando 422 votos.

A segunda-proposta que conquistou mais apoiantes foi a lista apresentada por João Salgueiro, com 365 votos.

A lista vencedora integra, como vice-presidentes, Amândio de Azevedo (ministro do Trabalho), Eurico de Melo (industrial), Correia Afonso (dirigente distrital de Lisboa) e Fernando Nogueira (secretário de Estado do Desenvolvimento Regional).

O novo secretário-geral é Dias Loureiro, enquanto para vogais foram eleitos Eduardo Gomes, Mendes Bota, Leonor Beleza, Gilcínio Moreira da Silva, Luís Capelas, Luís Marques Mendes, Rui Almeida Mendes e José Oliveira e Costa.

Para o Conselho Nacional dos sociais-democratas, e embora a lista subscrita por Cavaco Silva tenha obtido 414 votos, mais 42 que a lista de João Salgueiro, aquele órgão partidário terá uma maioria afecta a este último dirigente, tendo em conta os elementos, que por inerência, ganham assento no Conselho Nacional.»

(«Correio da Manhã», 20 Maio)

Um acontecimento editorial

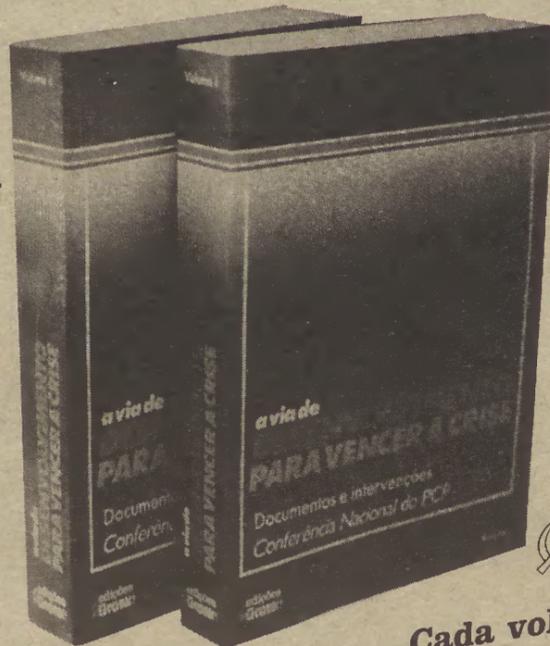
45 dias após a realização da Conferência Nacional do PCP sobre «A Via de Desenvolvimento para Vencer a Crise» (realizada em 30 e 31 de Março de 1985) a Editorial «Avante!» publica 2 volumes com 1628 págs.

* Intervenção de abertura (Carlos Costa) e Intervenção de encerramento (Álvaro Cunhal)

* 360 intervenções sectoriais produzidas em Plenário e nas Secções que abrangeram as grandes questões da economia nacional

* Documento-Base da Conferência

* Proclamação aprovada na Conferência



edições **Avante!**

Cada volume 500\$00

Publicação dos textos da Conferência: a continuação do debate sobre outra forma!

Agora é que vão ser elas

O PSD vai mudar. Acabaram-se os regabofes das tendências, os dirigentes vão deixar de se insultar pelo menos em público (e já agora de fazer queixinhas dos privados insultos), as bases vão finalmente ser ouvidas, alô bases aqui está o diálogo, a presença na coligação vai ser profunda e ponderadamente analisada, a estratégia face às presidenciais vai finalmente ser estabelecida.

Uf! Até que enfim! A família social-democrata encontrou um líder, um basista segundo certa imprensa, que chegou à chefia por exclusivo mérito próprio, que é como quem diz audácia, personalidade magnética, clareza de princípios, que mal se contaram os votos fez voz grossa e prometeu que agora tudo vai mudar. Sim, que Cavaco e Silva não é de brincadeiras, o que promete faz e o que faz promete.

Em primeiro lugar disciplina, em seguida coerência. Agora é que vão ser elas! É claro que tudo isto foi repetido nos 12 congressos que o PSD realizou, pelos sete líderes eleitos com mais ou menos votos. Mas uma pessoa tem de acreditar em qualquer coisa, não é verdade?

Pontos Cardeais

O clarão

Antes de se apagar de vez, Rui Machete teve um derradeiro e brilhante clarão no conclave da Figueira. Imaginem que afirmou no meio do discurso as preclaras palavras: ou o PSD é capaz de mudar de hábitos e refrear as suas ambições para altura oportuna, ou continuando a dar o triste espectáculo público de divisões e luta interna corre o risco de se aniquilar. Um desabafo, é claro, antes do regresso aos bastidores.

Ideias, precisam-se

O ex-líder não esteve sozinho nos desabafos. Enquanto se cozinhavam apoios, ora toma lá a comissão política ora dá cá o conselho nacional, os que ficavam de fora suspirando pelos cantos e a acreditar que até ao contar dos votos é Congresso,

iam desopilando o fígado. Como o Miguel Veiga que, muito crítico, confessou: estamos no fim das utopias, mas não das ideologias. Precisamos de ideias para tratar com o real, para o percorrer, o medir, nos referenciarmos.

A gente a pensar que eles precisavam de tachos e afinal o que lhes falta são ideias... E esta?

As velhas receitas

Não é de espantar, mas nunca deixa de ser impressionante: velhos personagens, que nunca deixaram de colocar-se, de há muitos anos a esta parte, em lugares de onde podem puxar os cordelinhos dos seus interesses para contrariar os interesses da maioria dos portugueses, fazem de vez em quando uma «cura» de sombra. E voltam como se, atravessado o «deserto»,

chegassem limpos e novos de culpas. Assim tem sido com muita gente. Soares, depois de ter feito figura de oposição — bastante mal feita, de resto, com o seu interlúdio de apoio «discreto» a Soares Carneiro, voltou para dirigir a política de direita. Cavaco Silva, ministro das Finanças de Sá Carneiro, volta agora à ribalta e declara que vai trabalhar para melhorar as condições de vida dos portugueses mais desfavorecidos. Freitas, o segundo no Governo "AD", manifesta-se, propondo «medidas urgentes». As suas receitas, porém, são tão velhas como o foram quando passou por S. Bento anunciando a «mudança».

No fim de contas todos eles se entendem. E quem vai pagando as contas é o eleitor... mais desfavorecido.

Vereações à venda?

E parece que a organização das listas PS para a Câmara de Lisboa já não tem nada a ver com a FAUL. Segundo notícia publicada no «Semanário», agora é assim: arranja-se um jantar com Mário Soares e ele garante um lugar na vereação. Eduardo Pereira teria sugerido à Direcção da União dos Grémios Logistas de Lisboa que os logistas arrandassem uma jantada com pelo menos 200 comerciantes e Mário Soares. Este garantiria então um lugar nas listas do PS para a CML... Com tanto almoço e tanto jantar por esse país fora — empresários, banqueiros, comerciantes, etc., será que Mário Soares se prepara para vender também lugares de deputados? Ou será que, pelo contrário, alguns já estarão mesmo «reservados»?

Recuperação...

Dizia a "AD" que ia ser «mudança». Viu-se. Entretanto, no Congresso do PSD, segundo alguns jornais, ganhou o projecto de recuperação da "AD". Porém, o CDS, o outro partido «interessado», amua e não quer. O porta-voz dos «centristas», aliás «democratas-cristãos», aliás «liberais», afirmou que «o CDS bate-se por um projecto democrata-cristão que constitua uma mudança e não uma recuperação do sistema, como tentou ser a AD». E vá de chamar ao PSD dos «sociais-democratas», aliás «populares-democratas», um «partido da área socialista».

Vá lá a gente entender-se.

Um conceito de informação

Na passada sexta-feira realizou-se no Forum Picoas o espectáculo «percussões de Estrasburgo», a que esteve presente o ministro da Cultura. Um pouco antes do espectáculo começar, houve um espectador atento (e bisbilhoteiro) que ouviu Coimbra Martins, sorrateiro, ter a seguinte fala para o cameraman da RTP: «Este é o melhor grupo de percussionistas do mundo... Somos nós que o trazemos cá... E está pouca gente... Sim, está... Se vocês forem habilidosos mostram uma sala bonita...» Um certo conceito de informação.

Gazetilha

por Ignotus Sum

I

Esta coligação é um fantasma em riste porque, sem alma, só por fora existe...

Ela não quer nem pode governar: quer só um tempo mais, uns tempos mais ganhar...

PSD, PS agredidos e zangados já não são mais que dois cadáveres abraçados...

Concretizam assim, lá no governo raso, a morte do poder com um contrato a prazo...

II

Foi um congresso danado tão falado, badalado, bem comido, bem regado (veneno e arame farpado...) Karaté bem aplicado cada qual pontapeado pelo vizinho do lado cada qual mais insultado ninguém terá escapado às agruras do seu fado

e por fim o resultado: ficou tudo escavacado...

III

Pomba branca, pomba branca, pomba branca na bancada pomba branca, pomba ativa, pomba branca engaiolada. O Reagan não gostou nada desta forte acusação aquela pomba fechada, a pomba contra o falcão falava do desacato do Pentágono, da NATO, e doutros tais de tal tal sorte concessionários da morte, falava do Vietnam, do Líbano, da Nicarágua dos mísseis postos na Europa e do crime sem nome crime que foi em Granada, eis muito do que dizia pomba branca na bancada pomba que será desperta pomba que será liberta protegida, defendida, pomba branca, pomba branca, pomba da paz e da vida e da esperança sagrada

e nunca mais perseguida nunca mais engaiolada!

IV

Do Alentejo vieram vieram da terra do pão e quanta fome tiveram no celeiro da Nação, vinham mulheres somente fortes da sua verdade a mostrar a toda a gente como inquebrantavelmente se defende a liberdade. O Soares, cara fechada, não as recebeu. Porquê? Pela falta, já se vê, de uma audiência marcada...

Soares que se vá ninguém chora a sua ausência porque a História, essa, já já lhe negou audiência...

NESTE MOMENTO ESTÃO A PROPOR UM REFERENDO PARA SABER SE SE PODE DESREFERENDAR!



Palau

Agenda

Avante!

Ano 53 - Série VII
N.º 595

23 de Maio de 1985

4.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

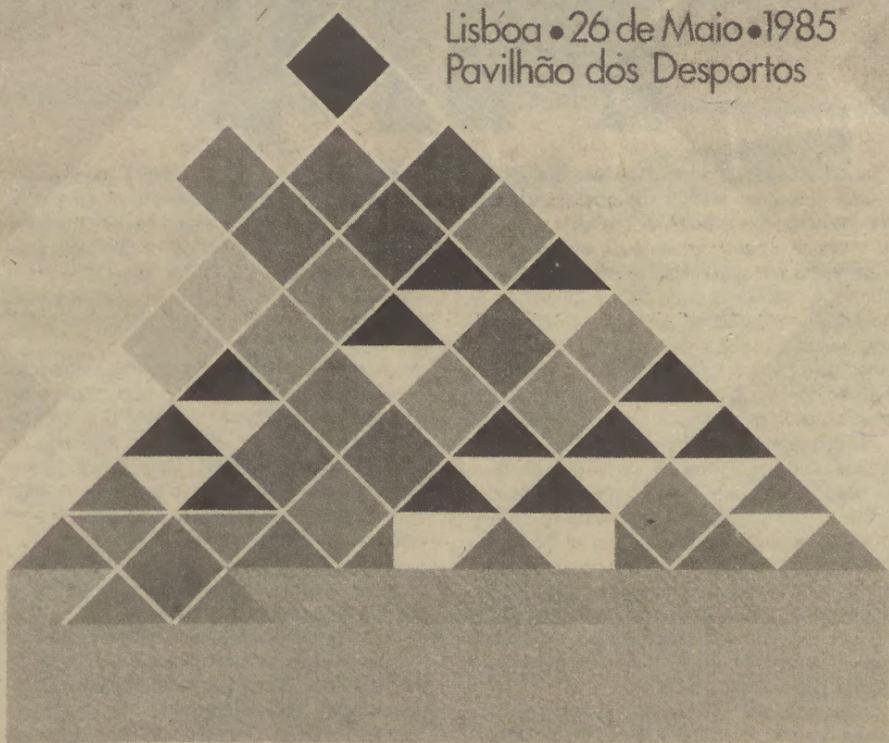


Conferência
Nacional do PCP



reforçar
o Poder Local
democrático
melhorar a vida
das populações

Lisboa • 26 de Maio • 1985
Pavilhão dos Desportos



HORÁRIO DAS SESSÕES

- 1.ª sessão - 9.30 às 11 horas;
- 2.ª sessão - 11.30 às 13 horas;
- 3.ª sessão - 15.00 às 17.30 horas;
- 4.ª sessão - 18.00 às 20.00 horas

Sexta

• AMADORA

Plenário de militantes das empresas de todo o concelho. Com a participação do camarada Domingos Abrantes, da Comissão Política e Secretariado do CC. A partir das 18 h, na Sociedade Filarmónica da Amadora (Venda Nova).

• LISBOA

Plenário de militantes da Freguesia da Charneca. Sobre a situação política e as próximas eleições autárquicas, e para eleição de delegados à Conferência Nacional do PCP que se realiza no domingo. Promovido pela Comissão de Freguesia da Charneca, a partir das 21 h, no CT das Galinheiras.

Greva Nacional dos Professores de todos os graus de Ensino. Segundo o pré-aviso do Secretariado Nacional da FENPROF, que a convoca, efectivar-se-á das 00.00 às 24.00 h.

• MARINHA GRANDE

Debate sobre as implicações da adesão de Portugal à CEE, orientado por Octávio Teixeira, economista e deputado do PCP. Uma iniciativa da Comissão de Dinamização Cultural da C. Conc. da Marinha Grande. A partir das 21.30, no Sport Operário Marinhense.

• PÓVOA DE VARZIM

Sessão de esclarecimento sobre a Via de Desenvolvimento para Vencer a Crise. Com a participação de Ilda Figueiredo, deputada do PCP. Às 21.30, na Associação Comercial de Póvoa de Varzim.

Sábado

• LISBOA

Desfile da Juventude - Agir para Mudar. Reclamando «Paz, participação, desenvolvimento», cerca de duas centenas de estruturas e organizações sindicais, associativas, recreativas, desportivas, paroquiais, representando milhares de jovens, constituiram-se em comissão coordenadora do desfile, que descerá, às 14.30, das Picoas para o Rossio.

II Assembleia da Organização de Alcântara da 2.ª Zona da Organização Local de Lisboa. Objectivos centrais: reforçar o Partido, preparar a Organização para as próximas batalhas eleitorais, eleger a Comissão de Freguesia.

Às 14.30, no CT de Alcântara.

Reunião de naturais de Trás-os-Montes residentes na região de Lisboa. Participação do camarada Agostinho Lopes, do CC e da DORT. Às 10 h, no CT Vitória.

• ALMADA

I Encontro de Gerações de Almada - à tarde, encerramento com uma sessão de música e teatro. Participação do grupo coral da URPICA, dos Idosos e Crianças da Misericórdia de Almada e do Grupo Amador de Teatro da Academia Almadense.

• OLHÃO

Reunião de quadros do PCP sobre trabalho e funcionamento das células

de empresa. A partir das 15 h, no CT.

• VENDAS NOVAS

Plenário-debate sobre a grave situação social e económica no concelho. Promovido pela Assembleia Municipal, que apela à participação da população. Com início às 16 h, na Casa do Povo de Vendas Novas.

Domingo

• LISBOA

Conferência Nacional do PCP sobre o Poder Local e as Eleições Autárquicas. No Pavilhão dos Desportos.

Plenário nacional de estruturas de trabalhadores-estudantes. A partir das 10 h, na Escola Secundária Camões, Pç. José Fontana.

• SOUTOSA

Jornada de Luta dos Baldios, que inclui uma homenagem a Aquilino Ribeiro, promovida nesta localidade do concelho de Moimenta da Beira pelo Secretariado dos Baldios de Viseu.

Segunda

• LISBOA

Eleições para os corpos gerentes do STADE - Sindicato dos Trabalhadores

Aduaneiros em Despachantes e Empresas.

Quinta

• LISBOA

Plenário dos militantes comunistas da Freguesia de Benfca, para análise da situação política, discussão das conclusões da Conferência Económica e desenvolvimento da luta de massas. Participa o camarada Francisco Lopes, do CC e da DORT. Às 21.30, no CT de Benfca.



TV O Programa

Quinta 23

RTP1

- 12.00 — 12/13
- 13.00 — Telenovela — «Vila Faia», 13.º Ep.
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos — Aventuras de Marco Polo
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Desporto
- 19.15 — Gente Singular — 12.º Ep. — «Piloto de Longo Curso». Real. Alfredo Tropa
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.30 — Telenovela — «A Sucessora», 98.º Ep.
- 22.15 — Série — «Sede de Vingança», 2.º Ep.
- 23.15 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados — Superman



- 20.00 — Conheça Melhor — A Cidade do México
- 20.30 — Série — «História de Amor e Amizade», 3.º Ep.
- 21.30 — Da Música
- 22.30 — Jornal da Noite

Sexta 24

RTP1

- 12.00 — 12/13
- 13.00 — Telenovela — «Vila Faia»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos — Animação: «A Ilha das Crianças»
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Magazine Cultural
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.30 — Telenovela — «A Sucessora»
- 21.15 — Série — «Columbo», com Peter Falk
- 22.00 — Gala «Nova Gente»
- 23.00 — Último Jornal

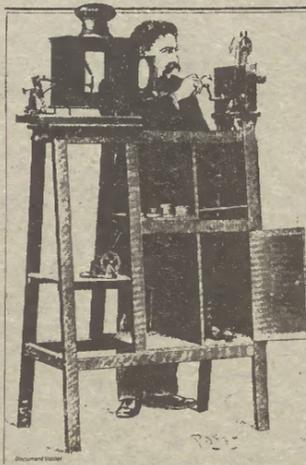
RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados — Os Filhos da Pantera Cor-de-Rosa
- 20.00 — Série — «A Minha Vida em Klondike», 1.º Ep.
- 21.00 — Directo/2
- 22.30 — Jornal da Noite

Sábado 25

RTP1

- 11.00 — Tempo dos Mais Novos
- 13.00 — Notícias
- 13.05 — Tempo dos Mais Novos — «Jornalinho»
- 14.00 — Série — «O Pai Murphy»
- 15.00 — Revista de Touros
- 15.30 — Série — «O Homem e a Terra», 7.º Ep.
- 15.55 — Notícias
- 16.00 — Rock — «Tommy's Pop Show Extra»
- 16.55 — Série — «História das Invenções», 3.º Ep. — Os meios de comunicação. Da invenção do papel à impressão, do telegrafo ao telefone, da fotografia à câmara de filmar e ao vídeo... Real. Daniel Costelle
- 18.00 — Notícias
- 18.05 — A Semana que Vem — Programa de Mário Zambujal
- 19.00 — Série — «Cheers», 3.º Ep.
- 19.40 — Totoloto
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico



- 20.30 — Concurso «1, 2, 3» — Programa de Carlos Cruz
- 23.00 — Último Jornal
- 23.10 — Última Sessão — «O Cowboy da Meia-Noite», com Dustin Hoffman. Real. John Schlesinger (EUA/1969)

RTP2

- 18.00 — Troféu
- 20.00 — RTP Brasil
- 20.30 — Série — «D. Quixote», 2.º Ep. Real. Maurizio Scaparro
- 21.30 — Série — «O Renascimento», 3.º Ep. Real. Gérard Patris

Domingo 26

RTP1

- 10.30 — 70 Vezes 7
- 11.00 — Missa
- 12.00 — Tempo dos Mais Novos
- 13.00 — Notícias
- 13.05 — TV Rural
- 13.35 — Tempo dos mais Novos
- 15.00 — Sessão da Tarde — «Rhapsody in Blue», baseado na biografia de George Gershwin. Real. Irving Rapper (EUA/1945)
- 17.15 — Fórmula J
- 18.10 — Notícias
- 18.15 — No Mundo dos Fraggles
- 18.50 — Top Disco
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.30 — Música — «Falando de Schubert», 3.º Ep. Programa de José Atalaya
- 21.00 — Série — «Ventos de Guerra», 7.º Ep.
- 22.00 — Domingo Desportivo
- 23.00 — Último Jornal

RTP2

- 18.30 — Novos Horizontes
- 19.00 — Nós... Por Cá



- 21.00 — Adágio — Recital de piano por Jean-Louis Hauguenaer: a Sinfonia em dó maior Opus 21 de Beethoven na transcrição de Liszt
- 21.30 — Cineclube — «Sorrisos de uma Noite de Verão», real. Ingmar Bergman (Suécia/1955).

Segunda 27

RTP1

- 12.00 — 12/13
- 12.55 — Telenovela «Vila Faia»

- 18.00 — Tempo dos Mais Novos
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Desportivamente



- 19.20 — Portugal, Passado e Presente: IV — «De Alte a Algoz Não Esquecendo Loulé», programa de Lagoa Henriques
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Telenovela «A Sucessora»
- 21.15 — Arroz Doce, programa de Júlio Isidro. Real. L. Filipe Costa
- 23.15 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
- 19.50 — Feiras de Portugal «Feira do Fundão»
- 20.20 — RTP Madeira
- 21.00 — Noite de Teatro «Inimigo de Classe», de Nigel Williams, pela Comp. Shcaubühne de Berlim-Oeste. Real. Peter Stein
- 23.00 — Jornal da Noite

Terça 28

RTP1

- 12.00 — 12/13
- 12.55 — Telenovela «Vila Faia»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Século XX «O Mundo em Guerra», 4.º ep. Real. David Elstein
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.30 — Direito de Antena
- 20.35 — Telenovela «A Sucessora»
- 21.15 — Série «O Corpo Humano», 4.º Ep.
- 21.45 — Actual Programa da Direcção de Informação
- 22.40 — Série «Tudo em Família»
- 23.10 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
- 20.00 — Música da América
- 20.30 — Século XX Informação
- 21.00 — Sessão das Nove «Quando o Amor Acaba», real. Maurice Pialat (França/1971)
- 22.45 — Jornal da Noite

Quarta 29

RTP1

- 12.00 — 12/13
- 12.55 — Telenovela «Vila Faia»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos
- 18.35 — Notícias



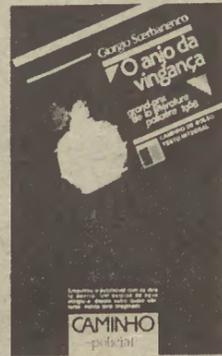
- 19.10 — Futebol Transmissão directa de Bruxelas do jogo Liverpool-Juventus, final da Taça dos Clubes Campeões Europeus
- 21.05 — Telejornal
- 21.30 — Bol. Meteorológico
- 21.40 — Telenovela «A Sucessora»
- 22.25 — Noite de Cinema «O Último Degrau», real. Robert Mulligan (EUA/1967)
- 00.45 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
- 19.50 — Memória de um Povo 2.º ep. «Ema e as Mãos»
- 20.15 — Fusão Celular Experiências e descobertas no campo da genética nuclear
- 21.30 — Filmotheca TV
- 22.30 — Jornal da Noite

Livros

«Morte de Um Inglês», de Magdalen Nabb, «A Bela Adormecida», de Ross Macdonald, «O Anjo da Vingança», de Giorgio Scerbanenco, «Esqueletos», de Glendon Swarthout. Colecção «Caminho - Policial» - Editorial Caminho, Lisboa. Preço 200\$00.



Trata-se hoje não apenas de um livro mas de uma colecção. Melhor dito, de parte de uma colecção que a Editorial Caminho começou a lançar a partir de finais de 1984 e que vai de vento em popa. Nesta colecção, alternadamente, são publicados títulos de romances policiais e de ficção científica. Tanto uns como outros, ao que sabemos, têm sido bem aceites pelo público, o que não admira, pois a colecção tem-se esmerado na escolha das obras, exigindo qualidade.

Ao contrário de algumas colecções por aí à venda, onde os títulos de obras que deixaram rasto e fama aparecem no meio de ficção medíocre, esta colecção vem a impor-se, justamente pela qualidade média do que até agora tem sido publicado. Um dos livros surge mesmo com uma boa recomendação - nada menos que o grande prémio de literatura policial - «Grand-Prix de la Littérature Policière 1968». Trata-se de «O Anjo da Vingança», do italiano Giorgio Scerbanenco.

Nada pior, com efeito, que a gente habituar-se a uma colecção e ela pregar-nos a partida, ao virarmos, no remanso das férias ou do descanso semanal, a página para descobrirmos o romance mal construído, a história mal amanhada, a tradução a tropeçar nas palavras.

E, se falamos nas férias a propósito de literatura policial, é porque a consideramos, com a devida vénia e as respectivas desculpas a quem nos contradiga, um divertimento inteligente e não supra-sumo cultural. Embora surja - e não poucas vezes, felizmente - da ganga de uma produção quase industrializada de «policiais», verdadeiros romances, autênticas obras-primas, autores que ficaram ou vão ficar na galeria dos retratos nobres e prescindem mesmo da classificação de «policiais» para sobreviverem na literatura.

Mas deixemo-nos de apertes e vamos à nossa colecção, que desde já aconselhamos a enfiar na mala das férias ou a ler já no próximo fim-de-semana, se é que ao leitor resta algum tempo na roda viva das tarefas desta Primavera morna no ar e bem quente na vida política e social...

O primeiro livro, «Morte de um Inglês», da escritora Magdalen Nabb, passa-se em Florença. Uma Florença verdadeira que reconhecemos se a conhecermos (a propósito não deixaremos de lembrar que esta colecção surge com um sorteio que habilita a uma via-

gem... ao cenário deste primeiro romance...), Um sargento e um carabineiro investigam a morte de um inglês e vêem-se embrulhados em trabalhos. Mas descansem que não desvendaremos nada da intriga sem a qual um «policia» não vive. A tradução vem assinada por Daniel Gonçalves o que, só por si, é garantia de qualidade.

O segundo livro a aparecer nesta colecção - «A Bela Adormecida» - é traduzido do inglês por Mariana Pardal Monteiro. E já aqui se confirma a aposta da «Caminho», feita logo no primeiro volume editado. Mantém os 13 mil exemplares de tiragem, o que revela a larga difusão destas edições e, portanto, o bom acolhimento do público.

Este romance, assinado por Ross Macdonald, desenrola-se na paisagem «chandleriana» da costa oeste dos Estados Unidos. Mas estão longe os tempos de Chandler e o nevoeiro de que ele se queixava quando falava de Los Angeles é agora substituído pela maré negra causada pelo rebenfamento de uma plataforma petrolífera. O nosso detective, Lew Archer de seu nome, anda às voltas com o problema de uma mulher que desapareceu. E todos os caminhos parecem ir dar à larga mancha negra de petróleo...

«O Anjo da Vingança», de Giorgio Scerbanenco, por seu lado, passa-se também em Itália. Em Milão. É uma história em labirinto, cujos fios se puxam até aos já longínquos tempos da Segunda Guerra Mundial e se esticam até aos anos sessenta. Crime, pois claro, e tráficos vários, entre os quais o de armamento. Uma boa tradução do italiano, por Armandina Puga.

E agora o último (outros se seguirão): Um título sugestivo - «Esqueletos», de Glendon Swarthout. Na boa tradução de Fernanda Pinto Rodrigues. Uma história curiosamente construída, com um escritor-narrador investigando uma não menos misteriosa intriga.

Aqui o cenário é a árida terra da fronteira entre os Estados Unidos e o México. «Los Esqueletos», nome da terra gravado num velho letreiro? Velhos ossos desenterrados quando se procura a verdade?

Em suma, uma colecção policial apenas começada e já com prestígio e êxito. Para a qual tem contribuído seguramente a apresentação destes livros, capas sobriamente arquitectadas por Henrique Cayatte.

Cinema A selecção

Exposições

	António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A Amadeus	★★★★	★★★★	★★★	★★★★	★★★★
B Os Amantes de Maria	—	★★★★	★★★	★★★★	★★★
C Amor Eterno	★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★
D Ana	★★	★★	★	—	★★
E Assim Nasce uma Estrela	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★
F O Baile	★★★★	★★★	★★★★	★★★	★★★
G 2010 - O Ano do Contacto	★★	—	★★	—	★★
H Um Lugar no Coração	★★★	★★★	★★★	★★	★★
I Passagem para a Índia	★★★★	★★★	★★	★★★	★★
J Terra Sangrenta	★★	★★★	★★	★★★	★★

A — Real. Milos Forman — Londres (15, 18.15, 21.30), Las Vegas/2 (15.15, 18.30, 21.30) — Lisboa; Sala Bébé (14.15, 16.20, 18.30, 21.30) — Porto.
B — Real. Andrei Konchalovsky — Alfa/1 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15), Berna (14, 16.30, 19, 21.30), Tivoli (14, 16.30, 19, 21.30) — Lisboa; Coliseu (16.30, 18, 21.30), Foco (14, 16.30, 21.45) — Porto.
C — Real. Alain Resnais — Star (15, 18.15, 21.30) — Lisboa.
D — Real. António Reis e Margarida Cordeiro — Forum Picoas/1 (de 2.ª a 6.ª/19.30; sáb. e dom./14.30, 18) — Lisboa.
E — Real. George Cukor — S. Jorge/3 (14, 17.30, 21.30) — Lisboa.
F — Real. Ettore Scola — Quarteto/1 (14.30, 16.45, 19, 21.15) — Lisboa.
G — Real. Peter Hyams — Alfa/Clube (13.45, 16.15, 18.45, 21.15, 23.45); Quinteto (14.30, 16.45, 19, 21.30) — Lisboa; Stop/1 (18.45, 21.30) — Porto.
H — Real. Robert Benton — Nimas (14, 16.30, 19, 21.30) — Lisboa; Trindade (15.30, 18, 21.45) — Porto.
I — Real. David Lean — S. Jorge/2 (14.15, 17.45, 21) — Lisboa.
J — Real. Roland Joffé — Alfa/2 (14, 16.30, 19, 21.30, 24) — Lisboa; Passos Manuel — (18.45, 21.45) — Porto.

Classificação de ★ a ★★★★★

Exposição-Diálogo sobre Arte Contemporânea. Das 10 às 17, encerra à Seg. Gratuito ao Dom. Fundação Gulbenkian, Sede e CAM.

Expo/A.I.C.A.85, organizada pela Secção Port. da Ass. Inter. dos Críticos de Arte. SNBA — das 14 às 20 horas.

I Colectiva de Obra Gravada. Trabalhos de Artur Rosa, Bartolomeu Cid, Cargaleiro, Cipriano Dourado, Dacos, David de Almeida, Eduardo Nery, Faria, Gil Teixeira Lopes, Goew, Ilda Reis, Hogan, Jorge Barradas, José Guimarães, Júlio, Lourdes Leite, Matilde Marçal, Skapinakis, Raquel, Rogério Ribeiro e Thomaz de Melo. Galeria Fonte Nova. Até 28/5.

Sónia e Robert De-launay, pintura 2.ª a 6.ª/10 às 13.00 e 14 às 20.00. Alliance Française, R. Braancamp, 13, 1.ª. Até 31/1.

Isabel Laginhas, 2.ª a 6.ª/10 às 19.00; Sáb./10 às 13.00. Altamira. Até 15/6.

Jorge Colombo, desenhos. Gal. Novo Século, R. do Século, 23-A. Até 8/6.

Dominique Labaume, fotografias sobre Peniche. Institut Franco-Portugais. Até 30/5.

Aldir Mendes de Sousa, pintura: «Paisagens rurais brasileiras e metropolitanas». Das 14 às 20. SNBA. Até 31/5.

Catarina Baleiras-Fernanda Fragatelro, pintura e escultura. Sala de Exposições da Fac. Letras de Lisboa. Até 31/5.

Pedro Calapez, pintura. Galeria Diferença. Até 9/6.

Menez, pintura. Galeria 111, Campo Grande, 113-A. Até 24/5.

Bernard Faucon, fotografia. De 2.ª a Sáb./16 às 20. Galeria Módulo, Av. António Aug. Aguiar, 56, 5.ª. Até 8/6.

Aníbal Sequeira, fotografia. Grupo Cult. e Desp. dos Trabalhadores do BESCL. Até 2/6.

«Os Bichos», Centro Artístico Infantil da Gulbenkian. Sáb./10, 30 às 13 e 14.30 às 17.30; Dom./14.30 às 16.30. Horário especial para grupos de alunos. Até 16/6. Fund. Gulbenkian.

Nelson Cardoso, escultura. Centro Cultural S. Lourenço. ALMANSIL.

Gente do Palco, Museu do Teatro. De 3.ª a Dom., das 10 às 13 e das 14 e 30 às 17 horas.

«60 Anos de Rádio», tecnologias e história de 60 anos de emissões de rádio em Portugal. De 2.ª a 6.ª/8.30 e 23.00; Sáb. e Dom./11, às 23.00. Forum Picoas (Av. Fontes Pereira de Melo, 38-C. Até 6/6.

Contactos com a Natureza, colectiva de desenhos, aguarelas e óleos. Das 16 às 20, até 10/6. Galeria Antiqua/Sala B. PORTO.

Tapexaria Oriental, em lã e seda. Das 16 às 20, até 10/6. Galeria Antiqua/Sala B. PORTO.

Max Klingner, gravura. Das 9 às 23.30/2.ª a 6.ª; das 15 às 19 e 21.30 às 23.30/Sáb. e Dom. Cooperativa Árvore. PORTO.

David Hockney, fotografia. Das 10 às 13 e das 14 às 17/3.ª a Dom. Até 31/5. Museu Nac. Soares dos Reis. PORTO.

Vasco, serigrafias. Comp. de Teatro de Almada/Grupo de Campolide, R. Capitélio, Leitão. ALMADA.

Arquitectura e Escultura Góticas, até 3/11. Mosteiro de Sta. Maria da Vitória. BATALHA.

Instrumentos Musicais Populares Portugueses. Até 26/5. Edifício Chiado. COIMBRA.

Poemografias. Ana Hatherly, Alberto Pimenta, E.M. de Melo e Castro, Salette Tavares e outros. Até 26/5. Galeria Municipal. ÉVORA.

Il Festival de S. Lucas. Pintura, escultura, cerâmica de artistas naturais ou residentes no distrito de Évora. De 2/5 a 2/6, período em que funcionará também um «atelier» de pintura para as crianças das escolas. Museu Municipal. ÉVORA.

Azulejos nas Estações Ferroviárias Portuguesas. De 28/5 a 11/6. Posto de Turismo. FARO.

Carlos Calvet, pintura. Das 15 às 19/3.ª a Dom., até 7/6. Galeria Gilde, S. Torcato. GUIMARÃES.

Azulejaria da Nazaré e das Estações da Linha do Oeste. Museu Municipal, em colaboração com a CP. Até 30/6. NAZARÉ.

Arte Sacra (parlamentaria e ourivesaria) da região de Óbidos. Até meados de Junho. Solar da Pç. de Sta. Maria. ÓBIDOS.

Armas Antigas, integrada nas comemorações do VIII Centenário do Concelho de Palmela. No castelo. PALMELA.

Rogério Ribeiro e José Aurélio, desenhos e esculturas. De 2.ª a 6.ª/15.30 às 19 e 21 às 22; Dom./15.30 às 19. Até 10/6. R. Dr. Joaquim Luís Martins, 16. SANTARÉM.

H. Mourato, pintura. Até 22/6. Museu Municipal, SANTIAGO DO CACÉM.

Álvaro Perdigão, retrospectiva — 120 obras representativas de 50 anos de trabalho. Museu de Setúbal/Convento de Jesus. De 3.ª a Dom./9 às 12.00 e 14 às 17. Até 26/5. SETÚBAL.

Matos Cardoso, pintura e colagens. Galeria de Artes Visuais da Casa de Bogaça/Galeria Municipal, de 11/5 a 9/6. De 3.ª a 6.ª/9 às 12 e 14 às 17; Sáb. e Dom./15 às 19. SETÚBAL.

Colectiva. De 3.ª a Dom., até 30/5. Galeria Central. SETÚBAL.

Teatro O Cartaz

...e ainda Música, debates, etc.

LISBOA

ABC, Parque Mayer. As 21.45; Sáb e Dom também às 16.00. **Fininho nas Jeltosinho,** de J. Bettencourt, versão de César Oliveira e R. Soinado, enc. Carlos César.

Caixa Económica Operária, R. Voz do Operário, 64. 6.ª/15.30, 18.30, 21.30, 24; Sab/11, 15.30, 18.30, 21.30, 24; Dom/11.30, 15.30, 18.30, 21.30. **Ofício Número Barra 85,** colagem de textos de vários autores, enc. António Solmer — Grupo Contra-Regra.

Casa da Comédia, R. S. Francisco Borja, 24. 4.ª a Dom/21.30. **Eva Perón,** texto e enc. Filipe La Féria.

Comuna, Pr. de Espanha. De 5.ª a Sáb/21.15; Dom/17.00. **Quatro para Quatro** de Michel Cysarneau, enc. João Mota — **Café Teatro,** 6.ª/22.00; Sáb/23.30. **Pó de Palco,** textos e enc. colectivos.

Maria Matos, Av. Frei Miguel Contreiras, 52. De 4.ª a Sáb/21.45; Sáb e Dom/16.15. **Conferência de Alto Nível,** de R. D. Macdonald, enc. Hermínia Tojal e Sande Freire.

Maria Vitória, Parque Mayer. De 3.ª a Dom/20.30 e 22.45; Dom/16.00. **Não Batam Mais no Zezinho,** de H. Santana, F. Nicholson, M. Zambujal, enc. H. Santana.

Nac. D. Maria II, Rossio. De 2.ª a Sáb/21.30; Dom/16. **O Gebo e a Sombra,** de Raul Brandão, enc. Rogério Paulo.

PORTO

Cooperativa do Povo Portuense. 4.ª a Sáb/15.00. **O Fidalgo Aprendiz,** de D. Francisco Manuel de Melo, enc. Norberto Barroca — 5.ª a Sáb/22.00. **Mistério Cómico,** de Dario Fo, enc. J. Castrouvo.

Sala-Estúdio do TEP, R. do Pinheiro, 9. 3.ª a 4.ª/18.45; 5.ª e 6.ª/21.45; sáb/16.00 e 21.45; dom/16.00 e 18.00. **Amor de D. Perlimpin com Bellsa em seu Jardim,** de Fed. Garcia Lorca, enc. Roberto Merino.

Sala d'O Realejo, R. dos Mercadores, 136. 5.ª a Dom/21.30; Dom/17.30: **Com Papas e Bolos se Enganam os Tolos** enc. Vitor Valente. 3.ª/21.45; 6.ª e Sáb/24.00: **Chão de Estrelas.**

Teatro do Campo Alegre, R. do Campo Alegre. De 3.ª a dom/21.45; dom. e feriados/16.00. **Uma Família do Porto,** adapt. de «Uma Família Inglesa», de Júlio Dinis por Norberto Barroca, enc. Norb. Barroca — Seiva Trupe.

Teatro do Campo Alegre, R. do Campo Alegre. De 3.ª a dom/21.45; dom. e feriados/16.00. **Uma Família do Porto,** adapt. de «Uma Família Inglesa», de Júlio Dinis por Norberto Barroca, enc. Norb. Barroca — Seiva Trupe.

Teatro Universitário do Porto. 6.ª e Sáb. / 21.30; Dom./18.00. **Bodas de Ouro,** segundo textos de B. Brecht, etc., enc. José Caldas

Teatro do Século, R. do Século, 41. De 3.ª a Sáb. / 21.30; Dom/16.45. **Artimanhas de Scapin,** de Molière, enc. Rogério Carvalho.

Variedades, Parque Mayer. De 3.ª a Dom/21.45; Sáb, Dom e feriados/16.00. **Boeing, Boeing,** de Marc Camoletti, enc. M.ª Helena Matos e António Cabo.

Anjo, de Camilo Castelo Branco — Comp. Teatro de Almada/Grupo de Campolide.

BRAGANÇA

Estúdio António Pedro. Hoje, 11 h. **Auto da Índia e Outras Cousas,** de Gil Vicente, adapt. Leandro Vale, enc. Leandro Vale.

CASCAIS

Teatro Experimental de Cascais. 3.ª a Sáb/21.45; Dom/17.00 e 21.45. **Arraia-Miúda,** de Jaime Gralheiro, enc. Carlos Avilez.

COIMBRA

Teatro Gil Vicente, hoje, 5.ª/21.30. **O Espingarda,** compilação de textos, dramaturgia e enc. de Mário Viegas.

Para crianças

LISBOA

A Barraca, R. Alexandre Herculano, 70. Sáb e Dom/11.00, até 2/6. **O Caminho do Combolo** — Grupo Fio d'Água.

Comuna, Pç. de Espanha. Só Sáb e Dom/15 h. **Os Cágados,** segundo um conto de Almada Negreiros — Grupo O Bando

Salão das Furnas, R. Raul Carapinha. 3.ª, 5.ª, 6.ª/9.30, 11, 13.30 **Bola de Sabão,** enc. Mário Jorge — Grupo os Papa-Léguas.

Jardim da Estrela, Dom/16 h. **A Formiga e a Cigarra** — grupo A Lanterna Mágica.

GUARDA

Centro Cultural. Dom/16 e 21.30. **Antes de Começar,** de Almada Negreiros — Grupo Teatro Aquilo.

LEIRIA

Audifólio do TELA, de 3.ª a sáb./21.30. **Falar Verdade a Mentir,** de Almeida Garrett, enc. José Valente Lemos. Até 18 de Maio.

SANTARÉM

Casa da Cultura. Sab e Dom, espectáculos por seis diferentes grupos.

SETÚBAL

Teatro de Bolso. 6.ª e Sáb/21.30; Dom/16.00. **O Tio Simplicio,** de Almeida Garrett, enc. João Manuel.

Música

Amsterdam Baroque Orchestra, dir. Ton Koopman — Bach e Haendel interpretados segundo as partituras originais e com instrumentos da época. Concertos comemorativos do 20.º aniversário do programa radiofónico «Em Órbita». Na 5.ª, na 6.ª (este com a participação da soprano Montserrat Figueras, em duas cantatas de Bach) e Sáb., sempre às 21.30. Aula Magna, LISBOA.

Hindemith, Bettencourt da Câmara, Frederico de Freitas, etc. obras para flauta, oboé, clarinete, fagote, trompa. Concerto 6.ª/18.30. Instituto Alemão, LISBOA.

VIII Encontro de Coros Amadores da Área de Lisboa, até 2/6. Dom/15 h, concerto no Museu Nacional de Arte Antiga, LISBOA.

IX Fest. Intern. de Música do Algarve — Música de Câmara pelo Trio Di Fiesole: Hoje/21.30, Teatro Lethes, FARO; Conjunto Vocal «A Sel Vocel»: Sáb./21.30, igreja do Carmo, FARO; Dom./21.30, igreja de Sta. Maria, LAGOS; 2.ª/21.30, igreja Matriz, PORTIMÃO.

Trio Di Fiesole (Música de Câmara) — 2.ª/21.30, Teatro Gil Vicente, COIMBRA.

Isabel Delerue e Isabel Rocha (violoncelo e piano) — recital 2.ª/21.30, Auditório Carlos Alberto, PORTO.

Oficina Musical, dir. Álvaro Salazar.

Trío Di Fiesole (Música de Câmara) — 2.ª/21.30, Teatro Gil Vicente, COIMBRA.

ABC Cineclubes de Lisboa — «Vassa», de Gleb Panfilov (URSS/1982) — Estúdio 444, 6.ª/18.45, LISBOA.

Obras de Stravinsky, Lopes-Graça, Filipe Pires, Cândido Lima, Luc Ferrari.

Espectáculos de Nara Leão — 3.ª/23 h, Praça de Toiros, FIGUEIRA DA FOZ; Dia 30/22 h, Aula Magna, LISBOA; Dia 31/22 h, Teatro Rivoli, PORTO.

Grupos corais, instrumentais, folclóricos, de dança-jazz: 6.ª/14.30, tarde recreativa a encerrar a Semana de Geografia da Escola Secundária, AMORA.

Tarde Cultural, Sáb./14.30, integrada na Semana do Idoso. Grupos corais (e um filme de Chaplin). Galeria Municipal, AMADORA.

Jazz no Forum Picoas: **Shisteto,** 6.ª/22 h; **Quinteto Maria João,** 4.ª/22 h. **Hot Clube de Portugal:** Mário Delgado, Pedro Madaleno e David Gausden: 5.ª, 6.ª e Sáb./22.30 e 00.30.

Cinema

ABC Cineclubes de Lisboa — «Vassa», de Gleb Panfilov (URSS/1982) — Estúdio 444, 6.ª/18.45, LISBOA.

Cineclubes do Porto, 40.º Aniversário — ciclo «20 anos de Cinema Português». Auditório Carlos Alberto, até 26/5.

Bailado

Comp. de Dança de Lucinda Childs. Sáb. / 21.30; Dom/18.30; 2.ª/21.30; 3.ª/18.30 — Sempre no Grande Auditório Gulbenkian, LISBOA.

Ópera

Manon, de Massenet, dir. musical John Neschling, enc. Nico Castel. 6.ª/20 h; Dom/16 h; 3.ª/20 h — Teatro Nac. de S. Carlos, LISBOA.

Colóquios

A Origem do Universo, orientado por António Armando da Costa. Dinamização Cultural da SIP/DOLR, hoje/21 h, CT Vitória, LISBOA.

Gil Vicente — **Novas encenações,** com Carlos Porto. 2.ª/18.30, Sociedade de Língua Portuguesa, LISBOA.

O Tejo — colóquio: ecologia, história social e cultural, desporto, turismo. 6.ª/21 h,

na Torre de Belém, onde às 18 h se inaugura a exposição Tejo-85, — dois tempos de uma mais vasta iniciativa que congrega os Amigos do Tejo e os municípios ribeirinhos.

Dia da Criança

Xira Infantil — **Ateliers e oficinas** «a sério», teatro, outros espectáculos e actividades. Sob o lema «A Criança e a Vida», é uma iniciativa da CM, escolas primárias, Assoc. de Infância, Centro de Reabilitação de Crianças Inadaptadas do concelho. Para celebrar o 1 de Junho, Dia Mundial da Infância. De 28/5 a 2/6, no Pavilhão do Campo do Cevadeiro, VILA FRANCA DE XIRA.

Livros

Abertas esta semana e a prolongaremos até 10/6, as **Festas do Livro de Lisboa,** no sopé do Parque Eduardo VII, e do **Porto,** na Rotunda da Boavista.

Tempo Fim de Semana

Céu geralmente muito nublado no próximo sábado e domingo é a antevisão do Serviço Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Segundo a mesma antevisão o vento será fraco a moderado, de Sul, soprando por vezes forte no litoral Norte.

Possibilidade de períodos de chuva fraca nas regiões Norte e Centro.

Utilidades & variedades

Os negócios ecológicos

Smog, chuvas ácidas, marés negras, Seveso, agentes poluentes, Bopal. Uma meia dúzia de palavras e expressões que entraram no nosso vocabulário recentemente e que hoje são tão conhecidas e muito mais utilizadas do que zona verde, ar puro, equilíbrio ecológico.

Uma meia dúzia de palavras e expressões que dão conta da gravidade e da expansão de um dos maiores problemas com que se confronta a humanidade: a poluição.

Se em grandes países ainda é possível encontrar-se regiões «ecologicamente puras», nos países pequenos mas igualmente industrializados, isso é de todo em todo impossível.

Ao longo dos anos, o crescimento desenfreado das indústrias mais poluentes, como a metalurgia e a química, levou a que a situação ecológica do mundo se tenha transformado, há já mais de dez anos, num dos problemas mundiais mais prementes.

A esta situação juntaram-se certas teorias que mostraram, anos mais tarde, não ser correctas. Está neste caso a construção de chaminés muito altas. Com este processo, pretendeu-se que o ar ficasse menos poluído. No entanto, a experiência mostra que apenas funcionam como «canhões de longo alcance».

As «ecofirmas»

A situação de autêntica catástrofe ecológica em que numerosos locais foram declarados,

RFA com a «Hoechst» e a «Bayer» — que se fazem passar por lutadores intransigentes do meio-ambiente.

Um círculo vicioso

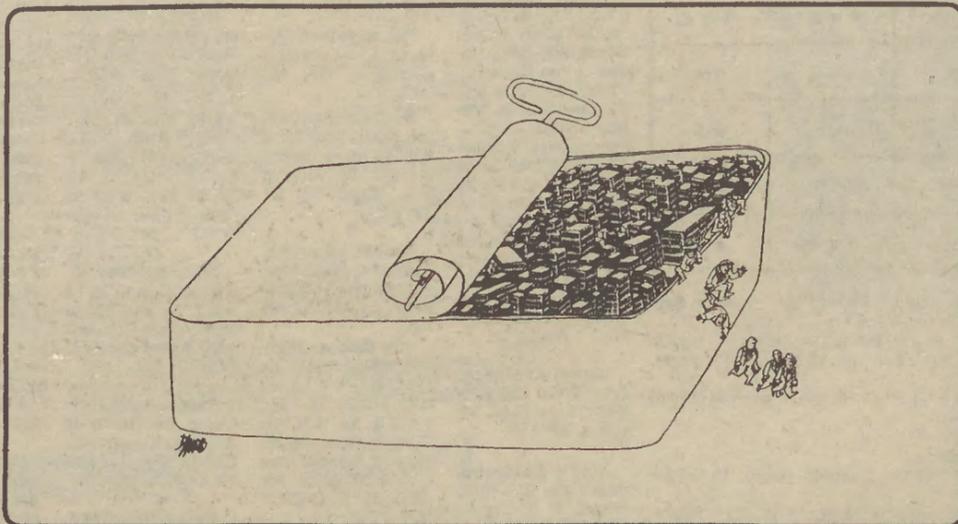
O trabalho desenvolvido pelas «ecofirmas» revelou-se, na

águas subterrâneas e das plantas.

Como se vê, a poluição nunca se mantém parada, vai-se apropriando de novos territórios uma vez que mesmo as mais pequenas doses de um elemento tóxico, multiplicadas pelo tempo,

rigo. Cada vez mais se houve falar de espécies em riscos de extinção. Zonas há em que as autoridades recomendam a quem sofra de doenças pulmonares para não sair à rua.

É pois necessário, não só travar o crescimento da poluição, mas, essencialmente, travar os agentes poluidores, seja procedendo a uma fiscalização minuciosa das condições da produção e dos seus perigos para o meio-ambiente, seja não permitindo que as empresas lancem aos rios detritos químicos que, mais tarde ou mais cedo, matem a sua fauna e flora.



motivou desde logo a cobiça dos grandes monopólios, que se puseram a construir «ecofirmas» que produzem material de depuração do meio-ambiente e que o vendem, na maior parte dos casos, por encomenda estatal. Paradoxalmente, ou talvez não, são os maiores poluidores do meio-ambiente — como acontece na

grande maioria dos casos, pouco eficaz, uma vez que a poluição é, por assim dizer, auto-suficiente.

O ar, a água, os adubos e as técnicas, todos deixam traços mortíferos no solo. Este, uma vez poluído, torna-se fonte de poluição da atmosfera, das

torna-se uma grave ameaça para a saúde humana.

Uma árdua luta

A luta para deter a poluição é, neste momento, uma das tarefas principais da humanidade. Todo o eco-sistema está em pe-

Espaços verdes

As câmaras APU, em Portugal claro está, dão-nos bons exemplos de como as populações se podem precaver contra a poluição.

Temos a construção e manutenção de inúmeras zonas onde o património histórico corre riscos de degradação acelerada e a interdição de implantação de grandes complexos industriais dentro de uma zona limite de segurança.

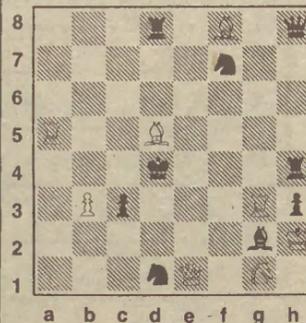
Há, pois, por parte destas autoridades, o cuidado de assegurar um futuro o mais limpo possível para as populações, planificando, assegurando que ao bem-estar não se sobreponha a sede do lucro imediato... para que todos possamos lucrar.

Xadrez

PROPOSIÇÃO N.º 1
Por LEV I. LOCHINSKY

8+9

1.º Prémio Concurso Memorial Tschigorine (1949/50)



Br. Pb3-Cg1-Bs. d5, f8-Ts. a5, g3-Del-Rh2 Pr. Ps. c3, h3-Bg2-Cs. d1, f7-Ts. d8, h4-Dh8-Rd

MATE EM 2 LANCES

Lev I. Lochinsky — Matemático soviético, nascido aos 17.1.1913. Árbitro Internacional, Mestre Internacional de composição, Mestre Emérito da URSS e Professor da Escola Superior de Moscovo. Como compositor ganhou mais de 200 prémios, dos quais cerca de 80 Primeiros Prémios! O Problema que publicamos é considerado um dos mais belos DOIS LANCES de todos os tempos!

JOGO N.º 1

Torneio Internacional de Moscovo
Abril 1981

Br. KARPOV — Pr. BALACHOV

1. C13, C16; 2. c4; g6; 3. g3, Bg7; 4. Bg2, 0-0; 5. Ce3, d6; 6. d4, Cb-d7; 7. 0-0, e5; 8. e4, c6; 9. h3, Db8; 10. Tel (*) exd4; 11. Cxd4, Te8; 12. Ca4, Da5; 13. Bf4, Ce5; 14. b3, Cf-d7; 15. Bd2, Dd8; 16. Bc3, Cc5; 17. Cb2, a5; 18. a3, Ce6; 19. Cxe6, Bxe6; 20. Dc2, f5; 21. f4, Cf7; 22. Rh2, fxe4; 23. Bxe4, Bd7; 24. Bg2, Bxc3; 25. Dxc3, Db6; 26. Cd3, Bf5; 27. Ta-d1, Bxd3; 28. Txd3, Df2; 29. Td-e3, Txe3; 30. Txe3, Rf8; 31. Dd4! (ameaça: 32. Te8+, seguido de Dxf2), 31., Dc2; 32. Db6, Te8; 33. Txe8+, Rxe8; 34. Dxb7, c5; 35. De4+, Dxe4; 36. Bxe4, Ch6; 37. g4, Cg8; 38. g5, Ce7; 39. h4, Rf7; 40. h5, Rg7; 41. Rg3 e as Pretas abandonam.

Se: 41., gxh5; 42. f5 e ganha.

Se: 41., Rf7; 42. Rg4 e ganha, pois:

Se: 42., Re6; 43. hxg6, hxg6; 44.

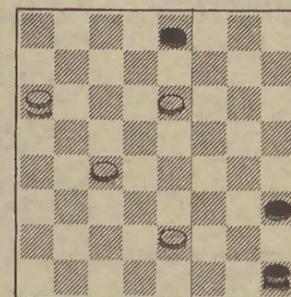
Bxg6!, Cxg6; 45. f5+ e ganha.
Se: 42., Rg7; 43. f5, gxh5; 44. Bxf7, d5; 45. h6+, Rh8; ou 45. cxd5 ou 45. Be6 e ganha.

(*) Na partida IVKOV-VAGANIAN (Rio de Janeiro/1979) continuou-se assim: 10. b3, exd4; 11. Ca4, Dd8; 12. Cxd4, Te8; 13. Tel, Cc5; 14. Cc3, a5; 15. Tbl, Cid7; 16. Be3, h5; 17. Dc2 jogo equilibrado.

Damas

PROPOSIÇÃO N.º 1

Por Alonso Guerra
Espanha 1595?



Br. 6-15-22-(24)

Pr. (1)-9-30

Jogam as brancas e ganham

Jogo n.º 1

Branças: Vitor Sequeira

Pretas: H. Medalha da Silva

Almada, Março de 1985

1. 10-14, 23-19; 2. 14-23, 28-19; 3. 5-10, 32-28; 4. 1-5, 21-17; 5. 11-14, 28-23; 6. 9-13 (equil 14-18 também é jogável.)

24-20 (única! Se: 26-21? GOLPE!! para as Br.! 13-18 e 14-18 e 12-15...); 7. 5-9, 20-16; 8. 6-11 lance fraco, pois permite a JUDIA um pouco mais adiante e fica em posição muito má. O melhor lance nesta altura seria: 12-15!, 20-16; 9. 12-15 (... e eis a JUDIA...), 19-12; 10. 8-15, 23-19; 11. 14-23, 27-20; 12. 15-24, 31-28; 13. 24-31, 29-26; 14. 31-18, 21-5; 15. 13-18, 5-1; 16. 11-15, 30-27; 17. 15-20, 17-13; 18. 20-24, 1-23; 19. 3-6, 26-22; 20. 2-5, 23-1; 21. 6-10, 1-21; 22. 9-18, 22-13; 23. 7-11, 21-7; 24. 4-11, 13-9; 25. 24-28, 9-5; 26. 28-31 e as pretas ganham facilmente! (Nótulas do vencedor).

GOLPE N.º 1

Uma vez mais se publica o Grande Golpe de JUAN GARCIA CANALEJAS (1650)... Mas é como a FORÇADA... Ainda há quem, nas grandes competições!!!, a não ganhe...

1. 10-14, 22-18; 2. 5-10, 23-20; 3. 1-5, 27-22; 4. 12-15, 20-16; 5. 14-19, 21-17; 6. 10-14, 25-21; 7. 5-10, 30-27; 8. 7-12, 16-7; 9. 3-12, 27-23; 10. 12-16 perdente... e GOLPE!!! Como?... é a pedra que está em 28 que fará Dama em 3!

